O SERTANEJO

ROMANCE

OBRAS DO MESMO AUTOR

O Ermitão da Gloria. A alma de Lazaro, 1 vol, enc. 3$. br.	2$000
Ubirajara, lenda Tupy. 1 vol. enc. 3$., br. . . .	2$000
O Garatuja. Chronica dos tempos coloniaes 1 vol enc. 2$.. br.	2$000
Iracema, lenda do Ceará, 1 vol. enc. 3$., br. . . .	2$000
Viuvinha e os Cinco Minutos, 1 vol. enc. 3$., br. . . .	2$000
As Minas de Prata, romance historico 6 vol. enc., 18$., br.	12$000
As Azas de um Anjo Comedia, 1 vol. br.	2$000
Mãi. Drama, 1 vol. br.	2$000
Discursos. 1 vol. br.	2$000

SENIO

Guerra dos Mascates. 2 vol. enc. 6$. br.	4$000
O Gaucho. 2 vol. enc. 6$., br.	4$000
A Pata de Gazella. 1 vol. enc. 3$, br.	2$000
O Tronco do Ipê. 2 vol. enc 6$., br.	4$000
Sonhos d'Oiro. 2 vol. enc. 6$., br.	4$000

G. M.

Senhora. Perfil de mulher, 2 vol. enc. 6$., br. .	4$000
Diva. Perfil de mulher 1 vol enc. 3$, br.	2$000
Lucíola. Perfil de mulher. 1 vol enc. 3$., br. . . .	2$000

J. ALENCAR

O SERTANEJO

ROMANCE BRASILEIRO

VOL. II

RIO DE JANEIRO
B. L. GARNIER
Livreiro-editor do Instituto Historico
65 Rua do Ouvidor 65
(*Antigo 69*)

1875

O SERTANEJO

I

A SAHIDA

Raiava uma formosa madrugada.

Os primeiros vislumbres desmaiavam no céo o azul denso das noites dos tropicos; e para as bandas do nascente já estampavam-se os toques diaphanos e scintillantes da saphira.

A frescura deliciosa das manhãs serenas do sertão no tempo do inverno derramava-se pela terra, como si a luz celeste que despontava trouxesse da mansão etherea um effluvio de bemaventurança.

A Oiticica, assim como em geral as vivendas campestres, despertava sempre aos primeiros annuncios do dia; e a labutação jornaleira começava ali ainda com o escuro. Nesse dia porém madrugara mais que de costume.

Quando o sino da capella bateu as matinas, e segundo uma usança militar observada nesta e em outras fasendas, com os ruflos do tambor e os clangores da trombeta soou o toque da alvorada; já havia na herdade rumor e agitação, especialmente para o lado da cavalhariça.

A luz das bugias e candeias do interior avermelhava os vidros das janellas; e por esses paineis esclarecidos passavam as sombras das pessoas que moviam-se pressurosas dentro da vasta habitação.

Pouco depois ouviu-se no terreiro tropel de animaes de sella, que os pagens para ali conduziam á destra. Ao clarão dos archotes, podia-se destinguir o vulto do Agrela e dos homens da escolta.

Abriu-se a porta principal da casa, e appareceu no patamal o capitão-mór com a familia. As senhoras montaram rapidamente, servindo-lhes de escabello o degráo da escada, e a comitiva partiu á marcha batida.

Os cavallos aspiram ruidosamente as emanações

do campo, e soltam os breves e alegres nitridos, que são o riso de contentamento do brioso animal. Ao estrepito do passo cadenciado, os passarinhos, adormecidos ainda, espertam assustados e batem as azas n'um vôo brusco.

Adeante vão Flôr e Alina: seguem-se D. Genoveva com o capitão-mór, e logo apoz padre Telles, e o Agrela á frente de uma escolta menor da que sempre acompanhava o fasendeiro em suas jornadas.

Ao chegarem á varzea, sahiu-lhes ao encontro Arnaldo, que tambem incorporou-se á comitiva, tomando logar á esquerda do Agrela, depois de saudar ao fasendeiro e familia.

Já o crepusculo da manhã começava â bruxulear as fórmas indecisas das arvores, que todavia ainda fluctuavam pela varzea como visões nocturnas embuçadas em alvos crepes.

D. Genoveva e as moças, vestidas de amazonas, com seus roupões de fino droguete guarnecido de alamares, trajavam com o mesmo, sinão maior, luxo e primor das fidalgas de Lisboa; pois naquelle tempo era sobre tudo nas casas dos opulentos fasendeiros do interior que se encontravam o fáusto e os regalos da vida.

O capitão-mór ia, como o Agrella e Arnaldo, vestido á sertaneja, todo de couro, da cabeça aos pés ; e empunhava como elles, á guisa de lança, uma aguilhada, que chamam hoje vara de ferrão, e cujo conto apoiava no peito do pé. Trazia tambem preso ao arção da sella, o laço de relho trançado.

O trajo do fasendeiro destinguia-se dos outros pela riqueza. Era de uma camurça finissima, preparada de pelle de veado, e toda ella bordada de lavores e debuxos elegantes. A vestia, o gibão e as luvas tinham os botões de ouro cinzelado ; e eram do mesmo metal e do mesmo gosto, o broche que prendia a aba revirada do chapéo, e as fivellas dos calções ou perneiras.

A aguilhada tambem fazia differença das outras. A haste cuidadosamente polida, tinha o lustre de um verniz escarlate usado pelos indios. O conto era de prata, como a ponteira, onde engastava o ferrão.

Todavia Arnaldo não trocaria por esta, a sua vara de craúba, que elle com a ponta da faca havia nas horas de repouso coberto de toscos desenhos, onde talvez escrevera a historia de sua vida. Cada uma daquellas miniaturas era uma scena do grande drama do deserto.

Nesse dia o moço sertanejo tinha juntado á suas armas habituaes, que eram a faca de ponta e a larga catana, um par de pistolas que levava á cinta por dentro do gibão, e o bacamarte que herdara do pai. Sua phisionomia revelava attenção multipla e intensa ; emquanto o seu olhar rapido prescrutava os arredores, seu ouvido attento colhia o menor rumor da floresta.

Havia n'aquella epocha entre os abastados criadores da provincia essa bizarria de se vestirem de couro á sertaneja, e associarem-se assim por mero recreio ás lidas dos vaqueiros, cujo officio desta arte ennobreciam. Nisso não faziam sinão imitar as castellões e fidalgos da Europa que tambem se trajavam de monteiros, á moda rustica, para ir á caça.

O sertão do norte offerecia então aos ricos fasendeiros uma occupação identica á das correrias de lobos e outros animaes damninhos, em que se empregava a actividade dos nobres no reino. Eram as vaqueijadas do gado barbatão, que se reproduzia com espantosa fecundidade, por aquelles uberrimos campos ainda despovoados.

Durante a secca as boiadas refugiavam-se nas serras, e escondiam-se pelas lapas e grotas, onde

passavam os rigores da estação ardente, que abrasa a rechã. Com a volta do inverno, logo que as vargens cobrem-se dos verdes rissos de panasco e mimoso, sahia o gado silvestre das biboças onde buscara abrigo, e derramava-se pelos sertões.

Antes da grande secca de 1793, foi tal a abundancia do gado selvagem em todo o sertão do norte que, segundo o testemunho de Arruda Camara, entrava nas obrigações do vaqueiro a tarefa de extinguil-o, para não desencaminhar as boiadas mansas, que andavam soltas pelos pastos.

O primeiro mez, deixavam-n'o tranquillo á refazer-se e engordar. Nem era preciso mais, tão forte é a seiva desses pastos, saturadas do sal que ali deixaram as aguas do oceano, quando cobriram toda a vastissima região. Ao cabo daquelle tempo, entravam as correrias dos fasendeiros, e tambem a dos vagabundos que viviam nomades pelo sertão.

Era á uma dessas monterias ou vaqueijadas que naquella madrugada sahia o capitão-mór, e a presença de sua familia indicava ainda um traço de semelhança entre os nossos costumes sertanejos daquella epocha e as tradicções da nobreza europea. Como as castellans de além mar, as

nossas gentis fazendeiras tomavam parte nesses jogos fidalgos, e animavam com sua graça o ardor e os brios dos campeões.

Quem observasse n'aquelle instante as damas que faziam esquipar seus ginetes á frente da comitiva, notaria sem duvida o contraste da affoiteza e galhardia que mostravam em seu gesto, com o recato e meiguice do trato familiar e intimo. Nas destemidas cavalheiras que affrontavam sorrindo os tropeços do caminho, e saltavam por cima de um tronco derribado ou de barrancos e atoleiros, não reconhecera de certo D. Genoveva, a modesta e laboriosa caseira, e as duas meninas tão mimosas.

São assim as filhas do sertão: eu ainda as conheci de tempos bem proximos aquelles; suas tradicções recentes ainda emballaram o meu berço. Esposas carinhosas e submissas, filhas meigas e timidas, no interior da casa e no seio da familia, quando era preciso davam exemplo de uma bravura e arrojo que subiam ao heroismo.

A idéa da monteria tinha partido do dono do Bargado, o capitão Marcos Fragoso, que por uma carta mui cortez mandara convidar o seu poderoso visinho e a familia.

O primeiro impulso do capitão-mór foi recusar o convite. Com a idéa que elle fazia de sua importancia e da posição que tinha naquelle sertão sujeito á sua vontade omnipotente, pareceu-lhe que derogaria aceitando favores de outrem.

A generosidade era um direito seu; elle a dispensava quando lhe approuvesse, mas não a recebia. Como os antigos reis, esse potentado não reconhecia igual dentro de seus dominios; todos os moradores, pobres ou ricos, de Quixeramobim, elle os considerava como seus vassalos.

Com muito geito conseguiu D. Genoveva persuadir o marido da conveniencia de fazer uma excepção daquella vez, afim de que ella e sua filha melhor conhecessem o Marcos Fragoso, antes de ajustar-se o casamento. Campello consentiu afinal; mas recommendou á mulher que observasse bem os aprestos do convivio, afim de excedel-os em um festim para o qual se propunha a convidar o visinho e seus hospedes.

Do outro lado do varzea, ao entrar no taboleiro, havia á borda do caminho um casebre de emboço coberto de palha. Ao avistar essa habitação isolada, o capitão-mór que investigava com olhar

de dono os logares por onde ia passando, observou-a attento.

— Agrela ! disse estacando o russo e apontando para o tecto da casa.

O ajudante seguindo a direcção indicada aproximou-se da cabana e examinou o topo da carnaúba que servia de cumieira :

— Cortada de fresco ? perguntou Campello.

— Não ha uma semana ; respondeu o ajudante.

— Traga já o atrevido á nossa presença, Agrela !

O ajudante immediatamente deu ordem á gente da escolta, que foi descobrir o dono da casebre n'uma rocinha de mandioca, á poucas braças de distancia. O homem vinha assustado.

— Como te chamas ? perguntou o fazendeiro.

— José Venancio, para respeitar e servir ao sr. capitão-mór.

—José Venancio, quem te deu licença de cortar aquella carnaúba ?

— Saberá o sr. capitão-mór que eu não cortei nas terras de Oiticica, mas lá na varsea do Milhar.

— A ordem que demos, José Venancio, é de não cortar carnaúba, em qualquer parte deste sertão.

— Eu não sabia, sr. capitão-mór ; pois não seria capaz de desobedecer á vossa senhoria. Era preciso que estivesse doudo.

— Acha que elle não sabia, Agrela ? perguntou o Campello á seu ajudante.

— O José Venancio veio morar para estas bandas ha pouco tempo e tem-se portado bem. Entendeu mal a ordem ; mas não obrou com malicia.

— Por esta vez, e attendendo á informação do nosso ajudante, ficas perdoado ; mas não caias n'outra, José Venancio.

— Juro, sr. capitão-mór !

— A carnaúba é um presente do céo : é ella que na secca dá sombra ao gado, e conserva a frescura da terra. Quem corta uma carnaúba offende á Deus, Nosso Senhor ; e nós não podemos deixar sem castigo tão feio peccado. Vae em paz, José Venancio.

O matuto curvou de leve o joelho, fazendo submissa reverencia ao capitão-mór, que proseguiu no meio de sua comitiva.

Durante essa curta demora occorreu um incidente no grupo das senhoras. D. Flor que havia parado perto de uma touceira de carnaúba, desco-

briu a umbella de uma trepadeira, aberta naquelle instante e approximou-se para colhe-la; mas não póde alcançar o pampano que ficava muito alto, e entrelaça-lo com os talos da palmeira.

— Ajuda-me, Alina!

— Você vae ferir-se, Flor! exclamou a companheira.

— Medrosa! tornou a donzella, cedendo de seu intento.

A orvalhada da noite, de que estavam cobertas as folhas, a tinha borrifado. Ficara encantadora assim, com os cabellos salpicados de aljofares. De longe ainda lançou á flor os olhos cubiçosos, e insensivelmente volveu-os na direcção de Arnaldo, com insistencia.

O sertanejo, que de parte acompanhava os movimentos de Flor, sorprehendido por seu olhar ergueu a cabeça com um gesto de revolta. A donzella voltou-se com uma dignidade fria e desdenhosa para um homem da escolta.

— Apanhe aquella flor, Xavier.

Antes que qué os outros ouvissem a ordem, já Arnaldo arremessara o cavallo á touça de carnaúbas, e colhia a flor que veio apresentar á donzella.

— Obrigada! disse-lhe ella, e deu a flor à Alina.

A posição de Arnaldo na fazenda tinha se modificado de certo modo desde a tarde do apparecimento da Bonina, quinze dias antes. E' isso que explicava sua presença ali, naquelle momento, reunido à comitiva.

O capitão-mór no dia seguinte o tinha declarado vaqueiro geral de suas fazendas; e todos o consideravam como tal, e o tratavam nessa confórmidade, excepto elle proprio, que fazia suas reservas.

O rasgo do fazendeiro naquella tarde, si a todas admirou, á elle o commovera profundamente. Depois de sua desobediencia, só uma graça especial podia mover o animo do capitão-mór em seu favor.

O Campello não era cruel, como outros muitos potentados do sertão; mas o seu rigor em manter o respeito á sua authoridade, tornara-se proverbial. Nesse ponto mostrava-se inflexivel.

Refiriam-se como exemplos, casos de individuos à quem elle mandára buscar aos confins do Piauhy, e ás mattas da Bahia, onde se haviam refugiado, para castiga-los do desacato commettido contra

sua pessoa, passando pela frente da Oiticica sem tirar o chapeo, ou pronunciando o seu nome sem a devida reverencia do tratamento e titulo.

Eram faltas estas que elle não perdoava, nem esquecia. Embora decorressem annos, em tendo noticia do culpado, despachava uma escolta para prende-lo, onde quer que estivesse. Satisfeito porém o seu orgulho, applacava-se de todo a ira; assim a maior parte das vezes o castigo não passava de um acto de submissão e quando muito de uma prova expiatoria. Obrigava o atrevido á pedir-lhe perdão de joelhos, ou mandava amarra-lo ao moirão por um dia inteiro.

Arnaldo que sabia destes factos e conhecia a severidade do capitão-mór julgava-se banido da Oiticica para sempre ; pois não lhe consentia o seu genio fazer contricção da culpa e pedir perdão da desobediencia. Mas essa indole altiva que nenhuma consideração, nem mesmo o amor de D. Flor conseguia dobrar, não resistiu ao rasgo de generosidade do velho.

O caracter de Arnaldo tinha este traço especial. Zeloso de sua independencia, e de estrema susceptibilidade nesse ponto, a menor aspereza, qualquer gesto imperativo, bastava para revoltar-lhe

os brios e torna-lo arrogante, como acontecera na mesma noite do apparecimento da Bonina, quando offendido pela reprehensão de D. Flor, lançara ao fogo o mimo da donzella.

Por outro lado tambem o coração indomavel era de cêra para os sentimentos affectuosos. Uma demonstração de amisade, um afago, obteria delle sacrificios á que nenhum poder humano teria forças de o compellir jàmais.

Por isso, depois do que acontecera, não teve animo de contrariar de novo e tão proximamente o desejo do capitão-mór. Prestou-se á desempenhar por algum tempo o emprego de vaqueiro, do qual o affastavam os seus instinctos de liberdade, os habitos de sua vida nomade, e mais que tudo uma repugnancia invencivel de servir à qualquer homem por obrigação e salario.

O vaqueiro não entra na classe dos servidores estipendiados ; é quasi um socio, interessado nos fructos da propriedade confiada à sua deligencia e guarda. Esta circunstancia levou Arnaldo á condescender por emquanto com a vontade do capitão-mór. Fosse outro o emprego, que apezar da disposição de seu animo, não o acceitaria por uma hora.

E' de presumir que mais tarde se revele a causa occulta desta repugnancia do sertanejo. Talvez a inspire o mesmo sentimento, que, em todas as occasiões e ainda mais durante o passeio, o conservava arredio da comitiva, como uma pessoa estranha á familia.

— Onde ficou o capitão Fragoso de esperarnos, D. Genoveva? perguntou o capitão-mór á mulher.

— Na mariseira.

— Ouviu, Agrella? disse o fazendeiro voltando-se de leve para fallar ao ajudante por cima do hombro.

— Ouvi, Sr. capitão-mór. E' d'aqui á meia legoa.

II

A MONTERIA

Tinha nascido o sol.

Aos primeiros raios que partiam do oriente e se desdobravam pela terra como uma vaga de luz, a natureza, rorejante dos orvalhos da noite, expandiu-se em toda a sua pompa tropical.

A cavalgada atravessa agora uma zona, onde o sertão ainda inculto ostenta a riqueza de sua varia formação geologica.

De um lado, para o norte, os taboleiros com uma vegetação pittoresca e original, que forma grupos ou ramalhetes de arbustos, semeados pelo branco areal, e divididas por um interminavel meandro.

Do outro lado, o campo coberto de mattas, no meio das quaes destacam-se as clareiras, tapetadas de verde grama, e fechadas por cupolas frondosas, como rusticos e graciosos camarins.

Além a varsea, levemente ondulada como um regaço, e coberta de grandes lagoas formadas pelas aguas das chuvas recentes.

Do seio desse diluvio, surge uma creação vigorosa e esplendida, que parece virgem ainda, tal é a seiva que exhubera da terra e rompe de toda a parte nos abrolhos e renovos.

Ali são as carnaúbas que fluctuam sobre as aguas, como elegantes columnas, carregadas de festões de trepadeiras, d'onde pendem flores de todas as cores, e aves de brilhante plumagem.

Mais longe as touceiras de cardos entrelaçam suas hastes crivadas de espinhos e ornadas de lindos fructos escarlates, que attrahem um enxame de colibris. Ahi dentro da selva espessa, fez a nambú seu ninho, onde piam as pintinhos implumes.

Era então a força do inverno.

Por toda esta vasta região, na qual um mez antes fora difficil encontrar uma gota d'agua a não ser no fundo de alguma cacimba, rolam as torrentes impetuosas de rios candaes, formados em uma noite.

A terra combusta, onde não se descobria nem mesmo uma raiz secca de capim, vestia-se de

bastas messes de mimoso, que a viração da manhã anediava como a crina de um corsel. E eram já tão altas as relvas do pasto, que inclinando-se descobriam as rezes ali occultas.

A vegetação incubada por muito tempo desenvolvia-se com tamanho arrojo, que mais parecia uma explosão ; sentiam-se os impetos da terra á abrolhar essa prodigiosa variedade de plantas que se disputavam o solo, e accumulavam-se umas sobre outras.

Eram como cascatas de verdura a despenharem-se pelos vargedos, confundidas n'um turbilhão de folhas e flores, e sossobrando não só a terra, e como as aguas que a inundavam.

A superficie de cada uma dessas grandes lagoas ephemeras, produzidas pelo inverno, tornara-se um solo fecundo, onde mil plantas palustres erguiam seus pampanos formando uma floresta aquatica.

Os cavallos em bandos e os magotes de egoas, soltos pela varsea, nitriam alegremente ao avistar a comitiva; e a seguiam por algum tempo rifando de prazer, emquanto os poldrinhos curveteavam travessos á cola das mãis.

Ao tropel dos animaes surdiam das touceiras

de panasco os novilhos e garrotes mansos, que deitavam a correr pelo campo ; mas o gallo mocambeiro esgueirava-se pelas moitas, e escondia-se manhoso á vista dos vaqueiros.

Não era sómente na terra, mas tambem no espaço, que a vida sopitada durante a maior parte do anno, jorrava agora com uma energia admiravel.

Havia festa nos ares ; a festa sumptuosa da natureza. No meio da orchestra concertada pelos cantos dos sabiás, das graúnas e das patativas, retiniam os clamores das maracanans, os estridulos das arapongas, e os gritos dos tiés e das araras.

Agora era um bando de jandaias que atravessava o espaço grasnando e ralhando, em demanda de outra carnaúba onde pousar. Passava depois a trinar uma multidão de gallos de campina, á cata do milhal ; ou um enxame de chechéos que pousava em um jatobá secco, e cobrindo-lhe os galhos mortos e nús de folhas, formava uma copa artificial com a sua lusidia plumagem negra marchetada de ouro e purpura.

As jaçanans esvoaçavam por cima das lagoas e pousavam entre os juncos. Os corrupiões brincavam nos galhos da cajaseira ; e a industrio

colonia dos soffrês construia os seus ninhos em forma de bolsas penduradas pelos ramos da arvore hospitaleira.

Nada porém mais gracioso e alegre do que os periquitos verdes, de bico branco, e tamanhos de um beija flor, que adejam em bandos de cem e mais, chilreando, como uns garotinhos, que são, dos ares.

Na cor parecem esmeraldas a voar; e no mimo e gentileza figuram os silphos desses campos, que tomassem aquella forma delicada para esconderem-se ao seio das magnolias silvestres.

A' essa hora em que o capitão-mór com sua familia seguia pelos taboleiros em busca das margens do rio Quixeramobim; outra cavalgada que partira de ponto diverso, caminhava na mesma direcção, e no passo em que ia, com pouco devia cortar o rumo da primeira.

Compunha-se esta segunda cavalgata do capitão Marcos Fragoso e seus hospedes e parentes. Tambem elles vinham encourados; mas a vara de ferrão, a tinham dado aos pagens para carrega-la, como outrora com as lanças usavam os cavalheiros de tratamento.

O dono da Bargado trazia comsigo uma grande

porção de vaqueiros sob as ordens do José Bernardo seu vaqueiro principal. Essa recua de sertanejos com os pagens formavam-lhe uma comitiva respeitavel, que sem nenhuma apparencia de escolta, era mais numerosa do que a do capitão-mór.

Vinham logo apoz á comitiva uns comboeiros, tocando animaes de carga. As canastras suspensas ás alabardas, que ainda se usavam então em vez das cangalhas, continham os aprestos necessarios para o lauto almoço, depois da monteria.

João Corrêa e Daniel Ferro seguiam adiante divertindo-se com os macaquinhos vermelhos, que saltavam pelos ramos a fazer-lhes caretas, ou que suspendiam-se pela cauda soltando uma surriada de mofa.

Ourêm que ia ao lado de Fragoso quebrou afinal o silencio com estas palavras, que pareciam completar reflexões anteriores :

— E para quando fica a nossa ida á Oiticica, primo Fragoso ? Aquella que nos annunciou na mesma noite de nossa chegada ? Não me parece já tão firme em sua resolução, e não sei si lhe lhe diga, que acha-lhe pouco geito para casado.

—Tambem a mim parecia isso impossivel ; respondeu Fragoso a rir. Mas depois que vi D. Flôr,

o impossivel è viver longe della ; e desde que não ha outro meio ?...

—Mas então que espera?

—Tenho pensado, primo. Este Campello è de uma desmarcada soberba. Elle andou outr'ora em competencias com meu pai, e teria acabado seu inimigo, si a morte não o livrasse do homem que podia fazer-lhe frente neste sertão.

—Receia que lhe recuse a mão da filha?

—E' muito capaz. Não reparou que até agora ainda não veio dar-me a boa vinda, que é de rigor entre vizinhos? Contentou-se em mandar-me o seu guarda-costa ou ajudante, como o chama; e isso apezar da hospitalidade que fomos pedir-lhe ao passar por sua fazenda.

—Talvez por isso entendesse que estava dispensado de vir pessoalmente, pois já nos havia mostrado o seu agasalho.

—Não; é pura sobranceria, que usa com a gente deste sertão. Julga-se acima de todos. Eu já o sabia por informações e acabei de certificar-me. Si não fosse a formosura e prendas da filha, que me captivaram, jà teria rompido. O meu vaqueiro, pensa o primo, que me obedece? A' cada ordem que lhe dou, sahe-se com este mote.

« O Sr. capitão-mór prohibiu. » — Depois de nossa chegada, recommendei-lhe que abrisse a represa da varzea, para que as chuvas não alagassem o caminho, como o primo tem visto, que é um brejal. Que me havia de responder o José Bernardo :— « Rasgar a repreza, patrão ? A que o Sr. capitão-mór mandou fazer, elle mesmo, o anno passado ? Do que Nossa Senhora me livre e guarde. Era preciso que eu tivesse perdido o juizo. » Ordenei-lhe então que se entendesse de minha parte com o capitão-mór; e este sabe o que lhe disse ? —« Seu patrão que me falle, elle mesmo.» Veja o que pódem em mim os olhos de D. Flôr.

—Tudo isto, primo Fragoso, é razão para abreviar esse negocio e decidil-o quanto antes. Em sabendo suas intenções, o homem hade mudar.

—Comprehende, primo Ourêm, que si tal acontecesse, era uma affronta que eu Marcos Fragoso não soffro de ninguem, por mais poderoso que elle se julgue. Tambem tenho orgulho ; e na minha familia a paciencia não é virtude de raça. Ainda ninguem offendeu um Fragoso, que não recebesse o castigo.

—Neste caso tornemos ao Recife.

—Está assim tão apressado ?

—Confesso que não tenho nenhuma curiosidade ver posto em auto cá no sertão o rapto das Sabinas; disse Ourêm motejando.

Este remoque excitou alguma sorpreza em Fragoso, que fitou o semblante de seu primo com desconfiança. Não se apercebeu disto o Ourem, cujas palavras não tinhão occulto sentido.

—Estou que não chegaremos á tal extremidade; replicou Fragoso no mesmo tom de gracejo. Apezar de toda a sua arrogancia, o capitão-mór Campello não hade ser tão difficil de contentar.

—Para mim é fóra de duvida. Onde irá elle achar melhor alliança?

— Em todo o caso eu estou previnido.

— Faz bem. E' o meio de enganar a esperança.

— E de impedir que se malogre; accresentou Fragozo vivamente.

— Não digo tanto.

— Pois eu affirmo.

Desta vez foi Ourem que fitou o olhar no rosto do primo para ler ahi a explicação de suas palavras. O sorriso de Fragozo ainda mais o embaraçou.

— O primo tem algum proposito?

— Não perguntou quando iamos á Oiticica? Pois já estamos em caminho.

— Ah! Então esta monteria?... Que ella era em honra de Diana caçadora, eu sabia; mas não suspeitava que teriamos um eclypse da lua, logo pela manhã. Assim Endymião prepara-se á arrebatar do céo a deosa?

— Pretendo entender-me com o capitão-mór na volta; conforme o que elle resolver, amanhã estaremos em sua fazenda, para fazer-lhe o pedido com as ceremonias do costume e que elle não dispensa; ou iremos caminho do Recife.

— Desta alternativa é que eu não tenho receio. Havemos de tornar ao Recife, mas depois das bodas.

— Quem sabe? Podem fazer-se lá; observou Fragozo com o mesmo sorriso malicioso que já uma vez excitara o reparo de Ourem.

— Tambem é verdade, sem que haja necessidade de me estar o primo Fragozo a fallar por allusão e com palavras encobertas.

— Pois quer mais claro, primo Ourem?

— O rapto das Sabinas de que fallei ha pouco effectuou-se no meio de uma festa. Lembra-se?

— Muito pouco. Fui máo estudante de latim e já não sei por onde anda o meu Eutropio.

— Os romanos convidaram os seus visinhos para assistirem a uns jogos marciaes ; no meio do espectaculo os sorprehenderam, e tomaram-lhe as filhas.

— A que vem agora a historia romana neste sertão ? Não me dirá ?

— Olhe; as suas meias palavras serião capazes de fazer-me desconfiar que esta monteria tinha o mesmo fim.

— E que lhe parecia o alvitre ?

— Muito romano, primo, e bem vê, que eu, na minha qualidade de togado, sou pelos meios conciliadores ; *cedant arma togæ*, como disse o velho Tullio.

— Não tenha susto. Tudo se hade fazer em boa e santa paz, eu o espero. Demais o capitão-mór não é homem com quem se arrisquem taes sorprezas, pois anda sempre com boa escolta.

— No que acho que obra como varão prudente : tornou Ourêm, aproveitando o ensejo para uma citação do Camões, que era seu poeta favorito :

« Eu nunca louvarei
O capitão que diz, eu não cuidei. »

Tinham os dois chegado à beira de uma coroa de mato, onde já os esperavam Daniel Ferro e João Corrêa, parados ao pé de uma mariseira colossal.

Era ali o ponto designado para o encontro com o capitão-mór.

Ao cabo de breve espera, ouviram o tropel dos animaes ; e os cavalleiros correram pressurosos a saudar as senhoras que já appareciam por entre o arvoredo do taboleiro.

Depois de trocadas as mais cortezes saudações, seguiram juntas as duas cavalgatas.

— Temos uma excellente manhã para a nossa monteria, Sr. capitão-mór ; disse Marcos Fragoso.

— Excellente, em verdade ; respondeu Campello circulando com o olhar os horisontes, como quem ainda não se apercebera do tempo que fazia;

Arnaldo apezar de preparado para o encontro não poude conter o movimento de repulsão que arrancou-lhe a chegada de Marcos Fragoso. Como porém estava afastado, ninguem reparou no seu gesto, nem percebeu o olhar com que elle marcava o destruidor de sua felicidade.

Desde então, o sertanejo que já se mostrava esquivo, afastou-se ainda mais e á pretexto de não estorvar o caminho aos outros, desviou-se para o lado, e seguiu por dentro do mato.

Um só instante porém não tirava os olhos de Marcos Fragoso. Attento ao seu menor gesto, cogitava entretanto comsigo no que podia occorrer nesse passeio, cujas consequencias elle ia conjecturando.

Como bem se presume, o sertanejo desde a noite em que ouvira a conversa do Fragoso e seus amigos na varanda da casa do Bargado, não perdeu mais de vista o homem a quem elle considerava seu maior inimigo.

Nessa observação o auxiliava muito o velho Job, que nos longos annos vividos no deserto adquirira a sagacidade de um indio.

Depois da volta de Arnaldo á fasenda, o capitão-mór nunca mais fallou do velho, nem alludiu ao fogo da capoeira. Era facto que parecia não ter existido para elle. E como não fosse crivel que o capitão-mór deixasse ficar sem punição um caso tão grave ; a gente da fazenda teve camo certa a morte do solitario. Havia quem affirmasse que elle fôra devorado pelas chammas,

pois ainda lhe encontrára um resto dos ossos queimados. O João Coité porém protestava, jurando por todos os santos, que Job andava ao redor de casa em figura de lobishomem, e que elle já o tinha encontrado uma vez.

Livre pois o velho das perseguições que soffria, consentiu Arnaldo que elle deixasse furtivamente a gruta onde o abrigára, para occultar-se nas visinhanças do Bargado e trazê-lo ao corrente do que ali se passava.

O Marcos Fragoso não deu mais um passo que o sertanejo não soubesse ; seguia-o como sua sombra, e por mais de uma vez o vira approximar-se da Oiticica na esperança de fazer-se encontrado com D. Flor.

Foi assim que elle descobriu a Bonina, e atinou com a rasão do sumiço inexplicavel da novilha, cujo rasto o Ignacio Góes e a sua gente não puderam descobrir.

Tinha sido uma proeza do Aleixo Vargas, que laçára a novilha no pasto, e a levára aos hombros até o curral da fasenda do Bargado. O Marcos Fragoso applaudira a lembrança ; e preparou-se para no dia seguinte conduzir elle mesmo a fu-

gitiva, toda enfeitada de nastros de fitas, e restituil-a á sua gentil senhora.

A porteira do curral porém amanheceu aberta ; e não houve mais noticia do animal. Os cães de vigia não tinham latido durante a noite para dar signal, de modo que não se comprehendia como se déra a fuga. O Moirão persignou-se ; e assentou para si que ahi andavam artes de Arnaldo, ou bruxarias, o que vinha a dar no mesmo.

Quando pois tres dias antes chegára á Oiticica o convite do capitão Marcos Fragoso para uma monteria, Arnaldo advinhou que o mancebo desejava, antes de pedir a mão de D. Flor, mostrar ainda uma vez à donzella sua bizarria, e captar-lhe a admiração.

Nessa mesma noite porém observou elle uma circumstancia que o pôz de sobre aviso.

Tinha chegado á fasenda do Bargado na vespera um bando de gente armada, vinda dos Inhamuns, donde com certeza a fôra chamar um proprio, que o Arnaldo vira partir oito dias antes.

Além disso notou o sertanejo nessa e nas seguintes noites uma arrumação e movimento d'armas de toda a casta, que mesmo para aquelles tempos de falta de segurança, eram desusa-

dos, e indicavam preparativos de alguma expedição.

Na vespera tornára elle já noite alta á sua rêde na cópa do jacarandá, bem convencido de que o Fragoso tramava alguma cousa; e essa convicção ainda o dominava naquelle momento.

Tambem não lhe escapou a quantidade de vaqueiros e pagens que formavam a comitiva do dono do Bragado; entretanto não era isso que que mais o inquietava; porém o receio de um perigo vago e indefinido, que elle sentia agitar-se em torno de si, mas que não podia apprehender.

III

O DOURADO

A cavalgada chegara á uma ligeira eminencia d'onde se dominava toda a planura em torno.

Era d'ahi que melhor podia-se apreciar o aspecto dessa natureza multipla, que se desdobrava desde a baixa até as serras de Santa Maria, Santa Catharina, e do Estevão agrupadas ao norte, e da serra do Azul, que apparecia mais longe para as bandas do Aracaty.

Nos taboleiros, um bando de emas apostavam carreira com os veados campeiros ; as raposas davam caça ás zabelês; e o tamanduà passeava gravemente hasteando o longo penacho de sua cauda á guiza de bandeira.

Pelas margens das lagoas os jaburús caminham lentos e taciturnos ou miram-se immoveis nas aguas. As garças carmeiam com o bico a alva plu-

magem: e o maranhão dorme ainda, em pé no meio do brejo, com a cabeça mettida em baixo da aza e uma das pernas encolhida.

Alem apparecia ao longe um mar doce. Era o Quixeramobim, que pejado com as chuvas do inverno, transbordara do leito submergindo toda a zona adjacente. No meio desse oceano boiava uma corôa de terra, que a torrente impetuosa arrancara da margem, e que delisava como uma ilha fluctuante.

Uma vaca sorprehendida naquella nesga do solo continuava a pastar muito tranquilla o capim viçoso, e as vezes fitava admirada a margem, que ia fugindo rapidamente à sua vista.

A varsea estava coalhada de gado,que no comprido pello e no aspecto arisco mostrava ser barbatão. Os touros erguendo a cabeça por cima das franças do panasco, lançavam á comitiva um olhar inquieto.

— E' boi como terra ! exclamou o Daniel Ferro com o seu fallar sertanejo.

— Nem porisso ; observou Ourem. Pela noticia, esperava outra cousa. Ali haverá quando muito umas cem cabeças.

— Esse é o que está no limpo. a descoberto; e o outro? acodiu Agrela.

— Aonde?

— Por dentro do capim. Repare quando dá o vento!

Depois de uma breve pausa, para descanço dos animaes, os cavalleiros prepararam-se para começar a monteria.

Como se tratava principalmente de campear os touros bravos por divertimento, o vaqueiro do Bargado com seus rapazes, deu cerco à varzea, tangendo o gado para o limpo, afim de escolherem os cavalleiros os touros que deviam correr apostados entre si, como era costume nessa caçada original.

Estava o capitão-mór e seus companheiros de observação, quando viram á desfilada o José Bernardo.

— Lá está o Dourado, Sr. capitão; gritou elle de longe, mas velando a voz como receioso de ser ouvido álem.

— Pois seja bem vindo, o Dourado; ainda que eu não tenho a fortuna de o conhecer, ao tal senhor; disse o Marcos Fragoso galanteando.

— Pois não o conhece? acodiu o capitão-mór.

E' verdade que desde menino sahiu do Quixeramobim, onde nasceu e creou-se ; sinão havia de ter noticia delle.

— E' então algum façanhudo ? tornou o mancebo no mesmo tom.

— Tem fama por todo este sertão ; respondeu gravemente o capitão-mór.

— E a fama já chegou aos Inhamuns ; accrescentou Daniel Ferro.

— Póde ser ; nunca ouvi fallar delle.

— Porque ha tres annos que o primo Fragoso lá não vae ; o Recife enfeitiçou-o.

— Mas em summa, senhores, atalhou o Ourem curioso ; quem é esse illustre e famoso Dourado, do qual já que o nosso Camões não teve delle noticia, farei eu,

« Que se espalhe e se cante no universo,
« Si tão sublime preço cabe em verso. »

O capitão-mór voltou-se para o padre Telles, que pelo geito accumulava ao cargo de capellão o de chronista :

— Padre Telles, conte aos senhores a historia do Dourado.

— O Dourado é um boi... ia começando padre Telles.

— Um boi ? atalhou o Ourem desconcertado.

— Eu tambem pensei que era algum valentão : observou o João Correia que partilhára da sorpresa.

— E eu tinha por certo que era o rei daquelle celebre encantado, de que tanto se falla, e que debalde procuraram os descobridores, inclusive o nosso Pero Coelho. Mas talvez que o El-Dourado virasse boi ! tornou Ourem.

— Boi, sim ! affirmou o capitão-mór por sua vez admirado da estranhesa do licenciado. Então que pensavam os senhores ? E' um boi destemido e que tem zombado dos melhores vaqueiros deste sertão. Ha sete annos que elle appareceu, e até hoje ainda não houve quem se gabasse de por a mão no Dourado.

O capitão-mór fallou com ufania como si as proezas do animal se contassem entre os brazões de sua fidalguia sertaneja. Nisso mostrava bem que era cearense da gemma.

— Nem o Louredo, nosso vaqueiro, pae do Arnaldo... Onde está elle ?

O fazendeiro voltára-se para procurar com a vista ao rapaz ; mas não o encontrou.

— Nem o Louredo, que foi o mais afamado campeador de todo este sertão, pôde com o Dourado ; e não foi por falta de vontade, que uma vez andou-lhe uma semana inteira na pista. Mas tambem tal medo tomou-lhe o boi, que levou um sumiço grande... Ha bem quatro annos que não se tinha noticia delle. Não é isso, padre Telles ?

— Ha de fazer pela paschoa, sr. capitão-mór ; respondeu o reverendo.

— Já vejo que o Dourado é um heróe, um touro de Marathon, que ainda não encontrou o seu Theseu.

— Todavia não é para comparar-se com o Rabicho da Geralda ! observou o Daniel Ferro.

— Temos outro barão assignalado ? acodiu o Ourem.

— Deste, já eu tinha noticia. Ha uma cantiga de vaqueiros ; acodiu João Correia.

— Ainda esta noite os rapazes a cantaram lá no Bargado ; tornou Daniel Ferro que entoou a primeira quadra da trova :

Eu fui o liso Rabicho
Boi de fama conhecido,
Nunca houve neste mundo,
Outro boi tão destemido.

Padre Telles, que fôra atalhado na sua chronica do Dourado, aproveitou o ensejo para introduzir tambem a sua quadra.

Minha fama era tão grande
Que enchia todo o sertão ;
Vinham de longe vaqueiros
P'ra me botarem no chão.

— Já vejo que este foi uma especie de Minotauro, pois tinha de homem a falla ; observou o Ourem que ria-se daquelles enthusiasmos sertanejos.

O capitão-mór ordenou silencio com um gesto para oppôr a seguinte contestação :

— O Rabicho da Geralda, Sr. Daniel Ferro, foi sem duvida um corredor de fama. Nós ainda conhecemos o José Lopes, vaqueiro da viuva, que nos contou as proezas de seu boi. Mas nosso parecer é que não chegava ao Dourado.

— Veja o sr. capitão-mór que o Rabicho zombou dos melhores cantigueiros de todos estes sertões, até do Ignacio Gomes que ainda hoje tem nome na ribeira do S. Francisco.

— Não era nada á vista do Louredo, nosso vaqueiro ; póde acreditar, que é a verdade.

— O Rabicho andou onze annos fugido, sem

que se tivesse noticia delle ; e o Dourado, como o sr. capitão-mór mesmo disse, só a sete annos é que appareceu.

— Onze annos ? interrogou o fazendeiro :

— A cantiga diz :

Onze annos eu andei
Pelas catingas fugido ;
Minha senhora Geralda
Já me tinha por perdido.

O argumento tirado da cantiga, embaraçou o capitão-mór, que voltou-se para o ajudante :

— Que lhe parece, Arnaldo ?

O ajudante acodiu prompto.

— E' certo, senhor alferes, que o Dourado, como disse muito bem o sr. capitão-mór, só ha sete annos appareceu ; mas ninguem sabe quantos annos andou sumido pelas serras, sem que se soubesse delle. Ora, sendo um boi ainda novo, como attestam quantos o conhecem ; não é muito que viva ainda uns vinte annos e mais.

— Então que diz a isto ? perguntou o capitão-mór triumphante com a argumentação de seu ajudante. Vinte annos para onze !...

— Ainda não me rendo ; tornou o Daniel Ferro. Si o Dourado póde durar ainda vinte annos,

o que não nego, o Rabicho com certeza chegaria aos trinta si não viesse aquella secca tão grande. Foi preciso ella para acabar com aquelle boi.

O capitão-mór outra vez embaraçado volveu o olhar ao ajudante que não demorou a replica.

— Ahi está a differença. O Rabicho acabou com a secca, e o Dourado escapou della, como escapará de todas as outras por maiores que sejam.

— Está vendo ? concluiu o fazendeiro peremptoriamente. Póde jurar em nossa palavra, Sr. Daniel Ferro. Nunca houve boi como o Dourado ; quem lh'o diz é o capitão-mór Gonçalo Pires Campello ; si alguem dissér o contrario, mentiu.

Em vista desta affirmação cathegorica, o Daniel Ferro hesitou na replica ; pois o argumento do sophistico ajudante não o convencêra. Mas era teimoso, e em risco de incorrer no desagrado do potentado, ia sustentar a sua opinião, quando felizmente occorreu uma circumstancia, que poz termo ao incidente.

Era tempo. O Agrela previra o effeito que a insistencia do Daniel Ferro ia produzir no capitão-mór, cuja vontade imperiosa não soffria a minima contrariedade e estava acostumada a ser, não

sómente obedecida como lei, mas aceita como ponto de fé.

Receiando pois que a partida de prazer tão aprazivelmente começada, fosse interrompida por um desagradavel conflicto ; o ajudante aproveitou-se do primeiro pretexto para desviar da disputa a attenção do potentado :

— Lá está o Dourado ! exclamou com grande alardo, apontando para a varsea. Senhores, o Dourado !...

O capitão-mór adiantou-se para vêr o famoso corredor. D. Genoveva e as moças aproximaram-se com viva curiosidade. Marcos Fragoso, Ourem e o capellão que fallavam com as senhoras justamente á cerca do heroe, acompanharam o seu movimento.

Agrela tinha apontado á esmo para um boi, cuja côr podesse até certo ponto desculpar o engano. Mas o acaso incumbira-se de tornar certo o seu dito ; pois precisamente naquella occasião, o rei dos pastos de Quixeramobim, assomava no descampado.

Era um boi alto e esguio. Seu pello isabel na côr, longo, fino e sedoso, brilhava os raios do sol com uns reflexos luzentes, que justificavam o

nome dado pelos vaqueiros ao lindo touro. Em vez das largas patas e grossos artelhos dos animaes de trabalho, elle tinha as pernas delgadas e o jarrete nervoso dos grandes corredores.

Os chifres não se abriam para diante em vasta curva, mas ao contrario erguiam-se quasi rectos na fronte como dardos agudos, e á semelhança da armação do veado. Esta particularidade indicava que o barbatão não se criara nas varseas, mas que desde garrote se acostumara á bater as brenhas mais espessas, e á atravessar os bamburraes emaranhados.

Azara refere ter visto no Paraguay muitos exemplares desta especie de ciffres verticaes e direitos, a que ali dão o nome de *chivos*.

O Dourado tangido pelos fabricas de José Bernardo, havia parado no meio da varzea. Em sua attitude garbosa, reconhecia-se a altivez do touro bravio, filho indomito do sertão, nascido e criado á lei da natureza. Tinha elle a magestade selvagem das feras, que percorrem livres o deserto, e não reconhecem o despotismo do homem.

Com o pescoço curvo e a fronte alçada, o touro lançava aos cavalheiros um olhar de desafio, batento o costado com a ponta da cauda arqueada,

e escarvando o chão de leve com a unha direita. Um borborinho surdo resoava no vasto peito, que sublevava-se para soltar o mugido.

Todavia não se notava neste aspecto a sanha terrivel do touro sanguinario, que arroja-se ao combate cego de furor, e dilacera a victima com as pontas aceradas, ou vae cahir aos pés do inimigo exhausto pelos impetos violentos.

O Dourado tinha a coragem calma; elle conhecia o homem, e estava habituado a affronta-lo. No olhar com que observava os cavalheiros descobria-se unida á segurança do corredor, que não teme ser vencido, a sagacidade do boi manhoso e experiente que calcula o perigo, e sabe acautelar-se.

— Então é aquelle o vitello de ouro, reverendo? disse Ourem voltando-se para o capellão. *Vitulus conflatilis* !

— Neste caso, senhor licenciado; replicou Padre Telles; é preciso seguir o exemplo de Moysés, que o queimou, reduziu á pó, dissolveu em agua e o deu a beber aos filhos de Israel, *combussit et contrivit usque ad pulverem, quem sparsit in aquam et dedit in eo potum filiis Israel.* Exodo, cap. 32. versete 20.

— Em o nosso caso não acha, reverendo padre Telles, que bastaria assa-lo para o almoço?

— E' o que eu estava pensando, snr licenciado; e creio que o consumiriamos melhor assim ou n'uma boa assorda do que pelo processo de Moysés.

Emquanto o licenciado e o capellão faziam estes gastos de erudicção biblica, as outras pessoas trocavam suas observações acerca do Dourado.

D. Flor tambem contemplara o animal com satisfação, pois tinha seu instincto de sertaneja, filha daquelles campos e nelles criada. Além disso possuia o sentimento do bello, e sabia admiral-o em todas as suas formas.

— O Dourado hade ter o meu ferro! exclamou com um arzinho de princeza que lhe assentava ás maravilhas.

— Si levar algum, com certeza não será outro sinão o seu, Flor; disse o capitão-mór.

A donzella soltando a exclamação a que o pai acabava de responder, insensivelmente volvera o olhar, e encontrou Arnaldo que pouco antes se aproximara do grupo. Ao torvo e sombrio aspecto do mancebo, e talvez á lembrança do que acontecera com a flor, desviou a vista rapidamente.

— Então, senhores, vamos ao Dourado? disse o capitão Marcos Fragoso.

— Ao Dourado! exclamou Daniel Ferro.

— E' á toa, só para correr; ponderou o capitão-mór. O Dourado, não ha quem lhe deite a unha; dos que estão aqui, não desfasendo em ninguem, só vejo o Arnaldo, nosso vaqueiro, filho do Louredo; mas quando tiver a experiencia do pai.

— Não conheço; disse Marcos Fragoso desdenhosamente.

O capitão-mór acenou para Arnaldo.

— Vém cá, rapaz. Aqui está: basta olhar, para vêr o filho de quem é.

Os dois mancebos trocaram um olhar rapido. Fragoso advinhou que tinha em Arnaldo um inimigo. Arnaldo conheceu que fora comprehendido; e isso causou-lhe intima satisfação. Na sua lealdade, estimava que o adversario estivesse prevenido de seu odio, para que não lhe imputasse uma perfidia. Essa primeira advertencia, elle pretendia da-la, ainda mais franca, logo que chegasse o momento de executar a sua resolução.

— Que dises, Arnaldo? E's capaz de tirar o feitiço ao Dourado?

— Não sei, sr. capitão-mór ; ainda não lhe dei uma corrida : por isso não posso avaliar. Mas até hoje não encontrei boi que deitasse poeira no Corisco ; disse o sertanejo singelamente e alisando a clina do cardão.

— Pois affianço-lhes eu, senhores, que o Dourado vae dar a sua ultima carreira ; exclamou Marcos Fragoso brandindo a vara de ferrão com galhardia. Terei a honra de offerecer-lhes ao almoço uma costella do herói.

— Eu prefiro o lombo ; disse o capellão.

— O principal é outro porém ; continuou o mancebo exaltando-se. Entre os mimos de noivado que tenho de offerecer breve á formosa das formosas, figura um par de sandalias mouriscas de velludo cravejadas de perolas ; e aqui neste momento, diante destas damas, do sr. capitão-mór e de quantos me ouvem, os quaes todos tomo por testemunhas, faço voto de tirar as sólas das sandalias do couro do Dourado, com a minha propria mão!

— Não é mal lembrado ; observou Ourem. Naturalmente foi de algum boi corredor como este que o gigante fez as suas botas de sete legoas, e as fadas tiraram os seus chapins. Os cothurnos de Mercurio deviam ser do mesmo couro.

Marcos Fragoso referindo-se ao mimo de noivado, que destinava à formosa das formosas, dirigiu o olhar tão claramente á D. Flor, que todos comprehenderam a allusão, excepto a donzella, que ainda estava distrahida a ver o barbatão, e o capitão mór que não attendendo ao gesto expressivo, deu ás palavras do dono do Bargado outro e mui differente sentido.

Entendeu elle que Marcos Fragoso já tinha ajustado casamento com outra moça. Este facto o contrariou ; mas por isso mesmo, bem longe de demovê-lo do projecto de casar o mancebo com D. Flor, mais o affirmou nessa resolução. O seu orgulho não soffria que o homem por elle escolhido para marido de sua filha, fôsse capaz de recusar tão grande honra e favor ; e preferir outra alliança ainda mesmo quando já estivéra tratada.

Outro sentimento porém, e tão forte como este, reagiu no fazendeiro. Foi o desgosto pela jactancia do Marcos Fragoso dando como certa a sua victoria sobre o barbatão. O senhor de Quixeramobim sentia-se profundamente offendido com essa presumpção, que de algum modo o amesquinhava na pessoa daquelle boi, que era como que uma gloria dos seus vastos domi-

nios, e cuja fama fazia de algum modo parte de sua importancia.

— Ora ! ora !... exclamou o capitão-mór com um grosso riso de mofa. Eu me obrigo á assar no dedo a carne que o senhor tirar do Dourado ; mas tambem si não pegar o barbatão, o que é certo ; hade ter paciencia que lhe mande um mamóte para tirar a sóla das taes chinellas. Está ouvindo ?

— Topo, sr. capitão-mór ; retorquiu Fragoso picado ao vivo pela zombaria do fazendeiro ; e juro-lhe que heide fazer hoje melhor monteria do que pensa vossa senhoria.

Arnaldo, cuja attenção estava alerta, notou a inflexão particular com que o mancebo proferira as ultimas palavras e sorprehendeu-lhe o olhar ironico lançado ao capitão-mór.

Tambem Agrela tinha observado esse pormenor ; mas o attribuira a leve ressentimento causado pelo motejo do fazendeiro.

Não se imagina o esforço que desde o encontro das duas cavalgadas, fazia Arnaldo para não precipitar-se contra Fragoso, quando este aproximava-se de D. Flor e lhe dirigia os seus rendi-

mentos cortezes ou fitava nella os olhos namorados.

Nunca elle tinha soffrido as dôres, que então o trespassavam ; nem pensara que homem as podesse curtir.

IV

O SORUBIM

As vaqueijadas do gado bravio, ou monterias como ainda as chamavam á moda portugueza e classica, pouca differença tinham quanto ao modo das que se fazem ainda agora no sertão, durante o inverno e depois.

Naquelle tempo é certo que o gado barbatão multiplicava-se com pródigiosa rapidez ; e os vastos campos incultos, bem como as florestas ainda virgens,offereciam ás manadas selvagens refugios impenetraveis.

D'ahi provinham essas famosas correrias tão celébradas nas cantigas sertanejas, e nas quaes os vaqueiros gastavam semanas e mezes á caça de um boi mocambeiro, que elles perseguiam com uma tenacidade incansavel, menos pelo interesse, do

que por satisfação de seus brios de campeador.

Não era porém uma vaqueijada de campeiros essa, para o qual o capitão Marcos Fragoso tinha convidado o senhor da Oiticica e sua familia. Tratava-se de uma verdadeira monteria, ou caçada á moda européa, com a differença de serem as armas e trajes venatorios substituidos pelos petrechos do vaqueiro.

O José Bernado portanto havia espalhado sua gente de modo á fazer com o seio do rio o cerco da várzea, tomando as sahidas por onde o gado podia evadir-se. Esse cordão vivo suppria assim os muros das coutadas, e fechava um vasto ambito, no qual os cavalleiros podiam correr um ou mais touros e gosar assim das emoções da caça.

Tomadas estas disposições, correu o vaqueiro do Bargado a previnir seu patrão de que podiam dar começo ao divertimento.

— Então, senhores?... O campo está seguro, diz o meu vaqueiro: exclamou Fragoso.

— Prompto! acodiu Daniel Ferro, que ardia por mostrar a valentia dos filhos de Inhamuns.

— O senhor capitão-mór dará o signal: tornou Fragoso com um gesto de defferençia

O velho Campello afirmou-se na sella, e sobra-

çando á direita a vara de ferrão, soltou o brado estridente do vaqueiro ao disparar, voz que traduz-se aproximadamente por esta interjeição :

— Ecou !...

Ao grito do capitão-mór, outros reboaram ; e os seis cavalleiros arremessaram-se de ladeira abaixo no encalço do Dourado.

O touro barbatão respondera ao grito dos vaqueiros com um mugido manhoso e affastara-se á meia carreira, como para poupar as suas forças ou medir as do inimigo, De vez emquando voltava a cabeça para ver o avanço que levavam os cavalleiros.

As senhoras ficaram na eminencia, guardadas pela escolta, e acompanhadas do padre Telles, que viu com um suspiro affastarem-se os outros : e lembrou-se com saudades dos tempos, em que na ribeira do Chorό elle campeava os garrotes e novilhos barbatões, montando em pello no primeiro cavallo que apanhava dos magotes soltos pelo campo.

Padre Telles tinha um tanto da polpa desses padres sertanejos, de que houve tão grande copia até 1840 ; sacerdotes por officio, elles envergavam a batina como uma coiraça ; e lá se iam pelo

interior á cata de aventuras. O capitão-mór porém era formalista; e não admittia costumes profanos em seu capellão.

Tambem D. Genoveva, si não fosse o recato de seu sexo, de que o marido não a dispensava, ainda mais em presença de estranhos, tomaria parte na monteria, para que se julgava com animo e disposição. Era ella destemida cavalleira; e de certo desempenhar-se-hia melhor da empreza do que o Ourem e o Correia, moradores da cidade, e não affeitos a esses exercicios dos nossos campos.

— Vamos nós tambem divertir-nos, Flor; disse a doná lançando o cavallo avante.

— Anda, Alina! exclamou a donsella seguindo a mãe.

Padre Telles a pretexto de acompanhar as senhoras, lá se foi tambem com ellas a campear as novilhas que pastavam ali perto. Apezar de não ser esse gado barbatão como o outro; todavia não era de todo manso, e as vezes a rez perseguida voltava-se para atirar uma marrada, que as dextras cavalheiras evitavam no meio de risadas e folgares.

Mais timida, Alina deixara-se ficar na collina; e depois de alguma hesitação aproximou-se de

Arnaldo, o qual ainda immovel no mesmo logar seguia de longe a corrida com um olhar avido e soffrego.

— Não foi campear, Arnaldo? disse a moça á meia voz.

— Não, Alina! respondeu o sertanejo concisamente sem tirar os olhos da varzea.

— Eu sei a razão! tornou a orphã com uma reticencia misteriosa.

Arnaldo olhou-a de travez para sorprehender-lhe no rosto o pensamento.

— Foi para ficar perto de mim. Não acertei? disse Alina com um sorriso de melancolica faceirice.

Arnaldo fechou-se, e retorquiu em tom breve e esquivo:

— Não gosto destas caçadas. Campear é no largo, onde o boi acha mundo para fugir; e não fecha-lo como n'um curral para ter o gosto de o matar depois de cançado. Um vaqueiro não soffre isto. Aqui está a razão porque fiquei, Alina.

— Ah! eu sabia que não era por mim; disse-o brincando. A Sra. D. Genoveva não me chama sua noiva, Arnaldo? E' para zombar de mim!

Alina proferiu esta phrase com o mesmo tom

de faceira melancholia, e tão queixoso, que Arnaldo sentiu-se commovido.

— Não é de você, Alina, que zombam ; mais de mim. Eu não sou vaqueiro ; sou um filho dos matos, que não sabe entrar n'uma casa e viver nella. Minhas companheiras sãos as estrellas do céo que me visitam á noite na malhada; e a juruty que fez seu ninho na mesma arvore em que durmo. Seu noivo deve ser outro. Eu lhe darei um que a mereça.

— Já tenho ; disse Alina.

— Qual ? perguntou Arnaldo sorprezo.

— Não é da terra, não. Está lá perto das estrellas, suas companheiras: é o céo.

Arnaldo não attendeu á resposta da moça. Um accidente que occorrera ali perto, na falda da collina, acabava de sorprehende-lo.

D. Genoveva e a filha continuavam a perseguir as rezes que lhes ficavam proximas, e padre Telles, um tanto emancipado com a ausencia do capitão-mór, acompanhando-as nesse folguedo, empunhava um ramo de caoássú que elle quebrara para fazer as vezes de aguilhada.

D. Flor tinha nessa manhã um pequeno chale escarlate de garça de seda que lhe servia de gra-

vata, e cujas pontas fluctuavam-lhe sobre o peito do vestido de montar. Lembrando-se que a côr vermelha tem a propriedade de enfurecer os touros, os quaes suppondo ver o sangue, tornam-se ferozes; a temeraria donzella desatou a facha, e começou a agita-la como uma bandeirola para irritar as rezes e gozar do prazer de affrontar o perigo e escapar-lhe.

Entretanto um boi sorubim, que estava escondido nas balsas de um alagado, surdiu fora, e lançou de longe para a moça que não o via um olhar traiçoeiro. Era um animal corpulento, de marca prodigiosa, como raros exemplares se encontrão no sertão, hoje que as nossas raças domesticas estão decahidas daquelle vigor primitivo que tomaram ao influxo e contacto do novo mundo.

De repente o barbatão, levado por seus instinctos perversos, e tambem assanhado pelo chale escarlate que a moça imprudentemente agitava; abaixou a cabeça armada de chifres enormes, e arremetteu, bufando um surdo bramido.

D. Flor estava de costas, e não o viu. Ao vivo aceno de sua mãi assustada, voltou-se sorrindo e só então conheceu o perigo que a ameaçava. O touro vinha-lhe sobre com a violencia de uma

tromba. Corajosa como era, não se atemorisou a donzella ; mas tomada de sorpreza como fôra, tinha hesitado um instante ; e tanto bastou para frustar a sua calma e destreza. Quando o baio, obedecendo ao soffreio que o empinou, já rodava sobre os pés para saltar e pôr-se fóra do alcance do touro, este chegava como a bala de um canhão.

Então um urro medonho encheu o espaço abafando o grito de afflicção, que ao mesmo tempo escapara dos labios de D. Genoveva e de Alina.

Arnaldo advertido pelo primeiro mugido do touro volvêra o olhar para o ponto, e vira a féra já no meio da carreira com que investia para a moça. Alina ouviu um arranco. Era o sertanejo que passava por diante della, como um turbilhão.

D. Flor que se considerava já ferida pelas pontas do touro, admirou-se de estar ainda montada no baio, o qual se arrojara ao lado ; e de achar-se incolume, sem outro damno além de um leve rasgão de sua roupa de montar. Voltando o rosto para o logar, comprehendeu então a donzella, o que se passara.

Arnaldo, ao arrancar, tinha sacado o laço do arção da sella onde o trazia prezo, e rolando-o acima da cabeça, o arremessára com a mão segura do vaqueiro, que nunca errou o boi á disparada. Apanhado pelos chifres, o sorubim estacára; e no repellão que déra para safar-se havia furado a fralda do roupão de D. Flor.

Esbarrado em seu impeto, o touro soltando o urro medonho que ribombou até o fundo da floresta, redobrára de furor. Rodando para fazer frente ao adversario, escorou-se no laço, a cavar o chão com as unhas, e á amollar as pontas na terra. Quando acabou de visar bem o alvo, partiu como um tiro de morteiro.

Arnaldo deitára-se sobre o arção, alongando a vara de ferrão pela cabeça fóra do cavallo, e apoiando o cabo na coixa forrada não só pela perneira, como pelo gibão de couro. Assim em guarda correu elle sobre o touro, e topou-o no meio da carreira.

O aguilhão afiado cravára-se no meio da testa do touro, que recuou trespassado pela dôr. Com o impeto a vara tinha vergado como um arco prestes a romper-se ; e o cavallo foi repellido a

tres passos para traz. Mas o sertanejo não se abalára da sella.

Ourem que observou de longe a scena repetia ao João Correia estes versos de Camões :

> Qual o touro cioso que se ensaia
> Para a erna peleja, os cornos tenta
> No tronco de um carvalho ou alta faia.
> E o ar ferindo, as forças experimenta.

Recolhendo a vara, Arnaldo déra liberdade ao cardão,que reatou a desfilada um instante suspensa pelo tope, e passou ao lado do sorubim, o qual tambem de seu lado proseguia na investida.

Chegados ao extremo da corrida, ambos, o touro e o cavallo, voltaram-se rapidamente ; pararam um instante, o touro a fazer pontaria, o cavallo a espera-la ; e partiram ambos como da primeira para novamente esbarrarem-se a meio da carreira.

Assim divertiu-se o sertanejo em excitar a sanha do touro furioso, e topa-lo na ponta da vara de ferrão. Depois de ter brincado com elle, como um gato com o ratinho, a quem deixa fugir por negaça e para ter o prazer de o filar outra vez ; o rapaz em vez de recebê-lo na ponta do agui-

lhão, desviou o cavallo do impeto, e alongando-se com o animal, torceu-lhe a cauda entre dois dedos, e com um geito especial a que no sertão chamam *mucica.*

O possante animal tombou por terra, como si um clava o abatesse. Sem apear-se, o sertanejo retirou o laço, e com uma rapidez de maravilhar deu um talho no rejeito das mãos, com o que peou completamente o animal, e tornou-o inoffensivo.

Terminada esta operação, que não consumira com a luta precedente mais de minutos, Arnaldo veio postar-se no mesmo logar que anteriormente occupava na chapada da collina, e donde continuou a observar a corrida que os cavalleiros davam no Dourado.

No momento em que o capitão-mór partira com os outros campeadores, Arnaldo não se influira, Como dissêra á Alina, elle não gostava daquellas correrias em que os homens assaltavam insidiosamente os touros, tomando-lhe os passos por onde poderia evadir-se. Parecia-lhe isso pouco generoso. Um bom campeador jà tinha demais a rapidez de seu cavallo, para pedir ainda auxilio de outros vaqueiros.

Todavia ficára de observação, porque si o Marcos Fragoso se mostrasse capaz de pegar o Dourado, elle propunha-se a arrebatar-lhe a satisfação desse triumpho como já fizéra uma vez; e comsigo mesmo tinha jurado que as solas daquellas chinellas de que fallára o namorado capitão, si este chegasse a corta-las, teria feito a ultima proesa de sua vida.

Tornando agora a seu ponto de observação, continuou a acompanhar a corrida; mas já então excitado pelo assalto do sorubim, dava combate a si para permanecer ali immovel, quando lá estava um boi famoso a desafiar os seus brios de campeador.

Entretanto a corrida proseguia com varios accidentes no meio do alarido dos cavalheiros, e do estrepido com que a gente postada pela varzea afugentava o gado acossado que buscava escapar-se do circo.

Logo no principio o Ourem e o João Correia mostraram que não basta envergar uma roupa de couro para tornar-se vaqueiro. Não eram máos cavalleiros de cidade; mas cousa mui diversa é correr em um campo alagado e co-

berto de mato, onde de repente falta o sólo ao cavallo, e o espaço ao homem.

Daniel Ferro, este desempenhára galhardamente as barbas dos vaqueiros de Inhamuns ; e o Campello apezar de sua corpulencia não lhe ficava atraz. Quanto ao Agrela, sabia que sua obrigação era ir ao pé do capitão-mór, e assim o acompanharia ao inferno.

O melhor cavalheiro porém, aquelle que ia na frente e com muito avanço, era o Marcos Fragoso. Além de agil e consumado na arte da equitação, como nas outras proprias dos mancebos nobres de seu tempo ; elle montava um soberbo cavallo dos Cratiús, e corria atraz de um tropheu para o seu amor. Nem o cavallo, nem elle, careciam de um aguilhão, pois eram briosos ambos ; mas o primeiro sentia o roçar da espora, e o segundo pensava no remoque do capitão-mór e no desgosto que soffreria si não cumprisse o voto feito á D. Flor.

Quando Arnaldo voltára a collina, Fragoso acreditava que o Dourado não lhe podia escapar. O boi corria frouxamente ; e mal guardava entre elle e o cavalleiro a distancia de cem passos. Mettia-se nas moitas que encontrava pelo cami-

nho, como para descançar um momento ; e dava todas as mostras de fatigado.

Era um boi astuto e manhoso, o Dourado. Elle sabia que estava cercado, e embora não tivesse perdido a esperança de escapar-se ; comtudo receiava encontrar por diante homens armados de varas que lhe embargassem o passo. Assim tinha por mais prudente cançar primeiro os cavallos; e para isso fingia-se elle estafado, afim de excitar os campeadores a apertar a carreira na esperança de o pegar.

Entretanto, D. Flor aproximára-se de Arnaldo. A donzella, como sua mãi, não tinha agradecido ao mancebo, o acto de destreza com que lhe salvàra á vida. Era isso um facto natural, e que não lhes grangeára nenhuma gratidão ; ambas conheciam a dedicação do filho da Justa ; e recebiam delle essas provas de amizade, como as receberiam de um parente, de uma creatura sua.

A donzella porém lembrou-se que Arnaldo conservava um ressentimento della, desde a noite do mimo, em que talvez fôra injusta : e aproximou-se para com uma palavra meiga e affectuosa aplacar seu animo susceptivel e rispido.

Mas no momento em que chegava á seu lado,

Arnaldo arrancando o cardão em um salto, disparava pela collina abaixo, soltando esse brado pujante, que o sertanejo aprendeu do indio, seu antepassado.

Esse brado é como o rugido do rei do deserto ; elle tem a fereza do bramir do tigre, e a vibração do trinir do leão ; mas quando repercute na solidão sente-se que ha nessa voz uma alma que domina a immensidade.

Que sentimento impellira assim o sertanejo ? Fôra o receio de que o Fragoso triumphasse ; ou o desejo de subtrahir-se ao agradecimento de D. Flor ?

Talvez um e outro motivo.

V

A CARREIRA

Quando o Dourado ouviu o brado de Arnaldo, conheceu que tinha homem em campo ; e abrindo então a carreira, em dois concorvos deixou o Fragoso à uma grande distancia.

O mancebo perdêra a esperança de agarrar o boi ; e atribuindo a derrota ao grito que espantàra o animal, irritou-se contra o autor dessa picardia, que no primeiro momento suspeitou provir de seu primo Daniel Ferro.

Logo porèm reconheceu o engano. Um cavalheiro passou por elle à desfilada ; e apezar da velocidade da carreira pôde vêr o rosto de Arnaldo, que o odio lhe gravàra na memoria.

Desde então o Marcos Fragoso continuou a correr; mas já não era atraz do Dourado, e sim atraz do sertanejo, contra quem se arrojou com todo o

impeto das coleras, que o seu affecto por D. Flor o tinha obrigado a recalcar durante os ultimos dias, e que afinal faziam explosão.

Voltando o rosto, viu Arnaldo na phisionomia e no gesto do capitão a expressão de seu rancor, e respondeu-lhe com um sorriso de desprezo.

— Não fujas, cobarde ! exclamou Fragoso.

— Havemos de encontrar-nos.

— E' agora, neste momento, que eu vou castigar a tua insolencia.

— Havemos de encontrar-nos, Sr. capitão ; mas quando eu quiser, e for de minha vontade. Antes disso não conheço o senhor ; e os seus gritos, são como os berros destes novilhos, que ainda não sabem urrar.

O sertanejo, que refreara um tanto a corrida do cardão para lançar estas palavras, de novo desfechou atraz do Dourado, o qual devorava o espaço.

O capitão-mór, Daniel Ferro, e Agrela, que já vinham atrasados, com a chegada do Arnaldo perderão a esperança, não só de agarrar o boi, no que não pensavam mais, como de seguir-lhe a pista. Resolveram portanto a parar em um alto, para acompanharem com a vista a corrida.

O mesmo faziam na collina D. Genoveva, Flor, Alina, e o Padre Telles, com João Corrêa e Ouiem que tiveram por mais prudente trocar o papel de actores daquella campanha sertaneja, pelo de espectadores.

O ultimo não perdeu ensejo de encaixar a sua citação dos Luziadas. Quando chegavam á falda da collina gritou elle para o companheiro :

O' la, Velloso amigo, aquelle outeiro,
E' melhor de descer, que de subir.

O capitão-mór estava de não caber em si, com a satisfação e contentamento de que o enchera o Arnaldo. Desassombrado do receio de que o Fragoso, um rapaz lá de Inhamus e do mais a mais gamenho da cidade. agarrasse o corredor de maior fama do Quixeramobim, e levasse as lampas aos campeiros daquelle sertão ; o dono da Oiticica já contava como certa a proeza de seu vaqueiro ; e enthusiasmava-se de ante-mão com esse triumpho, que lhe pertencia, pois elle o alcançava na pessoa de uma creatura sua, que era como o seu braço.

Era uma corrida vertiginosa aquella. Os olhos não podiam acompanha-la sem turbarem-se ;

porque boi e cavalleiro fugiam instantaneamente à vista que os fitava.

O capitão-mór bradava com uma voz de canhão:

— Assim, Arnaldo ! Aguenta, rapaz !

O Daniel Ferro enthusiasmado tambem com a valentia do boi, e o arrojo do campeador, gritava :

— Ecou ! Ecou !... Arriba, vaqueiro !

Agrela assistia à luta em silencio, mas agitado por varios sentimentos. Invejava a façanha de Arnaldo, e volvia um olhar melancholico para o sitio onde estava Alina ; mas si brotou em seu coração alguma vaga esperança de vez frustrado o esforço do sertanejo, logo a suffocou a sincera admiração que inspiravam-lhe a força e a destreza.

Em D. Flor e sua mãi repercutiam as emoções do capitão-mór, com quem essas duas almas se identificavam sempre, sobretudo nos impulsos generosos. Alina estremecia de susto e communicava seus terrores ao Padre Telles, que não a ouvia. Quanto a Ourem e João Corrêa, assistiam attonitos áquelle espectaculo estranho, e pensavam comsigo si o rapaz não estaria em algum accesso de loucura furiosa.

Que fazia então o capitão Marcos Fragoso? Tinham-n'o visto pouco antes correndo com Arnaldo atraz do barbatão ; logo depois desapparecera ; e ninguem nesse momento deu por sua falta.

Havia á beira da varsea e já no taboleiro, um alto e esgalhado barbatimão que estendia rasteiros, os grossos ramos encarquilhados, formando uma sebe viva. O Dourado vivamente acossado, metteu-se n'aquelle embastido, e o atravessou agachado; contava elle que o vaqueiro esbarrando com o tapume, e não achando passagem, o rodeiasse perdendo assim muito terreno.

Enganou-se porém. O Corisco, intrepido campeão, e sabedor de todas as manhas do gado mocambeiro, furou a ramada sem hesitar ; guiado pela experiencia, de que onde passava o corpo mais grosso do boi, devia passar elle e seu cavalheiro.

Na disparada em que ia, Arnaldo viu os galhos rasteiros da arvore, prolongadas horisontalmente na altura do peito do cardão. Este colleou-se como uma serpente, e resvallou quasi de rastos. O sertanejo porèm, já não tinha tempo de estender-se ao comprido e coser-se ao flanco do ani-

mal. Então de um salto galgou o ramo, e uma braça além foi cahir na sella, para de novo pular segundo e terceiro ramo, que succediam-se ao primeiro.

De longe e especialmente do logar onde estava o capitão-mór, o que se vio foi o cavallo submergir-se na folhagem, e o cavalheiro desprendendo-se da sella, voar por cima daquelle monte de ramas, para reunirem-se afinal, e proseguirem na desfilada.

A voz do Campello retumbou pelo espaço :

— Bravo, Arnaldo !

Daniel Ferro electrisado pela proeza, começou a cantar como um possesso a quadra do Rabicho da Geralda, que celebra um passo analogo ;

Tinha adiante um páo cahido
Na descida de um riacho ;
O cabra saltou por cima
O russo passou por baixo.

Os echos da cantiga chegaram a Arnaldo, que achou graça na lembrança do Ferro, e tambem por sua vez repetio o palavreado do Ignacio Gomes, quando corria atraz do Rabicho :

Corra, corra, camarada,
Puche bem pela memoria;
Quando eu vim de minha terra
Não foi p'ra contar historias.

Pelo caso do barbatimão acabara o Dourado de conhecer que vaqueiro tinha elle à colla; e entendendo que o negocio era sério, tratou de pôr-se no seguro.

Endireitou então para uma ponta da varsea, em que a corrente das aguas, tinha desde empos remotos cavado um profundo barranco, por onde no tempo das chuvas torrenciaes, borbotavam para o rio. Uma vegetação exuberante nutrida pelo humo que a enxurrada ali depositava, cobria esse tremedal de sarmentos viçosos e lindos festões de flôres.

Estendido sobre essa cupola de verdura, um grosso tejuassú aquecia-se ainda somnolento aos raios do sol matutino; e abria os olhos preguiçosos para ver a causa do alvoroto que ia pela varzea naquella manhã.

A gente do José Bernardo não julgara nescesario guardar esse ponto, que estava já de si deffendido pelo desfiladeiro onde nunca pensaram

que o boi se arriscasse por mais affouto que fosse. Ainda não conheciam o Dourado.

Os olhares que seguiam com attenção essa corrida cheia de peripecias, tiveram um deslumbramento. O boi primeiro, depois o cavallo com o vaqueiro, submergiam-se de repente n'aquelle espesso balseiro. Retroou um grande baque. Todo esse turbilhão de homem e animaes acabava de despenhar-se do barranco abaixo.

Houve um instante de anciedade. Aquelles animos acostumados á essas correrias temerarias, e curtidos para todos os perigos, sentiram uma vaga inquietação. Estaria Arnaldo naquelle instante dilacerado pelos estrepes sobre que talvez o arremessara a queda desastrada?

Ouvio-se o grito de terror, que soltara Alina; e a exclamação das senhoras. D. Genoveva dissera:

— Meu Deus!

Flor invocara a intercessão daquelle que para ella tudo podia na terra.

— Meu pai!

O capitão-mór escutando de longe a voz da filha, voltou-se para dirigir-lhe um gesto tranquillisador.

Do lugar onde estava com os outros companheiros, viram-se além,na estreita nesga de campo que ficava depois do despenhadeiro, passar umas sombras que sumiram-se na matta. E agora ouvia-se um estrepito bem conhecido dos sertanejos; era como uma descarga de fuzilaria que reboava na floresta. O estalar dos ramos despedaçados pela corrida veloz de um animal possante como o boi, o cavallo, a anta e o veado, produz essa illusão, que augmenta com a repercussão profunda e sonora da espessura.

O capitão-mór reconheceu que o Dourado corria na matta; e a velocidade de sua fuga indicava muito claramente que ia perseguido. Portanto nada acontecera ao intrepido vaqueiro; pois elle acossava o boi com o mesmo ardor, e já lhe estava no encalço, como se calculava pelo breve espaço que medeiava entre uma e outra crepitação.

Effectivamente Arnaldo rompia a matta naquelle instante como um raio, de que dera o nome ao seu cavallo; e para uzar da frase sertaneja levava o Dourado de tropelão. Ganhando sempre avanço, á medida que estendia-se a carreira e apezar de todas as manhas do boi, já achava-se apenas na distancia de uns dez passos, o que todavia, si nada

vale no campo onde o vaqueiro póde manejar o laço, é muito no mato fechado.

Essa corrida cega pelo mato fechado é das façanhas do sertanejo a mais admiravel. Nem a destreza dos arabes e dos scythas, os mais famosos cavalheiros do velho mundo; nem a ligeireza dos guaicurús, e dos gauchos seus discipulos: são para comparar-se com a prodigiosa agilidade do vaqueiro cearense.

Aquelles manejam os seus corseis no descampado das estepes, dos pampas e das savanas; nenhum estorvo surge-lhes avante para tolher-lhes o passo; elles desfraldam a corrida pelo espaço livre como o alcion que transpõe os mares.

O vaqueiro cearense porém corre pelas brenhas sombrias, que formam um inextricavel labyrintho de troncos e ramos tecidos por mil atilhos de cipós, mais fortes do que uma corda de canhamo, e crivados de espinhos. Elle não vê o solo que tem debaixo dos pés, e que a todo o momento póde afundar-se em um tremedal, ou irriçar-se em um abrolho.

Falta-lhe o espaço para mover-se. As vezes o intervallo entre dois troncos, ou a aberta dos galhos, é tão estreita que não pódem passar, nem o

seu cavallo, nem elle, separados, quanto mais juntos. Mas é preciso que passem ; e sem demora. Passam ; mas para encontrar adiante outro obstaculo e vence-lo.

Não se comprehende esse milagre de destreza sinão pela perfeita identificação que se opera entre o cavallo e o cavalleiro. Unidos pelo mesmo ardente estimulo, elles permuttam entre si suas melhores faculdades. O homem apropria-se pelo habito os instinctos do animal ; e o animal recebe um influxo da intelligencia do homem, a quem associou-se, como seu companheiro e amigo.

O pundonor do vaqueiro, que julga desdouro para si, voltar sem o boi que affrontou-lhe as barbas, o campeão o comprehende e o sente ; essa corrida é tambem para elle um ponto de honra ; e por isso não carece o seu ardor de ser estimulado.

Esses dois entes assim intimamente ligados no mesmo intuito, formando como o centauro antigo um só monstro de duas cabeças ; separam-se quando é mister para tornarem-se pequenos, e passa em onde não caberiam juntos. Cada um cuida de si unicamente, certo de que o outro basta-se ; mas ambos aproveitam da observação do

companheiro ; e reunem seus esforços no momento opportuno.

E' assim que explica-se a rapida percepção, que chega a ponto de parecer impossivel, e a promptidão ainda mais prodigiosa do movimento com que o cavallo e o cavalleiro se esquivam aos embates, e surcam por entre a floresta emmaranhada, como o golphinho por entre as vagas revoltas do oceano.

Já iam muito pela matta a dentro, quando o Dourado tentando um esforço para escapar, metteu-se inprudentemente por um bamb rral quasi impenetravel. Elle bem vira que essa brenha era urdida de grossas enrediças de japecanga, capazes de arrastar o mais grosso madeiro, de tão fortes que são. Mas si podesse romper, estaria salvo ; porque o vaqueiro não conseguiria abrir caminho sem o auxilio da faca.

Ficou porem enleiado no labyrintho ; e quando fazia os maiores esforços para despedaçar aquellas cadeias com as patas e os chiffres, chegou Arnaldo ao pé do bamburral. Logo percebeu o sertanejo que o boi estava emmaranhado; e que elle facilmente podia ali agarra-lo.

Mas o moço sertanejo entendeu que não era

generoso, nem mesmo leal, aproveitar-se daquelle accidente para pegar o boi que elle queria vencer por seu esforço e valentia, e não pelo acaso. Assim parou à espera que o touro se desvencilhase dos cipós.

— Não dou em homem deitado, camarada. Safe-se da embrulhada em que se metteu, meu Dourado, e tome campo; que d'aqui deste arção, ninguem o tira. Digo-lhe eu, Arnaldo Louredo, que nunca menti a homem, quanto mais a boi.

Isto dizia o sertanejo a rir, e o Corisco parecia entende-lo pois olhava o Dourado com um certo ar de mofa, e soltava uns relinchos mui alegres, que se diriam estridulas gargalhadas.

A estes relinchos do Corisco responderam á alguma distancia outros cavallos, mas com a voz abafada. Arnaldo applicou o ouvido para bem distinguir aquelles sons e marcar a direcção e logar presumivel d'onde vinham.

Entretanto o Dourado conseguira desembaraçar-se da meada de enrediças: e astutamente espreitava a occasião de espirrar daquelle refugio, de modo a ganhar parte do avanço que perdera.

Arnaldo não teve tempo de demorar-se na escuta. O boi arrancara de novo e elle seguia-lhe

o trilho, certo de que ja não lhe escapava. Com effeito, ao cabo de um estirão de carreira impetuosa, o destemido vaqueiro alcançou o borbatão e poz-lhe a mão sobre a cauda ; mas não quiz derruba-lo. Elle tratava o Dourado com a gentileza que os cavalheiros usavam outrora no combate ; a derruba era uma affronta que não inflingiria a um corredor de fama como aquelle.

Emparelhou o sertanejo seu cavallo com o boi, e passando o braço pelo pescoço deste, continuaram assim a corrida por algum tempo ainda. Afinal o boi parou ; conheceu que fugia debalde: ja tinha na cabeça o laço que o vaqueir lhe passara rapidamente.

Arnaldo prendendo a ponta do laço ao arção da sella tirou o boi para o limpo, afim de orientar-se e ver o rumo em que ficava a collina escolhida para ponto de parada da comitiva. Sorprehendeu-o a impassibilidade do Dourado, que permanecia grave e taciturno.

Estava o sertanejo muito acostumado a vêr a força moral do homem dominar não só o boi, como outras féras mais bravias, a ponto de abater-lhes de todo a resistencia. Mas ainda não tivéra exemplo daquella indifferença. O barbatão

não parecia o touro que pouco àntes corcoveava pelo mato; e sim um carreiro tardo e pesado.

Isso levou-o a examinar o boi para verificar, si ficára ferido ou estropeado da carreira, como acontece frequentemente. O Dourado estava são; mas triste e abatido. Grossa lagrima, por ventura arrancada por alguma vergontea que lhe offendêra a pupilla, corria da palpebra.

O sertanejo é supersticioso. A solidão, quando não a acompanha a sciencia, inspirá sempre este feiticismo. Vivendo no seio da grande alma da creação, que elle sente palpitar em cada objecto; tudo quanto o cerca, animal ou cousa, parêce ao homem do campo encerrar um espirito, que ali espia talvez uma falta, ou espera uma ressurreição.

Arnaldo acreditou que o Dourado chorára. O famoso corredor, que ha sete annos desafiava os mais destemidos vaqueiros, carpia-se, porque afinal fôra vencido, e ia ser reduzido, elle touro livre e brioso, a um boi de curral, ou talvez a um cangueiro.

O sertanejo ficou pensativo. Aquelle boi que elle tinha ao arção da sella, era o seu triumpho como vaqueiro, pois quando elle o apresentasse,

todos o proclamariam o primeiro campeador, e sua fama correria o sertão.

Aquelle boi era mais ainda ; era o prazer que D. Flor ia ter vendo o valente barbatão marcado com seu ferro ; era a humilhação de Marcos Fragoso, cujas bravatas o tinham irritado, a elle Arnaldo ; era finalmente a satisfação do velho capitão-mór, que se encheria de orgulho com a proesa do seu vaqueiro.

Entretanto quando o mancebo ergueu a cabeça, e movimento de generosa sympathia e fraternidade que despertára em sua alma a tristeza do boi vencido. tinha alcançado delle um sacrificio heroico. Resolvêra soltar o Dourado.

Nenhum outro homem, dominado por tão vehemente paixão seria capaz desse acto. Mas o amor de Arnaldo vivia de abnegação ; e eram esses os seus jubilos. O pensamento de elevar-se até D. Flor, não o tinha ; e si ella, a altiva donzella, descesse até elle, talvez que todo o encanto daquella adoração se dissipasse.

Apeou-se e tirou um ferro de marcar, da malêta de couro, que trazia á garupa e a que no sertão dá-se o nome de maca.

Todo o bom vaqueiro tem seu tanto de ferreiro

quanto basta para fazer um aguilhão, para arranjar as lettras com que marca as rezes de sua obrigação e as de sua sorte, para dar tempera à faca de ponta,e até mesmo para concertar a espingarda.

Arnaldo, havia annos, fabricára na forja da Oiticica um ferro que representava uma pequena flor de quatro pétalas atravessada por um F. O feitio era mais apurado e de menores dimensões do que os ferros geralmente usados no sertão.

Essa flor, que tinha por estame uma inicial, significava o emblema da mulher a quem idolatava. Seu timbre, sua gloria, era grava-lo no gado, como em todos os animaes bravios, que seu braço robusto domava. Assim os submettia ao dominio e jujo da soberana de seu coração.

Por toda a parte, nas rochas, como nos troncos seculares, elle tinha esculpido este symbolo de sua adoração. Como os descobridores de novas terras erigiam um padrão, ou fincavam um marco para tomar posse dessas paragens em nome de seu rei, elle, Arnaldo, na sua ingenua dedicação, pensava que daquella sorte, avassalava o deserto

a D. Flor, e afirmava o seu imperio sobre toda a creação.

O moço sertanejo bateu o isqueiro e accendeu fogo n'um toro carcomido, que lhe serviu de braseiro para quentar o ferro ; e emquanto esperava dirigiu-se ao boi nestes termos e com um modo affavel.

— Fique descançado, camarada que não o envergonharei levando-o á ponta de laço para mostra-lo a toda aquella gente ! Não ; ninguem hade rir-se de sua desgraça. Você é um boi valente e destimido ; vou dar-lhe a liberdade. Quero que viva muitos annos, senhor de si, zombando de todas os vaqueiros do mundo, para um dia, quando morrer de velhice, contar que só temeu a um homem, e esse foi Arnaldo Louredo.

O sertanejo parou para observar o boi, como si esperasse mostra de o ter elle entendido, e continuou :

— Mas o ferro da sua senhora, que tambem é a minha, tenha paciencia, meu Dourado, esse hade levar ; que é o signal de o ter rendido o meu braço. Ser della, não é ser escravo ; mas servir a Deus, que a fez um anjo. Eu tambem

trago o seu ferro aqui, no meu peito. Olhe, meu Dourado.

O mancebo abriu a camisa, e mostrou ao boi, o emblema que elle havia picado na pelle, sobre o seio esquerdo, por meio do processo bem conhecido da inoculação de uma materia colorante na epiderma. O debuxo de Arnaldo fora estrezido com o succo do coipuna, que dá uma bella tinta escarlate, com que os indios outr'ora e actualmente os sertanejos tingem suas redes de algodão.

Depois de ter assim fallado ao animal, como a um homem que o estendesse, o sertanejo tomou o cabo de ferro que já estava em braza, e marcou o Dourado sobre a pá esquerda.

— Agora, camarada, pertence á D. Flor, e portanto quem o offender tem de haver-se comigo, Arnaldo Louredo. Tem entendido?... Póde voltar aos seus pastos; quando eu quiser sei onde acha-lo. Já lhe conheço o rasto.

O Dourado dirigiu-se com o passo moroso para o matto; chegado á beira, voltou a cabeça para olhar o sertanejo, soltou um mugido saudoso, e desappareceu.

Arnaldo acreditou que o boi tinha-lhe dito um affectuoso adeus.

E o narrador deste conto sertanejo não se anima a affirmar que elle se illudisse em sua ingenua superstição.

VI

OS BILROS

Quando Arnaldo correndo atraz do Dourado, respondeu com palavras de desprezo ao desafio do Fragoso, este já irado teve tal accesso de colera que produziu-lhe uma vertigem.

A impossibilidade de punir immediatamente a insolencia do vaqueiro deu causa à essa congestão de odio. Por momentos esteve sem accordo, como allucinado ; mas recobrou-se breve.

Si tivesse na mão uma arma de fogo qualquer, pistola ou clavina, com certeza a houvera disparado contra Arnaldo ; mas privado como estava de qualquer meio de saciar a sua vingança, e vendo o sertanejo affastar-se cada vez mais na velocidade de sua carreira ; elle descarregou a sua raiva sobre o cavallo.

Ferido ao vivo pelos acicates, e ao mesmo tempo soffreado pela redea, o ardego animal começou á corcovear, e foi aos trancos atirar-se em um atoleiro que a passagem constante do gado tinha cavado no meio de umas touceiras de carnaúbas.

Já fatigado da carreira, ali ficou á patinhar na lama, o que ainda mais exasperou o cavalleiro. Saltando na ilha que formava uma das touceiras, o Fragoso apanhou os talos da palmeira e com elles esbordoou o animal. Este, pungido pela dor, conseguiu galgar o atoleiro e fugiu ; a furia do moço capitão voltou-se contra as plantas, e elle continuou á fustigar os cardos, os crauatás e os troncos da carnaúba.

Quando parou de extenuado, as luvas de camurça de veado estavam dilaceradas, e as mãos finas e macias vertiam sangue. Então escoado por essa exerção phisica o primeiro impeto de colera ; a razão, si ainda não reassumiu o seu imperio, pode soffrear a indole violenta.

Concentrou-se e reflectiu.

Marcos Fragoso era de animo generoso, ornado de prendas de cavalheiro ; mas tinha o genio arrebatado e irascivel. Além disso, apezar do atri-

to da cidade e polimento da vida praceira que levava no Recife, era ainda sertanejo da gemma; sertanejo por descendencia, por nascimento e por creação.

Os sertanejos ricos daquelle tempo erão todos de orgulho desmedido. Habitando um extenso paiz, de população muito escassa ainda, e composta na maior parte de moradores pobres ou de vagabundos de toda a casta; o estimulo da deffesa, e a importancia de sua posição, bastariam para gerar nelles o instincto do mando, si já não o tivessem da natureza.

Para segurança da propriedade e tambem da vida, tinham necessidade de submetter á sua influencia essa plebe altanada ou aventureira que os cercava; e de manter no seio della o respeito e até mesmo o temor. Assim constituiam-se pelo direito da força uns senhores feudaes, por ventura mais absolutos do que esses outros de Europa, suscitados na média idade por causas identicas. Traziam sequitos numerosos de valentões; e entretinham a soldo bandos armados, que em certas occasiões, tomavam proporções de pequenos exercitos.

Estes barões sertanejos só nominalmente rendiam

preito e homenagem ao rei de Portugal, seu senhor suzerano, cuja authoridade não penetrava no interior sinão pelo intermedio delles proprios. Quando a carta regia ou a provisão do governador levava-lhes titulos e patentes, elles a acatavam; mas si tratava-se de cousa que lhes fosse desagradavel não passava de papel sujo.

Não davam conta de suas acções sinão á Deus; e essa mesma era uma conta de grão capitão, como diz o anexim, por tal modo arranjada com o auxilio do capellão devidamente peitado, que a consciencia do catholico ficava sempre lograda. Exercião soberanamente o direito de vida e de morte, *jus vitæ et nœcis*, sobre seus vasalos, os quaes eram todos quantos podia abranger o seu braço forte na immensidade d'aquelle sertão. Erão os unicos justiceiros em seus dominios, e procediam de plano, summarissimamente, sem appello nem aggravo, em qualquer das tres ordens, a baixa, média, e a alta justiça. Não careciam para isso de tribunaes, nem de ministros e juizes; sua vontade era ao mesmo tempo a lei e a sentença; bastava o executor.

Taes potentados, nados e crescidos no goso e pratica de um despotismo sem freio; acostuma-

dos á ver todas as cabeças curvarem-se ao seu aceno, e á recebêrem as demonstrações de um acatamento timorato, que passava de vassalagem, e chegava á superstição ; não podiam, como bem se comprehende, viver em paz sinão isolados e tão distantes, que a arrogancia de um não affrontasse o outro.

Quando por acaso se encontravam na mesma zona, o choque era infallivel e medonho. Ainda hoje esta viva no sertão a lembrança das horriveis carnificinas, consequencias das lutas acirradas dos Montes e Feitosas ; mais tarde dos Ferros e Aços. O rancôr sanguinario das dissenções politicas de 1817 e 1824, fôram resquicios dessas rivalidades e odios de familia, que mais breves não cedêram comtudo na crueza e animosidade as dos Guelphos e Guibelinos.

O capitão Marcos Fragoso, ainda moço, arredado havia annos do interior, e limado pela vida da cidade, não estava no caso de um desses potentados do sertão, e não podia julgar-se com direito e força de entrar em competencia com o capitão-mór Gonçalo Pires Campello, cujo nome era temido desde o Exú até os confins do Piauhy.

Assim quando arrastado pela paixão que nelle accendêra a formosura de D. Flor, deixára o Recife, e viéra ao Quixeramobim, sob o pretexto de visitar sua fazenda do Bargado, mas com o fim unico de aproximar-se da donzella; dispoz-se o moço capitão á render a sua homenagem ao senhor daquelle sertão, á quem já considerava como sogro. Acreditava porém que essa homenagem fôsse acolhida de um modo obsequioso e retribuida por uma defferencia á que se julgava com titulo.

Falhou a sua conjectura. O capitão-mór lhe déra em sua casa o mais cortez e sumptuoso agasalho; porque nisso não tivéra em mente obsequia-lo e sim fazer ostentação de sua opulencia. Desde porém que elle Fragoso transpuzéra o limiar e deixára de ser hospede da Oiticica, o senhor de Quixeramobim não o considerou mais sinão como um visinho que lhe devia todas as honras e bajulações, passando á trata-lo nessa conformidade.

Sinão occorresse ao capitão-mór a idéa de aproveitar o mancebo para dar á sua filha querida um noivo soffrivel; certamente que nem o mandaria visitar por seu ajudante. nem o deixaria

passar tranquillo no Bargado, cerca de um mez : já lhe houvèra suscitado algum conflicto, para ter ensejo de obriga-lo á um acto fórmal de submissão.

Esta sobranceria picou ao vivo o Marcos Fragoso ; e si não fôsse tão vehemente e irresistivel a sedução dos encantos de D. Flor, já seu orgulho se teria revoltado contra aquelle soberbo desdem. O receio de perder a dama de seus affectos, e tornar impossivel a alliança que sonhava, pôde tanto nelle, que o conteve.

Depois de realisada a sua ambição, e de alcançada a posse da noiva; então elle se despicaria desse procedimento, obrigando o sogro á trata-lo de igual á igual ; e fazendo-lhe sentir que a honra dessa alliança não a recebia elle capitão Marcos Fragoso, filho do coronel do mesmo nome, e o mais rico fazendeiro do Ceará ; porém sim o capitão-mór Campello, que só por morte de seu competidor lhe succedêra na importancia e tornára-se o potentado de Quixeramobim.

Quando cogitava nestas cousas, e recordava as rivalidades que outrora começavam já á levantar os dois visinhos um contra o outro ; acodiu-

lhe a idéa de uma recusa da parte do capitão-mór; e si a principio sua altivez repelliu a possibilidade do facto, depois reflectindo, pareceu-lhe muito proprio do capitão-mór aproveitar-se da opportunidade para abater na pessoa delle, o nome e a memoria do coronel Fragoso, calcando depois de morto aquelle a quem em vida não podéra igualar.

Varias razões haviam de pezar no animo do dono da Oiticica para aceitar a sua alliança: o grosso cabedal que ainda possuia elle Fragoso; a vantagem de ter por visinho na rica fazenda do Bargado um parente proximo, o que lhe assegurava o tranquillo dominio de todo o Quixeramobim; e finalmente as prendas de mancebo e cavalleiro, que muito valiam para noivo de uma filha mimosa e bem querida.

— Tudo isto, porem pensava elle, o capitão-mór é homem para despresar em troca de uma satisfação de seu destemperado orgulho. Portanto cumpre-me tomar as devidas precauções. Tenho supportado e continuarei a supportar suas arrogancias, por amor da filha; mas albardar todas essas grosserias e ainda por cima a affronta de uma recusa, sahindo da empreza, alem de insultado

escarnecido?.. Não; de outra livrem-me os anjos, que desta me saberei guardar.

Eff ctivamente o capitão já tinha o seu plano feito ; tratou de realisa-lo.

Mandou chamar de sua fazenda das Araras nos Inhamuns, o seu cabo de bandeira Luiz Onofre com ordem de trazer-lhe uma boa escolta de gente decidida. O bandeirista havia chegado á marcha forçada tres dias antes, condusindo trinta cabras, dispostos á tudo para ganhar a promettida paga e gosarem do prazer de matar e esfolar.

Es-a gente arranchou-se na caserna que o Bargado, como todas as grandes fazendas de então, possuia para aquartelamento dos acostados. Explicou-se a chegada de modo á não despertar suspeita : era a escolta que devia acompanhar o moço capitão â sua fasenda das Araras.

No mesmo dia teve Fragoso uma longa conferencia com o Onofre ; e sahiram ambos á percorrer os arredores. Na volta escreveu o dono do Bargado a carta convidando seu visinho o dono da Oiticica e a familia para a monteria.

Na conferencia fora combinado, depois do estudo do terreno, que Onofre se postaria de em-

boscada com sua escolta no logar conhecido por Bahus, em caminho da varsea do Quixeramobim.

Na volta da monteria, o Fragoso obteria sob qualquer pretexto uma audiencia do capitão-mór e lhe faria o seu pedido, desculpando-se do logar, com as rasões que levaria preparadas. Si a resposta fosse favoravel, estava tudo resolvido pelo melhor; no caso de uma negativa, o Onofre receberia o aviso por um signal convencionado. Então ao passar D. Flor, que pelas cautelas tomadas se acharia separada do resto da comitiva e sobretudo da escolta, o bandeirista arrebataria a donsella, e partiria com ella para o Bargado, seguido por Marcos Fragoso.

A intenção do Fragoso era casar-se immediatemente com D. Flor, para o que ja tinha no Bargado um padre que mandara vir de Inhamuns com a escolta e que só ali chegara na noite antecedente, por ter-se demorado em caminho com umas desobrigas que pingaram sempre umas pratinhas.

Assim quando o capitão-mór Gonçalo Pires Campello dispunha-se á, em qualquer dia, mandar recado ao dono do Bargado, e annunciar-lhe o alvitre que tomara de casa-lo com sua filha,

Marcos Fragoso preparava-se para raptar a donzella que ja lhe estava áquella hora destinada.

Nessa resolução partira elle para a monteria, e bem o demonstrara na conversa com seu primo Ourem.

Todavia absteve-se de communicar-lhe o plano, e buscou desvanecer suspeitas suscitadas por suas allusões e ambiguidades. Alem de não saber que pensaria o outro do projecto ;não contava com a sua calma e dissimnlação para guardar o segredo, e não aventar desconfianças.

Fora nestas disposições que sobreviera o incidente de Arnaldo. O seu genio impetuoso, por muitos dias soffreado, prorompera naquella explosão de ira, em que vasou todas as coleras e irritações acumuladas desde sua vinda à Quixeramobim.

Mas deixamo-lo na touceira junto das carnauba, concentrado e á refletir.

O resultado dessas reflexões foi o que se devia esperar de um homem tão violentamente apaixonado como elle. Em poucas horas ia decidir da sorte de seu amor ; de uma ou de outra forma, D. Flor lhe pertencia.

Devia por um arrebatamento imprudente com-

prometer sua felicidade, e frustar a occasião que nunca mais se apresentaria? Seria uma insensatez.

Chamou pois á si toda a energia da vontade, para impor á seu temperamento a calma precisa: compoz o seu trajo, cujo desarranjo podia denunciar a perturbação interior do espirito e cuidou em reunir-se aos companheiros.

Seu cavallo andava ali perto na varzea, aparando as pontas do capim mimozo; foi-lhe facil apanhal-o.

A' pequena distancia andada, avistou os outros vaqueiros por praser, que andavam á montear o gado barbatão. Encaminhou-se para aquelle ponto.

Veio-lhe ao encontro o Ourem:

— Ora ressuscitou o primo Fragozo! Já pensavamos que o *El-Dourado* tinha-lhe pegado o encanto e que andava por ahi tambem, não em figura de touro, apezar de que Jupiter não se deshonrou de o ser para carregar ás costas a bella Europa; mas na figura de um daquelles gentis amorinhos que andão á beijar as flores. E como a flor das flores ainda não encontrou um bem atrevido para beliscar-lhe as faces, era bem

presumivel que o primo á semelhança do Cysne de Leda se disfarçasse no passarinho.

— Pois aqui me tem no meu proprio original, de carne e osso, primo Ourem ; e como destas corridas de touros não se tira outro proveito senão uma fome de caçador, vou saber em que altura anda o almoço, pois já passam das horas.

— Não serei eu que o demore nessa pia intenção ; pois si o primo com o coração cheio sente as badaladas do estomago, imagine o que será de mim, que já me sinto todo em um vacuo.

O Fragozo continuou o seu caminho. Ao pasar por uma arvore viu os luzidos festões de uma trepadeira que descia dos galhos em bambolins de verde folhagem, recamada das mais bellas flores purpureas, quaes pingentes de rubis.

O moço capitão colheu um ramalhete dessas lindas flores que no sertão chamam bilros ; e dirgiu-se para a colina onde estavam as senhoras. O capitão-mór que o viu passar, gritou-lhe de longe com a sua voz de trovão, fazendo ribombar desapiedadamente aquelle grosso riso de mofa :

— Então, sr. capitão Fragozo, que novas dános do Dourado ? Já esfolou o boi de fama, e traz

ahi as solas das chinellas? Olhe que o prometti-do é devido. Quando quizer, o mamote está a sua disposição.

Apezar do animo resoluto em que vinha, careceu o Fragozo de muito dominio sobre si, para recalcar a violencia de seu despeito, e responder com ar prasenteiro :

— A nova que trago, sr. capitão-mór, é que não nasci para o officio de vaqueiro, mas para o ter ao meu serviço. Foi isto que me ensinou o Dourado ; e achando eu que tinha muita razão, dexei-o ir descançado e prometti-lhe mandar o José Bernardo entender-se com elle.

— Não é preciso ; o boi não tarda ahi. O Arnaldo já o derrubou com certeza ; retorquiu o capitão-mór.

— Melhor ; fez sua obrigação.

Marcos Fragozo aproximou-se então de D. Genoveva :

— Quando corria, lembrei-me que em vez de dar caça á um boi magro e fujão, empregaria melhor o meu tempo colhendo estas lindas flores para a senhora D. Genoveva e sua formoza filha, de quem são irmãs, pois tambem são flores, porem mais meninas e menos encantadoras. Da-me

licença que lhe offereça, á ella, D. Flor e à sua gentil companheira ?

O galanteio era bem torneado para o tempo, e foi expresso com um apuro de maneiras, que já não se uza agora, e ainda mais naquelles sertões de gente franca e rude.

— Agradeço por mim, e por ellas ; disse D. Genoveva destribuindo as flores pelas duas moças.

— São muito lindas ; observou D.Flor ao mancebo. Chamam-se bilros.

— Ah ! não sabia, acodiu Fragozo ; serão de fadas, pois que outros dedos podem tanger bilros tão graciosos e delicados, que nem os de coral lhe excedem ?

Convidou então Marcos Fragozo as senhoras á se apearem para recolherem-se do sol, na tenda já armada ali perto.

VII

A VOLTA

Na ourela da matta, á sombra de umas grandes sicupiras copadas de flores roxas, tinham os creados do capitão Marcos Fragoso arvorado um toldo de damasco amarello, sobre estacas vestidas com o mesmo estofo de cor azul, formando assim um vistoso e elegante pavilhão.

Ali já estava armada a mesa, a qual, feita de improviso com quatro forquilhas e ramos, occultava esse aspecto rustico sob as telas de seda que a fraldavam até o chão. Sobre a alvissima toalha do melhor linho de damasco, ostentavam-se com profusão as varias peças de uma riquissima copa de ouro, prata, crystal e porcelana da India, que offereciam ao regalo dos olhos e, como do paladar, os vinhos mais estimados e as mais saborosas das iguarias da epocha.

As canastras em que tinham vindo todos esses objectos, reunidas umas ás outras de ambos os lados da mesa, e fraldadas igualmente de telas de seda escarlate, formavam dois sofás ou divans para assento dos convidados.

O chão fôra tapessado com um grande alcatifa mourisca, na qual se viam estampadas as figuras das huris e dos guerreiros bemaventurados, trançando no paraiso as mais graciosas dansas orientaes, ou trocando entre si ardentes caricias.

Felizmente para a tranquillidade do banquete, as estampas da tapessaria ficavam quasi de todo occultas pela mesa e assentos; pois do contrario o capitão-mór, apercebendo-se de semelhante desvergonhamento, não o supportaria de certo; e nós já sabemos a força de pressão do seu orgulho, quando offendido.

As damas que tinham-se recolhido ao pavilhão por convite de Fragoso, já estavam sentadas no sofá; e só esperavam para se pôrem á mesa a chegada do capitão-mór e dos outros companheiros, que aproveitavam o tempo á montear as rezes brabas.

A vitella que forneceu a carne para o banquete fôra laçada pelo proprio capitão-mór e san-

grada pelo Daniel Ferro. O João Correia tinha feito tambem a sua proeza. Correndo atraz de um boiote, foi sobre elle com tal furia, que, focinhando o seu cavallo no chão, achou-se elle montado no novilho; este espantado com a carga deitou a correr para o mato como um desesperado. O primeiro ramo baixo atirou ao chão com a carga.

O capitão-mór apeando-se, contou á mulher a façanha do recifense.

—Aqui está o Sr. capitão João Correia, que levou as lampas à todos, D. Genoveva. Montou n'um boiote, e largou-se á correr para o mato, com tanta furia que furou pela terra á dentro.

—Então divertiu-se muito? perguntou D. Genoveva ao capitão para arredar a lembrança do seu revez.

—A vaqueijada é um bello passatempo, sem duvida; mas eu prefiro a caça á tiro.

—Então já não é vaqueijada; è matança como usam os que precisam da carne para comer; disse o Daniel Ferro.

Pagens do reino, vestidos de garridas librés á moda do tempo, com longas casacas de abas largas, calções e meias brancas, vieram apresentar ás damas e convidados ricas bacias de prata

dourada, para lavarem as mãos, entornando agua de jarros do mesmo lavor e metal.

Ao hombro esquerdo traziam elles alvas toalhas do mais fino esguião lavradas de labirinto com guarnições de renda, trabalhos estes em que as filhas do Aracaty já primavam naquelle tempo, e que lhes valeu a reputação das mais mimosas rendeiras do todo o norte.

Depois que o capitão-mór e sua familia enxugaram as mãos, o Marcos Fragoso fazendo as honras do banquete com a apurada cortezia, conduzia á mesa seus convidados collocando-os nos logares á cada um destinados conforme o gráo de ceremonia e importancia.

Ao capitão-mór coube a cabeceira; as damas com o capellão occuparam um lado; o outro lado ficou para Ourem, Daniel Ferro, João Correia e o Agrela. Marcos Fragoso sentou-se no topo.

Eram mais de oito horas. Para a epocha e o logar tardava o almoço; mas fora preciso dar tempo á monteria, mais agradavel com a fresca da manhã. Além de que os tarros de leite fresco, mugido do peito das vacas ali mesmo no pasto, haviam confortado os estomagos. Todavia o appetite foi o que se devia esperar depois de tres horas de

equitação e dos exercicios activissimos da vaqueijada.

O sol já estava alto ; mas seus fogos eram moderados pela aragem fagueira que durante os mezes do inverno reina no sertão.

Aquella festa cortezan, arreiada com todos os primores do luxo, tinha ali no seio do dezerto um encanto especial e novo, que perderia si, em vez da floresta, a cingissem as paredes do mais sumptuoso palacio. As telas de veludo e seda, desfraldadas por entre o verde estofo da folhagem ; a competencia do cristal, do ouro e da prata com as flores e os fructos dos mais finos matizes e de mil fórmas caprichosas ; a antithese da arte no seu esplendor com a natureza em sua virgindade primitiva ; era de enlevar.

O banquete foi demorado. A principio correu quasi silencioso ; os caçadores tratavam de applacar os rebates do appetite, que apezar do anexim, não cedia ao do pescador, na fome como na sede.

Durante essa primeira parte do almoço, alguns pagens tocavam charamellas, gaitas e outros instrumentos que formavam então as bandas de musica marcial.

Mais tarde levantou-se a conversação na qual tomou parte activa Marcos Fragoso.

Não perdeu o moço capitão vez de insinuar á D. Flor allusões e finezas encobertas que todos entendiam menos, a donzella cuja indole não se prestava á taes ambiguidades, e o capitão-mór, para o qual a mythologia em que os namorados de então se forneciam de galanteios, era um latim rebarbativo.

Já estava a terminar o almoço, quando Arnaldo que tornava da corrida, ouviu de longe os brindes que se trocavam entre os convidados. Aproximou-se cautelosamente por dentro do mato. O seu nobre semblante, que tinha habitualmente a expressão viva e attenta, que é propria do sertanejo, nesse momento apresentava uma alerta ainda mais prompta e vigilante.

Por entre as arvores descobriu elle as cavalgaduras, que pastavam á soga em uma clareira coberta de relva, e sombreada pela matta. Perto do baio de D. Flor, estava um rapaz de vinte annos, que pelo typo das feições e pela côr baça do rosto combinada com os cabellos negros e lustrosos, mostrava pertencer á raça bohemia, da qual nesse tempo e até epocha bem recente, vagavam

pelo sertão bandos que viviam de enliços e rapinas.

O escriptor destas paginas ainda tem viva a lembrança dessas partidas de ciganos, que muitas vezes se arrancharam no sitio onde nasceu; e cuja derrota era assignalada pelo desapparecimento das aves de criação e animaes domesticos, especialmente cavallos, quando não havia á lamentar o furto de crianças, de que faziam particular industria.

O rapaz que Arnaldo vira era um cigano desgarrado, como havia alguns por excepção; e estava á fazer ao baio uns afagos e caricias, tão gacheiros que para exprimi-las adoptou a lingua o seu proprio nome. O povo rude chamava a isso, enfeitiçar o cavallo; e acreditava que o animal assim enliçado fugia do dono para seguir o ladino.

O sertanejo parou um instante, á observar o cigano, e seguiu adiante.

O capitão mór pela posição em que estava foi quem primeiro o avistou, e de longe, ainda gritou:

— Sempre escapou-te, o Dourado, rapaz? Aquillo é um boi damnado, e manhoso como nunca se viu. Mas não te desconsoles. Outra vez com certeza lhe deitas a unha. Elle ficou te conhecendo

desta primeira corrida que lhe destes, e já sabe o filho de quem és. Teu pai, o Louredo, nosso vaqueiro, e o primeiro campeador de todo este Quixeromobim, o que quer dizer de todos os sertões do mundo, levou uma semana atraz desse boi desaforado.

Ao terminar desta falla, já Arnaldo achava-se perto da meza. Marcos Fragoso, apesar de haver-se convencido da necessidade de supportar com uma altiva impassibilidade á presença do vaqueiro que o havia insultado, custou a conter-se, e como o banquete havia terminado apartou-se com o primo Ourem para não precipitar-se.

— Portanto, concluiu o capitão-mór erguendo-se da mesa e caminhando para o sertanejo; não tens de que te envergonhar, rapaz! Aprendeste as manhas do boi; qualquer dia destes consegues pega-lo.

— Eu já o peguei, sr. capitão-mór; disse Arnaldo sem alterar-se.

— Que dizes? pegaste o Dourado, rapaz? perguntou o fazendeiro na maior sorpreza.

— A' unha, Sr. capitão-mór.

— Bravo, Arnaldo! Onde está o maganão?

Trouxeste-o sua ponta de laço,ou deixaste-o amarrado ao páo, que não é boi para matar-se aquelle?

— Tive pena delle, e soltei-o; respondeu Arnaldo com emoção.

— E' boa! exclamou João Correia. Pena de um demonio em figura de boi!

— Que ternuras de vaqueiro! acrescentou Daniel Ferro.

— Soltei o Dourado, sr. capitão-mór; porem antes marquei-o com o ferro de D. Flor, como ella tinha-me ordenado, concluiu Arnaldo sem dar ouvido às observações impertinentes.

O capitão-mór exultou:

— Flor, já sabe? O Dourado está com o seu ferro. Não pediu?

— Eu sabia que elle tinha de ser meu, e que Arnaldo é que o havia de amansar; respondeu a donzella sorrindo.

— Mas que prova temos nós disso? volveu Daniel Ferro.

— De que? perguntou o sertanejo.

— De ter pegado o boi e ferrado.

Arnaldo olhou-o com sorpreza:

— A minha palavra: respondeu.

Já soava o riso dos dois hospedes do Fragoso, quando o capitão-mór o atalhou :

— A tua palavra, Arnaldo, que nós seguramos com a nossa. O que disse o nosso vaqueiro é a verdade, e somos nós o capitão-mór Gonçalo Pires Campello que o affirmamos. Si ha quem duvide... terminou com uma reticencia cheia de ameaças, correndo os olhos em roda.

— Quem é capaz de duvidar da honrada palavra de vossa senhoria ? acodiu o João Correia. Desde que o sr. capitão-mór abona, está acabado.

O Daniel Ferro foi prudente apenas, e afastou-se.

— Mas então como foi o caso, Arnaldo ? Conta-me tudo, quero saber. Pegaste-o mesmo à unha ?

Arnaldo referiu singelamente ao capitão-mór os pormenores da corrida, sem omittir nem mesmo suas conjecturas acerca da tristeza do boi, e da piedade que excitara nelle a lagrima do corredor. O capitão-mór ouviu attentamente, inquirindo de cada circumstancia, e approvou o procedimento de seu vaqueiro.

— Fizeste bem; não se deve infamar um boi valente, é melhor mata-lo.

Emquanto relatava ao capitão-mór a corrida, não cessou Arnaldo de observar o Marcos Fragoso, e viu a conferencia que elle teve com o Ourem.

— E' agora na volta, primo Ourem, que pretendo fallar ao capitão-mór sobre o assumpto que sabe; e decidir este casamento, de que depende o meu socego, pois quiz o fado que eu não possa viver sem D. Flor. Espero que me ajudará.

— Disponha de mim, primo; infelizmente não posso pôr à sua disposição:

« Para servir-vos braço ás armas feito
Para contar-vos mente á musa dada.»

— Guarde o braço; quanto á musa basta que ella entretenha as damas e os outros emquanto me entendo com o capitão-mór.

— Conte comigo.

— Obrigado. Si a resposta fôr favoravel, conhecerá pela demora e por meu semblante; si fôr contraria, ha de ouvir o toque de charamellas; é o signal para afastar-se logo do caminho, e tomar direito pelo mato, onde logo nos reuniremos.

— Sem dispedir-me do capitão-mór?

— A conferencia hade acabar um tanto areda; pelo que julgo mais prudente não a prolongar com despedidas.

— Lá isso é verdade.

— Previna o primo ao João Correia, que eu vou avisar ao Daniel Ferro.

Instantes depois annunciou-se a partida. Vieram os cavallos, e Arnaldo trouxe pelo freio o baio, que apresentou à D. Flor; mas não deu tempo á moça de fallar-lhe. Quando depois de ter montado ia a donzella dirigir-lhe a palavra, tinha elle desapparecido.

Tornou a comitiva pelo mesmo caminho.

A' cerca de meia legoa da marizeira, onde as duas comitivas se haviam juntado, Marcos Fragoso que seguia de par com o capitão-mór entretendo-o com uma conversa banal acerca de fazendas de gado e outros assumptos do sertão, fez uma pequena pausa, e mudou de tom.

As senhoras e os outros cavalleiros iam muito adeante escaramuçando e já não appareciam: o Agrella vinha atraz com a escolta. Tinha pois o Fragoso liberdade para encetar o delicado assumpto:

— Agora, sr. capitão-mór, peço-lhe venia para tratar de um ponto que me toca mais que nenhum outro; disse Fragoso ; e releve vossa senhoria si o faço nesta occasião impropria, mas como talvez saia amanhã para Inhamuns, não quiz adiar.

—Visto que está de partida, e o caso é urgente, não nos negaremos á ouvi-lo aqui, sr. capitão Marcos Fragoso, ainda que o direito era em nossa casa.

— Bem o reconheço ; mas a bondade de vossa senhoria suppre esta minha falta.

— De que se trata então ?

— O muito e estremecido affecto que sinto por sua filha D. Flor, e que eu acredito ser por ella retribuido, obriga-me á pedir sua mão á vossa senhoria, que decidirá, como pai que é, de nossa mutua felicidade.

Passada a sorpreza o capitão-mór respondeu com severidade :

— Nossa filha, sr. capitão Marcos Fragoso, não podia pensar em homem algum sem licença de seu pai. Fique sabendo.

— Talvez me illuda ; e nesse caso della virá a

minha desventura. Mas vossa senhoria, que decide?

— O senhor não fallou esta mesma manhã de uma noiva, com quem já parecia justo e contractado? A' proposito do Dourado e daquellas formosas chinellas que ainda não tem solado?

— Ah! exclamou Fragoso sorrindo. Essa noiva de que eu fallei, é precisamente aquella que lhe acabo de pedir, e que espero alcançar da sua generosidade.

— Visto isso, já contava como certo o seu casamento? retorquiu o capitão-mór rugando o sobrôlho.

— Tinha a esperança, que ainda conservo, de que vossa senhoria não me recusará a mão de D. Flor, tornou Marcos Fragoso.

O Campello calou-se:

— Que resolve, senhor capitão-mór?

— Eu pensarei.

— Jã annunciei á vossa senhoria que parto amanhã e careço de uma resposta para terminar agora mesmo esta minha pretenção de uma ou de outra fórma.

O capitão-mór solemnisou-se:

— O que lhe podemos dizer, sr. Marcos Fragoso,

é que apressou-se em pedir nossa filha e pensar que ella estivesse á sua espera ou de outro qualquer.

— Será por ventura alguma princeza? atalhou Fragoso já não dominando e despeito.

— E' nossa filha, a filha do capitão-mór Gonçalo Pires Campello. Está ouvindo? Nós podiamos, si nos approuvésse, escolher entre outros o sr. Marcos Fragoso para casa-lo com D Flor; mas não admittimos que pretenda casa-la comsigo.

— Quer isso dizer que seriam o senhor e ella quem me dariam a honra de admittir-me na sua familia, em falta de cousa melhor, e por uma especie de promoção ao posto de marido?

— E' justamente isto; tornou o capitão-mór.

Fragoso calou-se. Com um movimento expressivo tirou o chapéo e conservou-o algum tempo na mão. Soou então no mato o canto estridente da saracura; e com pouca demora outro igual respondeu-lhe acerca de cincoenta braças para deante.

Então o moço capitão voltou-se com arrogancia para o Campello:

— Senhor capitão-mór o assumpto é muito serio. Peze bem a sua resolução.

— O capitão-mór Campello só tem uma palavra. Disse não ; é não.

— Pois saiba vossa senhoria que eu Marcos Fragoso tambem só tenho uma vontade e irrevogavel. Jurei que sua filha seria minha mulher, e com o favor de Deus ella hade sê-lo.

O moço capitão fez com o chapéo um cortejo ao Campello ; e voltando à direita metteu-se pelo mato seguido de toda a sua comitiva, inclusive os pagens que tocavam as charamellas.

O capitão-mór ficou um instante perplexo :

— Que disse elle ? perguntou para o ajudante. Jurou que minha filha hade pertencer-lhe com o favor de Deus ? Irà fazer alguma novena, Agrela ?

— Ou alguma penitencia, senhor capitão-mór.

A attenção do capitão-mór voltou-se para um grande tropel de cavallos que soára pela frente. Curioso de saber por si mesmo a causa dessa arrancada, apressou o passo do russo pedrez.

VIII

EMBOSCADA

Occulto nas visinhanças do Bargado, Job espiava a casa da fazenda e seus arredores.

O velho tinha a astucuia de um indio e talvez a adquirira no trato com os indigenas durante a robustez da idade ; e a augmentára com a experiencia de sua vida quasi selvagem.

Achou elle na matta uma grossa casca de pereiro, já despegada do tronco morto, e vestiu-a como um estojo que o escondia desde a cabeça até aos pés, deixando-lhe vêr por entre as rachas do cortice. Este apparelho, que elle completou com as ramas verdes da arvore, permettia-lhe transportar-se de um ponto para outro, sem que o percebessem. Era uma moita ambulante.

Arnaldo recommendàra especialmente ao velho que observasse o movimento do Luiz Onofre e da sua bandeira; pois suspeitava da vinda dessa gente, embora fôsse tão natural que o Fragoso, tendo de atravessar o sertão de Inhamuns ainda infestado de indios brabos, se munisse de uma escolta maior do que trouxera do Recife.

Job notou na vespera da monteria que Luiz Onofre sahira do Bargado com o Moirão e mais um camarada que levava um grande surrão ou alforge de couro, e só tornou á casa por tarde. Ao passar, o bandeirista dizia á um dos acolytos:

— Esta madrugada, quando o gallo cantar a segunda vez, todos á cavallo. Ouviu, Corrimboque?

— Não tem duvida, Sr. Onofre.

— E até lá, moita.

Concluiu o velho que de alguma expedição se tratava para a madrugada seguinte; e não era a monteria, pois havia recommendação de segredo. Quando Arnaldo veio á noite elle communicou-lhe o que sabia.

— E' uma emboscada; disse o velho.

— A' quem? perguntou Arnaldo.

— Ao Campello. O capitão-mór é soberbo; offendeu ao moço, este vinga-se.

— Mas elle pretende a filha por esposa?

— Então é que o pai a recusou.

— Ainda não; affirmou Arnaldo.

Foi combinado entre ambos um plano. Arnaldo tinha de acompanhar o capitão-mór. Job seguiria o Onofre para saber o fim da expedição. No caso de verificarem-se as suspeitas, daria signal á Arnaldo pela percussão da terra.

Era por isso que durante o trajecto Arnaldo tinha o ouvido alerta.

A' principio inclinou-se ao alvitre de prevenir o Campello; porém receiou que o tomassem por visionario, ou que fosse elle o motor de algum injusto desabrimento do capitão-mór contra o Fragoso. Seu pundonor repellia essa idéa de chamar em auxilio de seu odio o poder do dono da Oiticica: elle Arnaldo não carecia de ninguem mais, senão de si, para combater seu inimigo.

Não obstante, quando viu a pequena escolta com que sahiu o capitão-mór, cerrou-se-lhe a alma e quiz fallar. Mas dominou-o ainda o mesmo receio:

— Em todo o caso, para salvar D. Flor basta o Corisco! pensou comsigo anediando a longa clina do cardão que rifava.

A' hora aprasada a bandeira estava montada e partiu do Bargado, sahindo os cavalleiros de casa á um e um para não fazer tropel. Atraz do ultimo foi Job escanchado em um poldro que o Arnaldo lhe deixára para esse fim.

Luiz Onofre era um producto desse recrusamento de raças á que se deu o nome de coriboca. Assim como a sua tez representava a fusão das tres côres, a alva, a vermelha e a negra; da mesma sorte o seu caracter compunha-se dos tres elementos correspondentes aquellas variedades. Tinha a avidez do branco, a astucia do indio, e a submissão do negro.

O Fragoso não podia achar melhor instrumento para seu projecto; e até, segundo resava a chronica de Inhamuns, não seria esse dos primeiros furtos ou raptos de moça que o Onofre fizesse por conta do patrão, o qual tinha fama de grande corredor de aventuras.

Ao primeiro alvorecer chegou o bandeirista com sua gente ao ponto designado. Depois que prendêram os cavallos, e ataram-lhes o focinho com

embornaes para impedi-los de rinchar, seguiram todos o cabo, que os levou para dentro de cerrado.

— Corrimboque!

— Prompto!

— Você fica no mondéo lá do outro lado para cortar a corda; e o Raimundo do lado de cá. Raimundo!

— Rente!

— Chegue cà! Está vendo este angico vergado ao chão? Pois assim que me ouvir gritar *ai* é cortar a corda, si não corto-lhe eu as orelhas. Està entendido?

— Não quero destas graças comigo, Sr. Onofre.

— Cá o amigo Aleixo Moirão, não precisa que lhe diga; fica ao pé do páo...

— E lá vae a trabusana! accrescentou o Moirãs fazendo gesto de quem mette as mãos para empurrar.

— Quando fôr tempo! advertiu o Onofre. Onde está o Beijú?

— A's ordens!

— Lembra-se bem do canto da sericoia? Do José Cigano?... Vamos à vêr lá isso!

O Beijú soltou um guincho que imitava perfeitamente o canto da saracura, e que estrugiu longe pela mata á dentro.

— Está direito. Quem falta agora? Rosinha!

— Que tem com ella? perguntou uma trefega rapariga adiantando-se.

— Já sabe, moça. Quando o cavallo da dama passar, é de um pulo escanchar-se na garupa e segurar bem a dita, e tapar-lhe a boca para não gritar.

— Fica ao meu cuidado.

— Bem; tudo está corrente. Agora moita; vamos esperar que passe a comitiva, para cuidarmos cá da pessõinha. Quem piar, tem contas comigo. Toca á deitar. Corrimboque, va vêr si os cavallos estão com os focinhos bem apertados pelos embornaes, e leve-os para bem longe.

Restabeleceu-se de todo o silencio; e os emboscados permanecerão cousa de meia hora em completa mudez, até que ouviu-se ao longe o tropel dos animaes. Eram as duas comitivas já reunidas, que se aproximavam, e passando por deante do escondrijo affastaram-se rapidamente.

— Agora temos umas tres horas por deante. Podemos quebrar o jejum. Amigo Moirão, man-

de buscar os alforges, e sobretudo as borrachas que devem estar bem apojadas, pois foi esta a ordem do Sr. Marcos Fragoso, nosso capitão, e o mais chibante fidalgo de todo este Pernambuco.

— Alto lá, que o capitão é cá do Ceará, nascido em Inhamuns, na fazenda das Aráras, onde morava o defunto coronel, antes de vir para o Bargado ; disse Raimundo acudindo pela terra natal.

— Cá para mim que sou de Pajehú de Flôres tudo é Pernambuco, Raimundo, quer tu queiras, quer não !

— Pois eu, si não estivesse aqui no serviço do senhor capitão, lhe contaria uma historia...

— Cabra mofino !

— Mas chegando no Bargado, hade vêr de que páo é canôa.

— E' de páo que precisa ser descascado, Raimundo, e quero eu ter este gôsto.

Muito á proposito voltaram Moirão e Corrimboque, trazendo os alforges cheios de comidas, e os odres retesados de vinho portuguez, e de cachaça da terra. Essa vista applacou a resinga do Onofre com o seu bandeirista.

Estendeu-se um couro no chão, e os camara-

das trataram de baldear o conteúdo dos alforges e odres para as vasilhas dos estomagos. Esses descendentes dos cobocolos seguem a mesma regra daquelles : não guardar comida, nem fome para o dia de amanhã. Assim não carregam a primeira, nem esperdiçam a segunda.

A comezaina corria no meio das pilherias e galhofas dos bandoleiros :

— O tal sr. Fragosinho não cochila, gente ! disse o Beijú. Lá no Inhamuns quanta piabinha bonita havia foi direitinho para o jiqui. Agora vae metter-se em filha de capitão-mór !...

— Que tem lá isso ? perguntou com tom arrebitado a Rosinha, que estava de lado sentada em um galho secco, e almoçava laranjas e passoca em uma cuia. Por ter pai de farda vermelha não é mais bonita do qne as outras.

— Do que certa faceira de meu conhecimento, não é ; isso juro eu, menina.

Rozinha sorriu mostrando dois rocaes de perolas, finos dentes orientaes. Tinha ella todo o busto e uma parte do rosto envolto por um mantéo escarlate, que lhe servia de capuz; mas o que se en-

trevia e o que se advinhava da phisionomia como do talhe, denunciavam encantos de fascinar.

Eram além daquelle sorriso perlado, uns olhos negros e avelludados que scintillavam sob o capuz como estrellas em noite procellosa; uma cintura de vespa, e um pé arqueado que apparecia por baixo da orla da vasquina parda.

— Raimundo, homem, passa para cá a mandureba! Olha, o diabo, como escorrupichou!

— Não sei que tem este vinho, hoje! observou Moirão, enxugando a bocca do sorvo. Acho-lhe assim um travo como de engaço! Não sentem!

— Deixe vêr!

— Eu já lhe tinha sentido.

— Hade ser da borracha.

— E não é só o vermelho; a branca tambem tem o mesmo gosto.

— Mas vão escorregando; que disem? Ainda nenhum se engasgou que eu visse.

— Então, Rozinha, não tomas um trago tambem?

— Para beber á sua saude, Sr. Onofre.

— Pois vá lá. A' nossa, feiticeira!

— André, da um pullo lá em baixo, homem, e tira as mochilas dos cavallos, para que almocem

tambem ! Vão correr mais do que você, que já forrou a tripa, cabra velho.

A essa recommendação do Corrimboque levantou-se o André e dirigiu-se ao logar designado, com o seu alforge de couro cheio de carne e farinha.

Terminada a comezaina, o Onofre passou nova revista á sua gente, designando a cada um seu posto, e insistindo nas primeiras recommendações.

O logar escolhido para a emboscada não podia ser mais azado. Era uma brenha, deffendida ao sul por um serrote ingreme. O caminho passava entre duas rochas a que pela forma convexa tinham dado o nome de Bahus. A' direita ficava o alcantil ; a esquerda o bamburral que terminava logo adiante em um vasto alagado. Para tornar impossivel aos cavalheiros o transito pela espessura, o Onofre havia levantado no mato uma perfeita estacada entre a rocha e o pantano.

Assim a comitiva na volta não tinha outra passagem sinão a estrada ; e trancada esta, seria obrigada a fazer um longo rodeio, ou a retardar a sua marcha por algumas horas emquanto abria

caminho. Desta circumstancia, tirara o Onofre todo o partido para a cilada.

Tecera o bandeirista uma grade de relho, e a atravessara diante dos dois penhascos, amarrando as pontas em arvores novas, de um e outro lado. Vergara depois essas arvores como costumam fazer os caçadores nas armadilhas ; e a teia ficou estendida no chão coberta de terra e folhas seccas.

Por artes do cigano incumbido de enfeitiçar o baio, conta Onofre que a filha do capitão-mór será a primeira à passar pelos Bahus. Apenas ella se ache do outro lado, o Corrimboque e o Raimundo cortarão as cordas das arvores; e estas voltando á posição natural levantarão comsigo a grade que deve fechar a estrada.

Então separada a moça da comitiva, ainda que tenham passado com ella algumas pessoas, é facil ao bandeirista consumar o rapto A Rozinha saltará na garupa do baio ; com uma das mãos tapará a bocca de D. Flor para impedi la de gritar e com a outra a estreitará ao peito, emquanto o Onofre bem montado, tomando o baio pela brida, dispara com elle e a donzella.

Para reforçar a grade de couro, preparou

Onofre outra barreira. E' uma ramalhuda braúna, já serrada pelo topo e que á um empurrão do Aleixo Vargas cahirá sobre o caminho, trancando-o com uma sebe viva e emmaranhada.

Emquanto o capitão-mór e sua gente esbarrar-se nessa embrechada, o Onofre tem tempo de por-se á salvo com a donzella e recolher-se ao Bargado.

Antes de concluir o novo exame da emboscada, sentiu o bandeirista a lingua tropega :

— Diabo deste vinho do reino !... Não sei que mistura lhe deitaram !... Querem vêr que poz-me, meio lá, meio cá ?... Eu me entendo é com a patricia !

— Não é, Sr. Onofre. Este vinho tinha alguma cousa com certeza. Tambem eu estou com as pernas bambas, de uns sorvos que dei na borracha. Pois a minha conta no Minho era meio quartilho ao almoço.

Reparou o Onofre que toda a sua gente já andava estirada, uns pelo chão juncado de folhas seccas, outros pelos galhos rasteiros, á curtir a carraspana.

— Olhem esta corja de bebados ! Como roncam !... E mais é que eu vou fazer o mesmo !

Não posso comigo ! O tal sumo de uva não me toa !... Corrimboque, fique de espreita e accorde-nos, quando chegar... quando for... você sabe...

Não concluiu Onofre. O torpor que lhe invadira o corpo sopitou-o completamente, e nem lhe deu tempo de escolher o logar onde accomodar-se. O Corrimboque si ainda o ouviu, não póde responder-lhe de pesada que tinha a lingua ; e o Moirão já mugia como um touro.

Nessa occasião os cavallos começaram á rinchar, sentindo talvez a aproximação de algum animal da mesma especie.

A unica pessoa que resistiu ao subito lethargo foi Rozinha, de certo por ter bebido apenas uns goles de vinho. A rapariga vendo toda aquella gente sopitada em profunda modorra, assustou-se, tanto mais quanto tambem sentia desfallecimento.

Não foi longa porém essa perturbação ; passada ella, conservou-se alerta afim de accordar os companheiros ao primeiro sobresalto.

Ergueu-se então d'entre um monte de folhas seccas a alta e magra estatura do Job. Investigando com rapido olhar a scena, o velho esgueirou-se com a subtileza de uma sombra por entre a

a folhagem e foi surdir á uma distancia de cem braças.

Ahi segurando um grosso madeiro começou á bater na terra com o movimento compassado de um pilão.

A's primeiras pancadas, Rosinha sobresaltou-se e tratou de accordar Onofre; mas o bandeirista não deu accordo de si e os companheiros ainda menos. Quando a rapariga já não sabia o que fizesse, cessou o estrepito que ella attribuiu á corrida de algum boi.

Entretanto Arnaldo acabava de soltar o Dourado, e lembrando-se dos rinchos que ouvira, e que denunciavam a presença de cavallos bridados, tomou esse rumo, suspeitando que a bandeira do Onofre andasse por aquelles sitios.

Nisso percebeu uma como vibração que sahia da terra e reconheceu immediatamente o signal de Job, que tinha aprendido dos indios á communicar-se por aquelle meio seguro atravez de grandes distancias.

Instantes depois o moço sertanejo encontrava-se com o velho, que o levou ao logar da emboscada.

— Estão dormindo?

— Beberam tingui.

O velho referiu então rapidamente á Arnaldo, o que fizera.

Emquanto os bandeiristas agachados no mato espiavam a passagem da comitiva, Job fora aos alforges, tirara um caneco, enchera-o de aguardente em um dos odres ; e esmagando entre os dedos ramas de tingui, macerou-as depois dentro do espirito. Quando lhe pareceu que a tintura estava bastante forte, dividiu a aguardente pelas duas borrachas e teve o cuidado de as sacolejar.

Sabendo que a gente da escolta fora tinguijada pelo velho, Arnaldo estremeceu :

— Envenenados ? Todos ?..

— Tontos apenas. Deixa-os dormir descançados, e daqui á uma hora accordarão um tanto moidos e nada mais.

— E a rapariga ?

— Bebeu pouco.

— E' preciso amarra-la á ella e aos outros por segurança.

Job apoderou-se de Rozinha embrulhando-lhe a cabeça na mantilha. Arnaldo foi á varzea, matou um boi e o esfolou com a rapidez e des-

tresa que tem neste, como em todos os misteres de seu officio, o vaqueiro cearense.

O couro foi immediatamente cortado em correias, com que o sertanejo peou de pés e mãos á toda a escolta, inclusive a Rosinha, passando em seguida elle e Job á amordaça-los pelo mesmo systhema.

Na occasião em que ligava os pulsos do Moirão, Arnaldo traçou-lhe com a ponta da faca uma cruz nas costas da mão direita, e tão ferrado estava no somno o minhoto que não sentiu o gume do ferro cortar-lhe a epiderme.

IX

REPREHENSÃO

Depois de combinar com Job o que lhes restava à fazer, Arnaldo deixou o velho no logar da emboscada e voltou ao sitio onde havia ficado a comitiva.

Ali chegou, como vimos, ao terminar o almoço e contou ao capitão-mór a péga do Dourado.

Quando,na occasião de montarem os convidados para a volta, elle aprezentou o baio à D. Flor, já tinha destruido completamente o effeito das artes do cigano. Desappareceu nessa occasião ; mas para acompanhar por dentro do mato a comitiva e observar melhor o jogo do Fragoso.

Viu o signal dado. O cigano que tambem occulto no mato espreitava aquelle signal, soltou o

canto da saracura, e disparou á correr, passando perto de D. Flor.

O baio não o seguiu como elle esperava; mas seguiu-o Arnaldo que breve o alcançou e derribando-o da sella, puxou-o para dentro da espessura, onde o deixou peado como os companheiros.

O sertanejo imitou então o canto da saracura; emquanto Job espantava os cavallos emboscados, que partiram à desfilada na direcção do Bargado.

Marcos Fragoso, ouvindo a senha convencionada e o tropel dos animaes, acreditou que D. Flor estava em seu poder, e despediu-se arrogantemente do capitão-mór, dando aviso aos companheiros para que o seguissem.

Entretanto D. Flor e Alina transpunham o logar da emboscada sem o menor accidente, e D. Genoveva moderava a marcha de seu cavallo para reunir-se ao marido e saber delle a razão da repentina partida do Ourem e seus companheiros.

Ao passar por diante de Arnaldo occulto na espessura, D. Flor perguntara á Alina:

— Onde estão suas flores, menina?

— Que flores, Flor? retorquiu a moça brincando com a palavra.

— As que nos trouxe o Marcos Fragoso.

— Deixei-as ficar ; respondeu Alina com indifferença.

— Pois das minhas fiz um adereço ! Olhe ! disse a gentil donzella apontando para os pingentes escarlates que lhe ornavam o collo e os cabellos. Não parecem rubis ?

— São muito galantes ; mas eu prefiro esta que você me deu ; tornou Alina sorrindo e mostrando a umbella que Arnaldo colhera, e que ella trazia ao seio.

D. Flor ficou séria, e fustigou o baio, que partiu à galope.

O capitão-mór havia alcançado D. Genoveva ; e referia-lhe agora quanto se passara com o Marcos Fragoso, desde o pedido que este lhe fizera da mão de D. Flor, até á recusa formal e terminante que recebera.

D. Genoveva, quando pela primeira vez, quinze dias antes, conversara com o capitão-mór acerca desse particular, mostrara-se inclinada ao sobrinho Leandro Barbalho, e até dera á entender que não tinha em bom conceito ao Marcos Fragoso.

Desde porém que o capitão-mór decidira-se por este, ella como fiel esposa, habituada á idenfi-

car-se completamente com a vontade do marido, passou á considerar Marcos Fragoso já como o noivo de sua querida Flor.

O mais ardente desejo da boa mãi era ver a filha casada ; embora quando pensava nisso estremecesse com a idéa de uma separação por mais breve que fosse. A' esse respeito porém a tranquillisava o capitão-mór, que estava resolvido á impor ao futuro genro a condicção de viver debaixo do mesmo tecto.

O desfecho da pretenção do Marcos Fragoso devia pois entristecer à D. Genoveva, que viu adiado o casamento por ella tão ardentemente desejado. A boa senhora não comprehendia o motivo que tivera o capitão-mór para recusar um genro que elle mesmo, de sua propria inspiração, havia escolhido entre outros e preferido á todos.

Mas ella acatava as decisões do marido, e não tinha o costume de discutil-as, pois depositava a maior confiança na prudencia, como no amor, daquelle á quem havia unido o seu destino.

A pergunta que fez não teve outro fim sinão saber do motivo que determinara a deliberação do marido para melhor compenetrar-se della.

— Porque foi então que o despachou, Sr. Campello ?

— Porque atreveu-se á pedir D. Flor.

— Não é costume ?

— Nossa filha, D. Genoveva, não é para ser pedida, como qualquer moça ahi do mundo. Não foi para isso que nos a creamos. Eu tinha me lembrado desse Fragoso ; mas elle adiantou-se, e com tamanha arrogancia, que já se julgava noivo.

Passava de meio dia, quando o capitão-mór chegou com sua familia á Oiticica.

D. Flor dirigira o cavallo para baixo da arvore afim de apear-se na sombra. Arnaldo a seguira, e saltando em terra, offereceu-lhe o hombro como um escabello.

A donzella estava então encantadora. A agitação do passeio e os raios do sol tingiam-lhe as faces de uns laivos de purpura, os olhos tinham um brilho vivo, e as lindas flores escarlates entrelaçadas em suas negras e bastas madeixas, formavam-lhe um toucado gracioso. Dir-se-hia que não eram flores, mas os sorrisos feiticeiros de seus labios de carmin, que lhe serviam de joias para a fronte e de broche para o seio do roupão.

Arnaldo, vendo aquellas flores que ainda mais

formosa tornavam a donzella, sentiu o coração traspassado.

— Tire estas flores ! disse elle ajoelhado junto ao estribo e com a voz supplicante.

— Porque ? perguntou a donzella admirada.

— Tem veneno ! balbuciou o sertanejo.

— Deveras ! tornou D. Flor com um riso de mofa.

Arnaldo ergueu-se de um impeto, e antes que podesse dominar o violento impulso de sua alma, arrancara da cabeça e do seio da donzella as flores, que arrojou ao chão, e esmagou com a ponta da bota, como si fossem um reptil venenoso.

D. Flor, que já apeava-se, foi tomada de uma sorpresa dolorosa ; e pasma com aquella audacia, recahiu sobre a sella. No primeiro assomo de sua indignação não se lembrou quem estava deante della e não viu ali sinão um homem que tivera a insolencia de toca-la.

A haste do chicotinho, brandida por sua mão irritada, vibrou no ar ; mas a donzella tivera tempo de dominar esse impeto de colera. Retrahiu-se em uma altiva dignidade.

— Arnaldo !

O sertanejo permanecia immovel, e soffreu em silencio, impassivel, mas resoluto, a reprehensão que provocara.

— Não esqueça o seu logar, Arnaldo ; continuou D. Flor com severidade. A ternura que tenho á sua mãi não fará que eu supporte estas liberdades. A culpa é minha, bem o vejo. Si não lhe desse confianças, tratando-o ainda como camarada de infancia, não se atreveria á faltar-me ao respeito. Lembre-se porém que já não é um menino malcreado ; e sobretudo que eu sou uma senhora.

— Minha senhora !... disse Arnaldo carregando nessa interrogação com acerba ironia.

— Sua senhora, não ; tornou D. Flor com um tom glacial ; não o sou ; mas tambem, apezar de nos termos creado juntos, não sou sua igual.

Arnaldo ajoelhou-se de novo como para offerecer a espadua á moça ; e disse-lhe provocando-a com o olhar.

— Si a offendi, castigue-me ; não tem na mão um chicote ?

— Não, e arrependo-me de meu primeiro movimento. Mas si outra vez esquecer-se o respeito

que me deve, Arnaldo, eu me queixarei à meu pai, para que elle o corrija.

Ditas estas palavras no mesmo tom severo e altivo, a donzella acabou de abater o sertanejo com um olhar de rainha e affastou-se, encaminhando o animal para a casa. Pouco adeante, saltou da sella ; e foi reunir-se à mãi que tambem acabava de apear-se.

Esta scena passou-se rapidamente, como um aparte ao movimento geral da desmonta. Entretidos comsigo, os outros não perceberam a subita acção de Arnaldo ao arrancar as flores, e o incidente que sobreveio.

Erguera-se o moço sertanejo com arrogancia ao ouvir o nome do capitão-mór com que o ameaçou D. Flor ; e acompanhou a donzella com um olhar de desafio, até que ella entrou em casa.

Então Arnaldo saltando de novo na sella, metteu as esporas no Corisco, e disparou de ladeira abaixo.

Correu direito ao Bargado ; ia resolvido à desafiar o Marcos Fragoso, matal-o para vingar nelle a humilhação que acabava de soffrer, e depois deixar-se matar para assim punir-se do crime de haver offendido o melindre de D. Flor.

A fazenda do Bargado estava deserta, e Arnaldo apenas ali encontrou a familia de um vaqueiro invalido, que ficara para guardar a casa. Disse-lhe a mulher que o capitão Marcos Fragoso tinha partido uma hora antes para Inhamuns levando toda a sua comitiva e mais o José Bernardo com a gente da fazenda.

Desconfiou Arnaldo dessa partida precipitada; e receiou que ella escondesse algum novo embuste. Desde que um perigo ameaçava a tranquilidade da familia á quem se devotara e a segurança de D. Flor, o sertanejo esquecia-se de si, para só occupar-se com a deffeza dos entes que estremecia.

Seu primeiro cuidado foi dirigir-se ao logar da emboscada. Já não havia ali viva alma; todos os bandeiristas haviam desaparecido; mais ainda viam-se pelo chão as peias de relho, cortadas á ferro.

Eis o que succedera.

Marcos Fragoso ao despedir-se do capitão-mór, tomara á direita, e reunido adiante ao Ourem e mais companheiros, ganhara o atalho, que rodeando o alagado devia po-los á caminho do Bargado. Elle conhecia perfeitamente esse des-

vio, por te-lo percorrido na vespera com Onofre.

Esperava o moço capitão alcançar pouco além dos Bahus, o Onofre e a escolta, que elle acreditava conduzirem D. Flor, conforme suas recommendações e o plano anteriormente combinado. Tudo correra como se esperava ; e já ouvia-se á pequena distancia o tropel da cavalhada.

Na desfilada em que iam, não era possivel travar conversa ; mas Ourem poude trocar este curto dialogo.

— Que é isto, primo Fragoso ? Refrega de castelhanos ?

— E' a princeza que levamos.

— Ah ! bem me queria parecer !... Pois vamos lá como D. Gaiferos :

> Finca esporas no cavallo
> Que o sangue lhe faz saltar ;
> Ei-lo corre, ei-lo que vôa,
> Ninguem o pôde alcançar.

E ferrando por sua vez os acicates no cavallo, Ourem lá se foi no encalço do primo.

Afinal quando sahiram da matta para o descampado, poude Marcos Fragoso avistar a cavalhada,

que ia-lhes na dianteira cerca de cem braças. Não foi pequena a sua sorpreza e dos companheiros notando nos animaes sellados e arreiados a completa ausencia de cavalleiros.

Pensou Fragoso que os animaes tivessem arrancado por sorpresa, deixando Onofre e a escolta desmontados. Emquanto o José Bernardo dava cerco aos cavallos, voltou elle soffrego ao sitio da emboscada, esperando chegar ainda á tempo de tomar D. Flor ao arção e fugir com ella.

Diante dos bandeiristas estirados no chão, e atados de pés, mãos e queixos, elle entendeu que tinha sido burlado pelo capitão-mór ; e isto o encheu de furor.

Onofre e seus companheiros já tinham tornado á si do torpor, que produzira a infusão do tingui ; mas estavam bambos, e sobretudo corridos de vergonha por terem cahido no laço, elles que o vinham armar. E' o que chamam virar-se o feitiço contra o feiticeiro.

Nenhum delles sabia explicar a esparrela em que fora apanhado. Apenas á lembrança ainda atordoada de alguns acudiu aquelle travo especial do vinho e da aguardente, d'onde tiravam uma

suspeita ainda obscura. O Moirão porém que sentíra arderem-lhe as costas da mão, e logo que lhe cortaram as correias vira a cruz traçada pelo Arnaldo, benzeu-se e advinhou que ali andavam artes do rapaz.

— Não tem que ver ; murmurou. Si elle anda de pauta com o Tinhoso.

A unica pessoa que podia referir os promenores da tramoia era a Rosinha, que não ficára completamente sopitada com o tingui. Mas Job tivéra o cuidado não só de ata-la de pés, mãos e queixos como Arnaldo fez aos outros ; mas de embrulhar a cabeça de modo à tapar-lhe os olhos.

Assim nada tinha visto, e o que ouvir a pouco adeantava : era o canto da saracura, o arranco da cavalhada, e o tropel da comitiva que passava tranquillamente pelo caminho.

Marcos Fragoso ficou tão exasperado com o exito da emboscada, que prohibiu aos seus vaqueiros cortarem as correias dos pulsos e artelhos dos bandeiristas, e intimou-lhes esta ordem cruel:

— Surrem-me já esta corja de biltres, para

ensina-los á não serem basbaques ! Deixarem-se agarrar como preás no fojo !

O Daniel Ferro, que era mais vezeiro nessas emprezas, e sabia que no sertão ninguem, ainda o mais esperto se livrava de taes embrechadas ; fez uma observação prudente e assisada.

O capitão-mór zombára do Onofre, peando-o á elle e a seus companheiros, como á um magote de bestas ; mas quem assegurava que não passasse á demonstrações mais energicas ? Podia resolver-se á atacar de repente o Marcos Fragoso para vingar-se da affronta que este lhe fizéra tentando roubar D. Flor.

Nesse caso de um ataque subito, careciam de gente brava e destemida. Não seria com esses homens, irritados por um castigo injusto e infamante, que poderiam contar para resistir ao braço forte do capitão-mór, o qual fazia tremer ao mais valente.

Ourem e João Corrêa apoiaram as razões de Daniel Ferro ; e Marcos Fragoso cedeu.

— Podemos seguir, senhor capitão ? perguntou José Bernardo depois de cortar as correias que peavam os bandeiristas.

— Daqui para Inhaumns ! disse o Marcos Fra-

goso, voltando-se para os companheiros. Não ponho pés no Bargado senão depois de tirar a minha desforra.

Despachou o capitão ao José Bernardo para seguir do Borgado com a bagagem ; e elle partiu d'ali com os companheiros e a escolta em direitura á sua fazenda das Araras, situada á margem do rio das Flores.

Arnaldo examinava o sitio, e estudava o rasto da comitiva, quando appareceu-lhe Job, que o esperava, contando que elle voltasse ali. O velho enterrado na rumas de folharada, tinha assistido á scena anterior ; e narrou-a fielmente ao sertanejo.

— Partiu para Inhamuns ; concluiu elle. Mas volta breve; e com maior bando de gente armada.

— Cá me achará ; disse o sertanejo simplesmente, como si elle, só, bastasse para derrotar o bando dos inimigos.

Deixou Arnaldo ao velho na gruta e seguiu para a casa. Perto do tombador, avistou o Nicacio, que descia a cavallo, de maca e rede na garupa, alforges no arção e todos os petrechos do sertanejo em viagem.

— Até a volta, amigo Arnaldo. Quer alguma cousa para o Ouricury.

— Está de viagem, Nicacio ?

— Vou levar uma carta do sr. capitão-mór ao sobrinho Leandro Barbalho. E o negocio é de aperto, que vou aforçurado. Deu-me quatro dias para a ida e outros tantos para a volta. Até lá.

— Boa viagem, Nicacio !

— Si poder de vez em quando dar um pulo lá pelo roçado...

— Fique descançado.

— E' favor! gritou o viajante que já desapparecia ao longe de galope.

Arnaldo continuou para a casa. Aquelle subita partida do Nicacio, e a carta que levava, o deixaram preoccupado. Tinha um presentimento que novo perigo ameaçava a sua felicidade, e quando ainda o primeiro não estava dissipado.

Aproximando-se occulto pelo arvoredo, viu de longe D. Flor recostada á sua janella.

Era já sobre tarde. A sombra que vestia esse lado do edificio, concorria talvez para tornar ainda mais merencoria a expressão da donzella. Seus olhos linipidos, passavam por entre a folhagem rendilhada de uma aroeira e iam immergir-

se no azul do céo, onde estampava-se o disco prateado da lua. Ali ficavam immoveis, fixos, como dois raios do astro meigo e saudoso da noite, que se estivessem embebendo em seu seio, e enchendo a da luz do cèo.

O coração de Arnaldo confrangeu-se.Fora elle quem pertubara a serena placidez daquella fronte angelica ; fora elle o autor daquella tristeza.

Saltou em terra, ajoelhou-se humildemente, e de mãos postas, com todo o fervor do crente quando ora á divindade, pediu perdão à D. Flor da magoa que lhe causara. Teve impetos de punir-se ali mesmo deante da donzella, do atrevimento com que lhe offendera o pudor e o altivo melindre.

Chegou á levar a mão ao punho da faca ; mas lembrou-se que sua vida era precisa naquella occasião em que novos, e talvez mais serios perigos ameaçavam a casa da Oiticica.

X

A INFANCIA

Entrando no seu camarim, depois da reprehensão que dera a Arnaldo, D. Flor precipitadamente voltara-se para fechar a porta e impedir a entrada da escrava que vinha prestar-lhe os seus serviços e ajudal-a à mudar de traje.

Caminhando até o meio do aposento, a donzella parou ; e recolheu-se attonita do que se passava em si. De repente o seio tumido estalou em um soluço ; e dois rocaes de lagrimas aljofraram-lhe as faces.

Porque chorava ?

Foi a interrogação que dirigiu á sua consciencia, confusa e perturbada com aquelle pranto subito. A severidade que usara com Arnaldo, ella a devia ter ; não se arrependia da exprobação que fizera ao seu collaço, antes parecia-lhe que ain-

da fora muito branda, pois ante a ousadia do rude sertanejo, cumpria-lhe mostrar maior rigor.

Naquelle instante, esquecendo a amisade que desde a infancia tinha ao filho de sua ama, a donzella odiava-o sinceramente; e não podia perdoar ao vaqueiro o atrevimento de dar-lhe uma ordem e o insulto de tocal-a, á ella D. Flor, á quem seu proprio pai o capitão-mór Campello respeitava como uma santa.

Assomava-lhe ainda na mente a imagem do insolente, com a phisionomia revolta, e os olhos chammejantes; ella não o vira erguer a mão audaz, tão rapido fôra o movimento; mas sentira-lhe o contacto nos cabellos, e o leve perpassar pelos alamares que fechavam o corpete de seu roupão de montar.

Ainda a vertigem que a tomara naquelle momento annuviava-lhe a vista ao recordar-se do incidente; e insensivelmente brandia o chicotinho, arrependida de não ter castigado aquella villania.

Mas si a revolta de sua altivez, a impellira á esse acto de energia; por outro lado os instinctos nobres e delicados de sua alma tinham-lhe advertido que não devia descer até corrigir com

sua propria mão a grosseria de um quasi famulo da casa.

A donzella permaneceu algum tempo immovel no meio do aposento, completamente absorta. A pouco e pouco a figura sinistra do vaqueiro que a havia desacatado, foi-se desvanecendo, como si as lagrimas lhe delissem as tintas, e da nevoa que fez-se na memoria da donzella, surgiu o vulto de um menino de sete annos, vestido com um gibão de couro, que lhe servia de opa.

Este menino era Arnaldo ; e o gibão pertencia ao pai, o vaqueiro Louredo, que o deixara de usar por já estar muito velho e surrado ; á ponto de andar á rir-se pelos muitos rasgões que tinha nas costas.

O menino soffrego por ter um vestuario de vaqueiro, enfronhara-se naquelle fardão ; e ficara tão cheio de si, que não se trocaria por um rei, embora dos rasgões do couro lhe sahissem as tiras de uma camisa de chita, que a mãi lhe cozera oito dias antes, e que elle já havia reduzido á trapos.

D. Flor, tornada tambem em sua fantazia, á idade feliz da innocencia, olhava com espanto para aquelle pirralho, que elle via á cada instan-

te praticar as maiores estrepolias, e commetter temeridades que á todos enchiam de susto.

Arnáo, como o chamavam os paes nesse tempo, não estava um instante quieto : si não andava já empenhado em uma travessura, com certeza buscava o pretexto para ella. Seus folguedos porém eram sempre de cousas improprias de seu tamanho, e que muitos com o dobro de sua idade não se animariam à emprehender.

Um macaco trepava aos ultimos ramos de uma arvore, e de lá deixava-se cahir, segurando-se pela cauda. Arnaldo assentava de pular como elle de ramo em ramo, e despencava-se do alto. A mãi o mettia em pannos de sal, e dava lhe á beber um cosimento de angico ; no dia seguinte já elle estava ruminando outra.

Ora mettia-se á parar a bolandeira tangida com força, e rodava pelos ares ; ora quando a mãi o mandava apanhar gravetos, carregava às costas um grosso tôro de sabiá, que o atirava ao chão em risco de esmagal-o ; em outra occasião era o bóde em que elle montava, e lá se ia pelos precipicios e desfiladeiros a divertir-se dos sustos da Justa.

Ninguem podia com elle. A mãi com seus ralhos

não conseguia sinão affligir-se; e si passava o capeta ao cipó, então é que elle endemoniava-se O capitão-mór não olhava para essas cousas; e o Louredo, conservando uma impassibilidade que nunca se desmentia, bem longe de prohibir ao filho essas estrepolias, ao contrario o acorocoava, deixando-o fazer quanto queria.

Trouxeram uma tarde um cavallo brabo para que o Louredo o amansasse, pois não havia melhor campeador naquella redondeza. O vaqueiro conhecendo que o bicho era manhoso, tratou de amacia-lo antes de saltar-lhe em cima.

— Eu quero montar! gritou Arnaldo.

— Estás doudo, menino? dizia a Justa apoderando-se delle por segurança.

— Tu não podes com elle, Arnão! disse o pai.

— Ora si posso!

— Pois monta; ahi está.

O menino pulou no cavallo, que desencabrestou-se com elle aos corcovos. Afinal, depois de uma luta que não sustentariam tão bisarramente destros cavallieros, o animal conseguiu lançal-o fora, e atirou-o de cambalhota pelos ares.

— Ahi está o que você queria, sr. Louredo! gritou a Justa que não cessara de rezar.

— O menino tem sua sina, mulher ; respondeu Louredo mui descançado. Si elle escapar das façanhas em que se mette, é porque Deus o protege e quer fazer delle um homem ; si não escapar, é melhor que Nosso Senhor o leve para o céo, emquanto não sabe o que é este mundo.

Outra vez foi um novilho brabo, á que se tinha de torar os chifres. Arnaldo teimou em segura-lo. O pai desatou o laço do moirão, e entregou a ponta ao filho, dizendo-lhe com a voz pachorrenta :

— Toma lá ; mas si tu me largas o novilho e o deixas fugir, metto-te o relho, cabrinha, tão duro como um osso.

Arnaldo segurou a ponta do laço, enleiou-a no pulso para não escorregar, e disse ao pai com o maior topete :

— Largue !

O novilho arrancou pelo campo afora, e o Arnaldo la foi com elle aos trambulhões. Porfim o menino revirou de todo no chão ; e o barbatão levou-o de arrasto. Aos gritos de Justa, que vira a scena de longe, adiantou-se o Louredo para livrar o filho dos apertos.

— Vaqueiro,não se metta ! Não foi este o ajuste ! gritou Arnaldo para o pai.

O endiabrado menino, que se atirara ao chão de proposito para augmentar a resistencia com o peso do corpo, conseguira afinal fazer fincapé nas raizes do capim, e parar o novilho já cansado. Quando Arnaldo conheceu que o tinha seguro gritou ao pai :

— Pode torar ; que o bicho daqui não sahe.

Arnaldo tinha muita vontade de dar um tiro com o bacamarte do pai. Actualmente não se conhece, e talvez já não se fabrique essa especie de arma,tão estimada outr'ora no interior e tão proeminente nas lutas fratricidas que ensanguentaram por vezes o interior do Brazil.

O bacamarte, simbolisava ate bem pouco tempo ainda a *ultima ratio*, o direito da força ; era como na Europa o canhão, de que tinha com pouca differença a configuração, pela grossura do cano muito semelhante ao collo de uma peça de artilharia. Havia-os de boca de sino, que despediam uma chuva de balas e metralhas.

Comprehende-se a força que era precisa para supportar o recuo de uma arma destas ao dis-

parar, e o perigo á que se exporia Arnaldo fazendo fogo com o bacamarte do pai, que era dos mais formidaveis.

Um dia em que a Justa não estava em casa, insistindo o menino, o Louredo carregou o bacamarte á meia carga, e entregou-o ao filho. Este sem pestanejar, com uma temeridade de creança, apontou para o ar e puxou pelo gatilho.

Soou o tiro ; e o menino revirou de cambalhota, arrojado pelo couce da arma, que por pouco não lhe desarticulou a clavicula. A Justa que chegou deitando alma pela boca, tomou o filho nos braços, poz-lhe umas talas com emplastros ; e começou nessa mesma noite uma novena á Nossa Senhora.

No dia seguinte Arnaldo estava de pé ; mas andou uma semana de braço na tipoia.

Indo o Louredo para a serra com a mulher e o filho, encontrou o rio cheio. A força d'agua era medonha e formava uma torrente impetuosa. O vaqueiro resolveu esperar que passasse a maior correnteza, para atravessar á nado.

Arnaldo porém teimou que havia de passar logo. A Justa poz as mãos na cabeça. O vaqueiro

voltou-se para o menino com o mesmo tom socegado do costume :

— Eu não me atrevo. Si tens topete para tanto, cabrinha, vae com Deus, que eu não te esbarro.

A Justa vendo que o marido não se oppunha á semelhante loucura, agarrou-se ao filho ; mas este escapou-lhe, e sacando fóra a roupa de que fez uma trouxa, pediu ao pai que a atirasse da outra banda ; e metteu-se intrepidamente pelo rio á dentro.

A' um terço do leito, onde começava o tezo da corrente, o menino desappareceu. O rio o enrolára me suas ondas revoltas, arrebatando-o como uma das folhas que giravão no torvelim de suas aguas.

Justa que ficára de joelhos à beira do rio, e não cessára de resar o terço invocando Nossa Senhora da Penha e todos os Santos de sua devoção correu soltando um grito de horror. Mettida n'agua até o seio, com os braços inteiriçados no vão intento de agarrar o filho, cuja cabeça ainda surgia de longe, por entre os borbotões da torrente, a misera mãi enlouquecia de dôr, e lançava ao marido as maiores imprecações.

O Louredo a ouvia taciturno e sombrio. Quando

o vulto do menino sumiu-se na volta do rio, acreditou que afinal Deus lhe havia levado o unico filho que lhe concedêra. Apezar de seu rude fatalismo, que o fazia considerar a morte do menino como o livramento de futura desgraça, pagou neste momento o tributo à natureza, e com os olhos rasos de lagrimas ajoelhou-se ao lado da mulher.

Estava aquelle infeliz casal succumbido pela perda do unico filho, quando o foi sorprehende uma voz bem conhecida, que vinha da outra banda do rio.

— Ande com isso, pai. Venha a minha trouxa !

— Arnaldo ! .. bradou Justa. E' elle mesmo!... Minha Nossa Senhora da Penha, fostes vós que o ressuscitastes !

— Ainda estás vivo, rapaz ! Como foi isto ?

— Ora o rio está mesmo desembestado, e pegou uma quéda de corpo comigo, que foi uma historia. .. Qual de cima, qual de baixo ; e já queria passar-me a perna, quando encontrei um toro de molungú, e agora vereis.Montado no meu cavallo de páo fiz as todas.

Arnaldo tomàra pé muito para baixo, e viéra pela beira do rio até ali. O pai jogou-lhe a ponta

do laço, que elle amarrou em um tronco, e serviu de espia ao banguê ou balsa de couro, em que o vaqueiro transportou-se para o outro lado com a Justa.

— Descance, mulher, que este menino não morre. Elle tem a sua sina ; dizia Louredo atravessando o rio.

Não era o vaqueiro homem frio e indolente ; ao contrario muitas vezes tinha seus arrebatamentos. Aquella pachorra e socego, só a mostrava em relação ao filho ; e parecia mais produzida por uma firme resolução do que por temperamento, ou tibieza de affecto.

Muitas das proezas de Arnaldo, D. Flor as vira do collo de Justa onde conchegava-se de medo ; e ainda lembrava-se dos sustos da boa sertaneja, e do quanto ficàva ella atarantada, não sabendo como dividir-se entre a sua filha de creação, e o fructo de seu seio.

A menina que tinha cinco annos então apossára-se despoticamente daquelle regaço e delle tinha expellido o seu legitimo dono. Si Arnaldo com ciumes vinha alguma vez encolher-se ao cós da mãi, e insinuava a cabeça por baixo do

braço para aninhar-se, a menina percebendo-o, corria á expulsa-lo d'ali.

Ella não consentia, nem que o pobre do Arnaldo se enrolasse na fralda da saia materna. Não satisfeita com o collo em que se entonava como em um throno, desherdava o collaço de todos os carinhos.

Justa que fazia todas as vontades à Flor, obrigava o filho á afastar-se, mas às escondidas o pagava da ternura de que então o privavam os ciumes da menina. Arnaldo obedecia á mãi para não amofina-la ; mas na primeira occasião, as vezes no momento mesmo de arredar-se, vingava-se da collaça ferrando-lhe um beliscão de raiva.

Gritava a menina com a dôr. Justa ficava furiosa. Agarrava um cipó, e dando uma corrida no capeta que escapolia pelo resto do dia cuidava logo de por um emplastinho de polvilho com leite de peito, para desmanchar a marca do beliscão na pelle assetinada de Flor.

Dahi nascera uma zanga constante entre os dois collaços, com o que a ama muito affligia-se. Em apanhando a menina de geito, Arnaldo não deixava de fazer-lhe alguma pirraça. Umas vezes

era a rezina do visgueiro, que elle trazia escondida para grudar os annellados cabellos castanhos da menina, e fazer delles uma massaroca. Outras vezes passava-lhe um laço de embira e amarrava-a á goiabeira ; ou trazia do matto uma folha de ortiga para esfregar-lhe no braço, e um lagarto para pregar-lhe um susto.

Acodia Justa aos gritos da menina, e o Arnaldo ia ao cipó. Tantas eram as capetices que não havia murta, nem ateira ao redor da casa, de que elle não conhecesse as vergonteas, tão bem como as fructas.

Entretanto, apesar dessa briga constante, por uma singularidade que ninguem explicava, si Flor em vez de fallar á Arnaldo em tom de mando, ao contrario pedia-lhe com meiguice alguma cousa, o menino seria capaz de fazer-se em migalhas para satisfazer-lhe o desejo por mais caprichoso que fosse.

Provinha isso da indole original dessa criança, na qual um coração terno e exhuberante allia-va-se a uma altivez, estranha em sua posição, e mais ainda em sua idade. Parecia um principe maltrapilho, esse pirralho do sertão, que não tolerava uma sujeição nem mesmo á vontade do pai.

Pela doçura obtinham tudo de sua generosidade sem limites. Desde porém que se lhe fazia uma exigencia, sua susceptibilidade revoltava-se contra a ordem e elle resistia com a tenacidade de um carneiro amuado, quando não reagia com o impeto de um garrote brabo.

Flor com instincto de menina, o qual tem já muito do tacto feminino, breve apercebeu-se da influencia que seu meigo sorriso e sua branda supplica exerciam no animo do collaço. Tambem a altivez nella era nativa ; e já naquelle tempo sentia o prazer especial da dominação. Habituou-se pois á esse doce imperio, que em breve transformou-os dois teimosos nos melhores camaradas.

E' certo que la vinham ainda de vez em quando uns choques entre a menina caprichosa e o rapazinho arisco ; mas dissipavam-se logo essas nuvens e Flor reassumia o despotismo de sua garridice affectuosa.

Justa descobrira emfim o meio infallivel de impedir as estrepolias do filho, contra as quaes nada valiam seus rogos e lamentações. Bastava que Flor chamasse Arnaldo com a maozinha ou com a voz maviosa para que o menino esquecesse a mais gostosa travessura.

Estas recordações succediam-se no espirito de D. Flor e a absorviam tanto, que ao dar cobro de si achou-se no poial da janella onde não tinha lembrança de se haver sentado.

Vieram chama-la para o jantar ; mas ella, escudeira infatigavel, pretestou cançaço, para de novo mergulhar-se nestas scismas, que a consolavam do desacato do sertanejo.

XI

ADOLESCENCIA

O sol descambava.

D. Flor abriu as gelosias da janella, e divagou os olhos pela floresta, que arreiava-se então de toda a sua pompa vernal com a estação das aguas.

Naquelle extenso painel de verdura, cada arvore debuxava-se com uma forma e um matiz diverso. Viam-se todos os moldes da architectura desde a columna e a piramide até a cupola e o zimborio. O pincel do mais fino colorista não imitaria a gradação daquelle admiravel palheta desde o verde negro do jacaranda até o verde gaio do espinheiro.

Proximo á casa havia uma arvore seca, mas a exhuberancia da seiva não consentindo que no seio da esplendida transfiguração hibernal, se

destacasse um indicio de ruina e perecimento, cobrira aquelle esqueleto de um manto de purpura, tecido com as flôres de uma bignonia.

Um passarinho saltava do galho superior da arvore á outro mais baixo ; e com esse vôo comcompassado e alterno imitava perfeitamente o movimento da laçadeira, donde lhe veio o nome de *rendeira*, com que o designaram os povoadores.

D. Flor acompanhando o gracioso afan do passarinho, distrahiu-se outra vez, e foi de novo levada por misterioso fio ás scenas da infancia.

Quem sua imaginação via já não era o menino mal trajado e roto, com a cara coberta de poeira, os cabellos cheios de carrapichos, e as mãos sujas de sangue. Agora apparecia um rapazinho de quinze annos ; rude como sertanejo que era, mas trazendo com certo garbo nativo as vestes de couro de veado, que seu pai lhe tinha feito.

Arnaldo estava então na adolescencia. Já ajudava o pai á campear ; mas desde aquelle tempo manifestára-se sua repugnancia para todo o serviço obrigatorio, feito por ordem e conta de outro. Tinha elle paixão pela vida de vaqueiro, e passava dias e semanas no campo

fazendo voluntariamente o trabalho de dois bons ajudantes, e entregando-se com enthusiasmo à todos os exercicios daquelle mister laborioso. Si posém lhe determinavam tarefa, desapparecia, e ganhava o mato, onde se divertia á caçar.

Dois meninos tinham augmentado a sociedade infantil da Oiticica. Eram Alina, que ficára orphã pouco tempo antes, e fôra com sua mãi recolhida por D. Genoveva, e Jaime Falcão, um sobrinho do capitão-mór, e tambem orphão, o qual esteve quatro annos na fazenda, até os quinze annos, em que foi para o Lisbôa viver na companhia do avô.

Esse Jaime, apezar de mais velho do que Arnaldo, lhe ficava muito inferior na força, destreza, coragem, e em todos os dotes phisicos. Nos folguedos à cada instante revelava-se esta desigualdade que contrariava o vencido, e acabou por gerar um despeito concentrado.

Arnaldo não se offendia com o affastamento, nem com as picardias de Jaime. Tomára-lhe amizade ; e procurava todas as occasiões de agrada-lo. Até evitava mostrar a sua agilidade para não desgotar o companheiro. Tudo quanto possuia o vaqueirinho, fructa, passaro, caça, era de Jai-

me, salvo si D. Flor o desejava, porque essa era a senhora de todos.

Jaime porém, si era invejoso, tinha o brio e a dignidade de seu ressentimento. Embora fosse muita a cobiça por alguma novidade que Arnaldo trazia do mato, não a pedia, e offerecida, recusava-a. Era D. Flor que então acabava a briga: fazendo seu o objecto, o dava ao primo, que daquella mãosinha mimosa não se animava à rejeitá-lo.

Alina, mais moça do que os outros, e de genio socegado, não tinha ainda naquella sociedade infantil uma physionomia propria, à não ser a sua risonha e affectuosa brandura. Só em um ponto sua vontade pronunciava-se ; era quando os companheiros voltavam-se contra Arnaldo, porque então ella tomava seu partido, e abraçava-se com elle, e chorava para enternecer os outros.

D. Flor reviu em sua imaginação aquelle rancho de quatro crianças, os folguedos em que se entretinha, as zangas que as vezes o perturbava, para logo depois se desfazerem em novas festas e travessuras.

Então os quadros mais salientes desse viver

jovial se desenharam em sua memoria como paineis ainda vivos.

Uma parda que fôra ama de D. Genoveva era a incumbida de acompanhar Flor e Alina quando estas sahiam á passeio pelos arredores da fazenda. Já quebrada pela idade, e tambem pelos achaques, a velha Felipa cançava logo, e dei xava-se ficar sentada ao pé de um algodoeiro, cujos capulhos ia cardando para entreter o tempo.

Si D. Flor queria continuar, a velha que não sabia resistir ao rogo da feiticeira menina, dava o seu consentimento.

— Está bom; pódem ir meus netinhos; mas, olhem lá, bem socegados; e hade ser por aqui pertinho. Cuidado com o capeta do Arnáo, que aquillo não é gente. Cruzes!.. O Jaime, este é bom menino; sahe ao pae, coitadinho, o defuncto Sr. Lourenço Falcão, rapaz do meu tempo, que ainda me conheceu moça, quando eu era uma rapariga sacudida, que hoje não presto mais; estou uma velha coroca. Deus tenha sua alma, que foi um homem bom, mesmo pela palavra; só tinha que não podia ver cabeção de cacondê que não ficasse logo como pipoca na frigideira! Eu que o diga! Ai! ai! tempo!

Os meninos não ouviam sinão as primeiras frases desta ladainha, o que não impedia a velha de a continuar até o fim ; e era tal as vezes, que durava até á volta do rancho. Da recommendação faziam o mesmo caso; e seguiam Arnaldo que era o seu guia constante, aonde este os queria levar.

Uma tarde chegaram á um aberto, oude crescia uma touceira de catolezeiros, ainda novos. Um boi mal encarado rodeava as palmeiras, e empinando-se conseguia alcançar os cachos com a boca e colher os fructos, de que o gado é mui guloso.

Flor, vendo as pinhas de coquinhos amarellos, cobiçou-os, e pediu os catolés. Arnaldo encaminhou-se á touceira. O boi sentindo-lhe os passos lançou-lhe de esquelha um olhar de ameaça, que não o atemorisou, mas tornou-o cauteloso. Dando volta, e aproximando-se subtilmente, poude o rapasinho apanhar uma porção de cocos, derrubados pelo animal.

Alina achou-os deliciosos ; a filha do capitão-mór rejeitou-os desdenhosamente.

— Eu quero o cacho ! disse ella terminantemente.

— Pois vá querendo ; respondeu-lhe Arnaldo resoluto.

— Elle está com medo do boi ! disse Jayme triumphante.

— Arnaldo não tem medo de nada ! acodiu Alina.

Flor porem que desejava ardentemente o cacho de catolés, empregou o meio que ella sabia infallivel para render Arnaldo. Pousando-lhe a mãosinha mimosa no hombro, disse-lhe com meiguice de rola :

— Tire um cacho para mim, sim, Arnaldo ? Tire que eu lhe quero muito bem.

— Pois então ponha-se no poleiro, que o boi é manhoso.

Arnaldo levantou as duas meninas e deitou-as de sobrado nos ramos das arvores; o Jayme deixou-se ficar no chão, mas por segurança junto ao pé do pau.

Quando o boi percebeu que Arnaldo ia direito aos catolezeiros, voltou-se raivoso ; o rapasinho atirou um galho seco ao animal, que investiu furioso. As meninas gritavam estremecendo aos urros medonhos ; e Jayme já estava de palanque para ver correr aquelle touro.

Arnaldo esperou o boi á pé firme ; seus companheiros, vendo o animal cahir sobre elle, julgaram-n'o esmagado. Mas o intrepido vaqueirinho segurou os chifres da fera e saltou-lhe no cachaço.

Abalou-se o touro, e lá foi pelo campo aos corcovos, fasendo esforços desesperados para arrojar de si o rapasinho, que devertia-se com essa furia van. Afinal correu o boi para os catalezeiros, e começou á esfregar o lombo no tronco das palmeiras. como um meio de arrancar o fardo das costas.

Logrou-o porem o menino, que erguendo-se em pé sobre a alcatra, alcançou o cacho de catolés e cortou-o. Depois do que, saltando em terra, veio apresentar á Flor a sua conquista, tão gloriosa como a dos pomos de ouro das hesperides.

Flor ainda estava pallida do susto que soffrera, e agradecendo á Arnaldo com a voz tremula, destribuiu os cocos pelos companheiros.

— E você, Flor ? perguntou Arnaldo.

— Eu não devo come-los, por meu castigo.

E lançando um olhar cheio de desejos ao cacho de cocos, affastou-se sem prova-los, apesar das instancias dos camaradas.

Outra vez foi á margem do Sitiá.

Era no meio do inverno ; o rio com a cheia tinha uma torrente caudalosa e rolava com fragor medonho. O rancho aproximou-se receioso, parecendo-lhe que essa torrente empolada ia saltar de seu leito e arrebata-lo.

Da outra banda um maracujaseiro dessa especie delicada que ali chamam suspiro, prendendo-se aos galhos das arvores, formava entre lindas grinaldas de flores, um mimoso collar de seus lindos fructos dourados e fragrantes.

— Que bonitos maracujás ! exclamou D. Flor. Quem me quisesse bem não me deixava agoar com a vista delles.

— Não sou eu ; disse Jayme.

— E você, Arnaldo ?

— Mas elle morre ! exclamou Alina.

— Ora, que medos !

Arnaldo já não estava ali ; tinha-se metido no mato para tirar a roupa, amarrando a camisa á cintura como uma tanga, e acabava de arrojar-se á corrente. Elle já conhecia esse rio, e tinha lutado com elle, quando mais creança.

O menino nadava com pausa, poupando suas forças, e investigando com olhar rapido a veia

do rio. Si algum madeiro enorme, arrancado pela cheia, vinha remoinhando pela agua abaixo, elle mergulhava para escapar ao embate que o esmagaria. A travessia foi longa : e durante ella Flor e Alina ajoelhadas e de mãos postas resavam pela salvação do camarada.

Quando Arnaldo alcançou terra e colheu os maracujás, que enrolou ao pescoço, ellas socegaram um pouco ; mas preparando-se o rapasinho para voltar, recomeçaram os gritos ; tanto uma, como a outra, supplicava-lhe que esperasse até passar a maior correntesa.

Arnaldo não lhes deu ouvidos e tornou affoutamente pelo mesmo caminho. Ao receber as fructas que elle trazia-lhe, Flor tinha o rosto perlado de lagrimas, e sorria-se da alegria de ver salvo o camarada. Dos maracujás ninguem comeu ; ella os guardou como joias até que secaram de todo.

Nessa noite Flor pediu à mãi um cordão de ouro para o pescoço de Nossa Senhora, á quem o havia promettido.

O comprimento dessa promessa deu causa à um novo e singular capricho da menina. Reparou ella que a Virgem da capella pisava a cabeça de

um dragão, em cuja figura a tradicção catholica symbolisa o inimigo. Aquella circumstancia ficou-lhe gravada, trabalhou-lhe no espirito e afinal deu de si. Um dia Flor lembrou-se de pisar a cabeça de uma cobra.

Os outros riram-se ; mas Arnaldo achou aquillo muito natural.

No outro dia, quando sahiam à passeio, o filho da Justa levou o rancho á um oitiseiro, onde mostrou-lhes a curiosidade que ali tinha guardada. Era uma cascavel amarrada pelo pescoço ao pé da arvore, e furiosa por escapar-se.

Jayme avistando a cobra quiz mata-la, pelo que Arnaldo ia brigando com elle. Alina deitou à correr e Flor, apezar de corajosa, ficou um tanto passada.

— Não tenha medo ; arranquei-lhe todos os dentes.

Dizendo o que, Arnaldo agarrou a serpente pelo pescoço, abriu-lhe a boca ensanguentada, e metteu nesta os dedos. Animada com isso, D. Flor aproximou-se, e segurando Arnaldo a cauda da cascavel para que não se enrolasse na perna da menina, satisfez esta o seu capricho, e calcou

com o tacão de seu lindo borzeguim a cabeça do monstro.

Arnaldo cuidou nesse momento que via a Nossa Senhora da capella, porem ainda mais bonita do que estava na imagem.

Si o vaqueirinho tinha por devoção fazer todas as vontades de Flor, com risco de sua vida e até de seu pundonor, pelo castigo á que muitas vezes expunha-se, em troca não consentia que ninguem o privasse desse contentamento.

Foi essa a causa das brigas que teve com Jayme. Tudo supportava elle do outro com paciencia; a convicção que tinha de sua vantagem o tornava calmo e condescendente. Quando porem tratava-se de Flor, não havia ninguem mais teimoso e irritadiço.

Eis a prova.

Flor desejou uns ovos de annum que são, como todos sabem, muito lindos pelo azul celeste da cor, e muito cobiçados pelas creanças. Nessa tarde a menina estava amuada com Arnaldo; e talvez mesmo para fazer-lhe pirraça pediu á Jayme que fosse tirar um ninho feito em um tabocal.

Jayme apressou-se em satisfaser o pedido da prima:

— Não vae; disse Arnaldo.

— Porque ? perguntou Jayme.

— Porque eu não quero.

— Ora !

— Hade ir ! disse Flor.

— Eu lhe mostrarei.

— Não vá, Jayme ! acudiu Alina supplicando e já com a voz chorosa.

— Eu lá faço caso deste bezerro brabo ! exclamou Jayme com arrogancia.

Arnaldo se postara deante da touceira de taquarãs, para impedir o outro de passar. Jayme investiu por trez vezes e de todas o vaqueirinho agarrou-o pela cintura e arremessou-o longe no chão.

Ainda quiz voltar ao ataque ; mas Flor o reteve. A menina estava muito irritada contra o seu collaço.

— Deixe, Jayme ; chegando em casa eu mandarei tirar os ovos do ninho pelo Moirão. Quero ver si isto pode com elle.

O *isto* foi pronunciado com um soberano desdem do labio mimoso, que destendeu-se para indicar o filho da Justa.

— Este ninho, si o quizer, hade pedir-me á mim ; disse Arnaldo.

— Não peço.

— Pois então fica sem elle.

— Vou pedir á meu pai.

— Não tenha este trabalho.

De um salto Arnaldo ganhou o tabocal e voltou com o ninho cheio de ovos, pois os annuns andam em bandos, em tal regimem communista, que até os filhos são promiscuos.

— Está vendo ? disse Arnaldo mostrando o ninho.

Foi tão forte a tentação de Flor a vista dos lindos ovos, azues como turquezas, que a menina esteve por pouco á ceder de sua tenção;mas venceu o capricho. Ella voltou desdenhosamente as costas.

Arnaldo atirou o ninho ao chão e esmagou os ovos com o pé. Alina soltou um gritosinho de dor, lembrando-se dos passarinhos que ali se estavam gerando e das mãisinhas delles.

Flor levantou os hombros com desprezo.

— Ha muitos ninhos de annuns ; disse ella.

— Eu vou tira-los todos, e quebrar os ovos,

como fiz com este. Juro que você não ha de ter nenhum.

Com este pensamento desappareceu.

Quando o rancho dos meninos chegava á casa, appareceu-lhe Arnaldo, com uma collecção de ninhos de annuns.

— Está vendo ? disse á Flor fazendo menção de arrojar os ovos ao chão.

A menina não resistiu mais ; a contrariedade de seu desejo, ella a dominaria ; mas foi vencida pela pena que lhe inspiravam as victimas innocentes de seu capricho e da impiedade de Arnaldo.

— Dê-me, Arnaldo ! disse estendendo a mão.

O rapaz entregou-lh'os todos, esquecido já da pirraça da menina.

Flor porem não lhe perdoou facilmente esse triumpho. Si desde ahi não pediu mais á Jayme cousa alguma, tambem por muito tempo evitou de manifestar o menor dos seus desejos á Arnaldo.

XII

ANHAMUM

Ao tempo destas scenas de infancia, que reviviam agora na memoria de D. Flor, o sertão de Quixeramobim era infestado pelas correrias de uma valente nação indigena, que se fizera temida desde os Cratiús ate o Jaguaribe.

Era a nação Jucá. Seu nome, que em tupy significa *matàr*, indicava a sanha com que exterminava os inimigos. Os primeiros povoadores a tinham expellido dos Inhamuns, onde vivia á margem do rio que ainda conserva seu nome.

Depois de renhidos combates, os Jucás refugiram-se nos Cratiús, de onde refazendo as perdas soffridas e aproveitando a experiencia anterior,

se lançaram de novo na ribeira do Jaguaribe, assolando as fazendas e povoados.

Não se tinham animado ainda á assaltar a Oiticica, onde o capitão-mór estava prompto á recebe-los; mas seus insultos eram constantes. Não se passava semana em que não matassem algum aggregado da fazenda, ou não queimasem plantações.

Resolvéu o capitão-mór Campello castigar esse gentio feroz; e sahiu à montea-lo com uma numerosa bandeira, em que lhe servia de ajudante o Louredo, pai de Arnaldo, que era vaqueano de todo aquelle sertão.

Com tal astucia manobrou o vaqueiro, que os Jucás apanhados de sorpresa foram completamente destroçados, ficando prisioneiro seu chefe, o terrivel Anhamum, nome que na lingua indigena significa *irmão do diabo.*

Desamparado pelos seus, o formidavel guerreiro deffendeu-se como um tigre, e só rendeu-se quando o numero dos inimigos cresceu á ponto de submergi-lo. Então mandou o capitão-mór amarra-lo de pés e mãos, e conduzi-lo à Oiticica, onde foi mettido no calabouço.

Arnaldo não fez parte da bandeira ; o Louredo não o quiz levar comsigo, e elle submetteu-se á vontade paterna. Asistira porem á todo o combate como simples curioso ; e viu o denodo do valente Anhamúm, que lhe ganhou a admiração e a sympathia.

O rapaz tinha lá para si que os indios não faziam sinão deffender a sua independencia, e a posse das terras que lhes pertencia por herança e de que os forasteiros os iam expulsando. Fora esta a razão por que não se empenhara em combate-los.

Quando ao voltar á Oiticica ouviu dizer aos bandeiristas que o chefe dos Jucás estava no calabouço e ia ser suppliciado no dia seguinte com estrepito, para exemplo e escarmento do gentio, Arnaldo revoltou-se e protestou á si mesmo salvar Anhamúm.

A intenção do capitão-mór fora effectivamente em principio fazer do supplicio do selvagem um espectaculo de incutir o terror, convocando para assistir á elle todos os moradores conjunctamente com dois outros indios prisioneiros, que levariam aos seus a noticia das torturas infligidas ao chefe.

Mudou porem de idéa o Campello, e resolveu metter Anhamum em uma gaiola de ferro, como se faz com os tigres, e envia-lo á Lisboa com um procurador, que de sua parte offerecesse à El-rei essa preciosa curiosidade do sertão, ornado de todos os seus petrechos bellicos e insignias de chefe.

O calabouço da fazenda ficava na extremidade do quartel. Era um poço ou cisterna coberta por alçapão feito de pranchas de pau ferro, que trez homens robustos levantavam com esforço por meio de dois moitões onde passavam as correntes.

Foi ahi que atiraram Anhamum. Ao condusi-lo, Moirão que era o cabo da escolta, querendo obrigar o selvagem á deixar o passo grave e concertado para andar mais ligeiro, travou do penacho de plumas de canindé que o chefe trasia à cabeça pregado com resina de almecega, e puxou-o para deante.

Anhamum deitou-lhe um olhar terivel e não deu mais um passo. Foi preciso arranca-lo d'ali, e carrega-lo atè o calabouço, onde o lançaram.

Descido o alçapão, o Aleixo Vargas deitou-se por cima dizendo :

— Si tu és irmão do diabo, caboclo mofino, pede à elle que te tire d'aqui.

Fechou-se a noite. Arnaldo desde a tarde trabalhava na empreza em que se empenhara.

Tinha elle mezes antes descoberto no sopé da collina em que estava construida a casaria da herdade, um profundo socavão, formado pelo enxurro das aguas. A primeira vez que rompendo a balça, descobriu essa cova, deu-lhe curiosidade de conhece-la e penetrou dentro.

Era uma galeria subteranea, que subia em ladeira ate ás grossas raizes de uma arvore secular, entre as quaes ficava uma pequena abobada esclarecida por oculo superior. Reconheceu Arnaldo naquella arvore a oiticica do terreiro e comprehendeu como se havia formado o corredor subterraneo.

Um dos tres estypes em que se dividira desde a raiz o tronco da arvore secular, brocado pelo copim ficara reduzido ao cortice, que entretanto ainda absorvia bastante seiva para nutrir os ramos superiores. As chuvas enchiam esse grosso tubo que fazia o effeito de uma calha ou bica, e ia despejar no seio da terra a sua corrente. A erosão das aguas, buscando uma sahida, havia

minado o solo e formado a galeria, pela qual só agachado podia um homem passar.

Lembrou-se Arnaldo, que à meio do corredor ouvira o echo de vozeria que lhe pareceu dos acostados e bandeiristas ; do que induziu que estava em baixo do quartel. Foi essa lembrança que o levou naquella tarde á examinar de novo a galeria e estudar a sua direcção.

Vereficou sua primeira suspeita. O corredor passava por baixo do quartel, e ao lado do calabouço. Cavando uns palmos á sua esquerda, deu com a muralha da cisterna, e sem mais demora começou á arrancar a argamasa com a ponta da faca e à tirar os tijollos.

A' meia noite estava concluido o seu trabalho, e feita a brecha. Mal tirara o ultimo tijollo sentiu um sopro nas faces e o contacto de uma mão forte, como a garra de uma onça. Anhamun ouvira o rumor, percebera a natureza do trabalho, e sem comprehender à quem devia a salvação esperou-a.

Arnaldo conduziu o selvagem fora da caverna sem trocar uma palavra, ali apontou-lhe a floresta, pronunciando uma palavra tupi :

— *Taygoara* !

O rapasinho não sabia a lingua dos selvagens ; más retivera algumas palavras e uma delles era essa, que significa *livre.*

O selvagem com um dente de seu collar de gueria sarjou a pelle, fazendo uma marca symbolica por cima do peito esquerdo e affastou-se proferindo uma palavra cujo sentido Arnaldo ignorava.

— *Coapara.*

Só depois veio à saber o rapaz que esse vocabulo traduzia-se em portuguez por camarada, mas queria dizer tanto como amigo dedicado.

No dia seguinte, Flor appareceu triste, com pena do selvagem que suppunha condemnado à morrer. Arnaldo para desvanecer essa magoa contou em segredo à menina que elle tinha livrado o chefe dos Jucás da prisão.

Poucas horas depois depois descobriu-se a evasão que deixou tonto por muitos dias ao nosso amigo Moirão. Desde então deu elle por provado que Anhamun era de facto irmão do diabo ; do que duvidara até ali por não lhe constar que Satanaz, o verdadeiro, fosse caboclo.

Não se explicava a evasão do selvagem. O alçapão não fora aberto ; Aleixo Vargas dormira

em cima ; a cisterna estava intacta ; somente notou-se que a argamassa de um lado estava fresca ; mas attribuiu-se á humidade.

O capitão-mór estava no auge da sua ira sempre formidavel, e embora repelisse a idéa de atrever-se alguem à auxiliar o fuga do selvagem, protestava, si tal cousa houvesse acontecido, condemnar o criminoso á ser enterrado vivo.

No meio das indagações que fazia o potentado, appareceu D. Flor, que ouvindo fallar do acontecimento, exclamou :

— Eu sei quem foi !

— Quem deu escapula ao gentio ? perguntou o capitão-mór.

— Sim, meu pai. Foi Arnaldo.

O capitão-mór ouvindo esse nome voltou-se com um senho terrivel para o rapasinho tambem ali presente :

— E' verdade ! disse o filho do Louredo tranquillamente.

Flor não medira o alcance de suas palavras. Maravilhada com o heroismo de seu camarada, cuidou que os outros o admiravam como ella, e quiz restituir a gloria da proeza à seu desconhecido autor.

O capitão-mór desprendera o seu grosso e pesado riso.

— Então fostes tu, pirralho ?... Ora já viram !

— Não foi elle não, meu pai ! acodiu Flor que havia cahido em si. Eu estava brincando !

— Que não foi elle, bem o sei, e ainda bem, que essa graça lhe custaria a pelle e os ossos.

Fora o prodigioso da empreza que salvara Arnaldo. Si para um homem forte já a consideravam desmarcada, como acreditar que a praticasse um menino ?

Arnaldo não dirigiu à Flor a menor exprobação. Foi a menina que,desvanecido o susto,approximou-se delle para dizer-lhe em segredo :

— Você ia morrendo por minha causa, Arnaldo.

O rapasinho fitou nella os olhos.

— E por quem heide eu morrer, Flor ?

A menina corou e esteve todo esse dia preoccupada.

Por essa epocha morreu o Louredo. Tinha elle feito uma pequena ausencia da fazenda ; na volta deitou-se como de costume em sua redę, embrulhou-se nella e no dia seguinte acharam-no morto.

Arnaldo soffreu profundamente com este golpe. Todos os sentimentos desse menino tinham a pujança e energia de sua organisação ; o amor, como o odio, a ternura como a ira, eram nelle paixões violentas, verdadeiras irrupções d'alma.

Pouco depois completou Flor quatorze annos ; e desde então um impulso natural começou á separa-la da companhia e intimidade em que até ali vivera com Jayme e Arnaldo. O instincto feminino que desenvolvia-se com a adolescencia, inspirava-lhe o recato. Já não se animava á passear só pelo mato com o primo ou o collaço, nem consentia que elles a suspendessem nos braços, como faziam outr'ora.

Não pensava ella que houvesse algum mal nesses folguedos á que se entregava dantes com tanto prazer; mas agora causavam-lhe uma perturbação, que de certo modo offendia a sua altivez nativa. Por isso esquivava-se ás excursões e passeios, demorando-se mais ao lado de sua mãi, para fazer-lhe companhia.

Alina, que tinha genio mais romanesco, inventara aventuras caseiras, para substituir as travessuras campestres.

Na novella ou auto da loura menina, Flor vinha á ser princeza ou rainha, cuja formosura enchia o mundo com sua fama, e cuja mão era pretendida por todos os principes christãos. O mais bello, e tambem o mais bravo desses campeões, era o principe por excellencia, representado na pessoa do sobrinho do capitão-mór.

Ora a princeza tinha sua dama, assim como o principe devia ter seu pagem. Esses dois papeis tocavam á ella Alina e á Arnaldo; parecendo-lhe de razão que os creados fieis se reunissem como acontecia nos romances pelo mesmo sentimento que prendia os amos, de modo, que em vez de um, houvesse dois casamentos. Este desfecho porem, a autora não o divulgava, deixando que o fio dos acontecimentos o inspirasse.

Tal era o quadro da novella imaginada por Alina. Teve porem de soffrer duas alterações. Flor não admitiu Jayme como pretendente á sua mão e assignou-lhe o papel de principe irmão. Quanto á Arnaldo era um pagem sempre ausente, em recados, e que so figurava na imaginação da orphã. O vaqueirinho ignorava completamente o romance de Alina, e vindo á sabe-lo, é de crer que não tolerasse o papel subalterno que lhe

haviam distribuido, alem de comprazer-lhe mais a solidão da floresta do que o terreiro de casa.

Era aos domingos que se faziam as representações da novella, sempre dirigidas por Alina. Em uma dessas condescendeu Flor com os rogos da companheira, e consentiu figurar de noiva. Improvisou-se então um oratorio ; arvorou-se uma rapariguinha em padre, vestindo-se-lhe uma saia preta atada ao pescoço e começou a ceremonia.

Apresentou-se D. Jayme, como campeão vencedor em um torneio imaginario ; exaltou suas proezas e a formosura de D. Flor. Depois do que, offerecendo o braço á princeza, avançaram os dois com passo de procissão. Alina, como dama da princeza, carregava a cauda de seu manto real ; seguiam-se uma guarda de honra composta de uns seis meninos montados em cavallos de talos de carnaúba, armados com espadas de taquara, e um bando de creanças de todas as cores e tamanhos, crias da fazenda, endomingadas especialmente para essa festa. No couce vinha a velha Felippa fazendo mil visagens.

O prestito devia dar duas voltas ao terreiro para dirigir-se ao altar. Ao começar a segunda

appareceu Arnaldo, que trazia um casal de jaçanãs para Flor. Dando com a procissão parou sorpreso, e comprehendeu logo a natureza do brinquedo, que os outros alias trataram logo de explicar.

Esteve o menino uns instantes perplexo ; de repente saltou sobre Jayme, separou-o de Flor, atirou com elle no chão arrancando-lhe as fitas de que vinha enfeitado; correu depois ao altar que deixou em destroço ; e sumiu-se.

Passou fora oito dias.

Foi dessa vez que vagando pelo campo do lado do Riacho do Sangue, encontrou atirado ao chão um homem nos ultimos arrancos.

Arnaldo perguntou-lhe o que tinha :

— Sede ! respondeu o moribundo com a voz extincta.

Cortou o menino uma haste de mandacarú, e tirando os espinhos, espremeu-a na boca do desconhecido, para aplacar o maior ardor, emquanto ia á busca de uma cacimba, pois era pela secca e os rios já tinham desapparecido.

Reparou então o menino que o velho tinha as mãos atadas ás costas :

— Quem o amarrou ?

— Eu mesmo.

Ao gesto de espanto de Arnaldo, acrescentou:

— Eu queria morrer. Mas é horrivel! . . .

Resolvido á deixar-se morrer, o velho armára um laço, cruzára os pulsos nas costas, e mettendo-os na corda fizéra disparar o nó que lhe atára as mãos.

Assim, ainda quando quizesse buscar agua para matar a sêde, não poderia. Condemnàra-se à mais atroz das mortes e já tinha soffrido terrivel supplicio quando o menino o encontrou.

Arnaldo salvou o infeliz, e o persuadiu á acompanha-lo. Job, pois era elle, sentira desde logo uma attracção irresistivel para esse menino; sua existencia, que nada jà prendia á terra, achàra ali um élo mysterioso. Deixou-se conduzir e governar por aquella criança.

O vaqueirinho levou Job á casa materna. A Justa agasalhou o velho, emquanto o filho construia para seu amigo a cabana da varzea. Nunca soube-se na Oiticica d'onde viéra esse desconhecido; delle apenas se obteve esta informação vaga:

— Eu tinha uma cabana no Frade; os malditos pozeram-lhe fogo para queimar-me vivo.

Job serviu de mestre á Arnaldo. Sentado á soleira da cabana, durante as noites esplendidas do sertão, o velho deixava que o pensamento divagasse pela immensidade do céo e da terra, e vasava no espirito avido do sertanejo todos os thesouros de sua experiencia.

Arnaldo tinha partilhado das lições que o padre capellão dava á Flor, Alina e Jayme; mas sabidas as primeiras lettras, o haviam tirado da escola, visto que um vaqueiro não carecia de mais instrucção, e essa mesma já era luxo para muitos que se contentavam em saber contar pelos riscos de carvão.

Foi de Job que recebeu o menino conhecimentos irregulares, sem methodo e ligação, porém muito superiores aos que se encontravam no sertão por aquelle tempo em pessoas do povo. Entre muitas cousas, ensinou-lhe o velho a lingua tupi, na qual era versado.

Suspeitava Arnaldo que havia na existencia do velho um doloroso mysterio; mas respeitava-o e essa reserva foi talvez uma das causas da grande affeição que inspirou ao infeliz ancião.

XIII

A VIUVA

Tornando á fazenda depois de oito dias de ausencia, Arnaldo andava arisco e sem animo de approximar-se de Flor.

Receiava-se do ressentimento que a menina devia conservar contra elle por causa do desbarato á que reduzira a festa e o altar do casamento. Assim andava por longe, espiando ás occultas a formosura de sua santa, e matando as saudades que tinha curtido naquelles ultimos dias.

A' primeira vez que ousou chegar se para os companheiros, Flor atirou-lhe desdenhosamente estas palavras :

— Bicho do mato !

— Onde andou você todo este tempo, Arnaldo ? perguntou Alina queixosa.

— Ainda você pergunta? Esteve com os seus companheiros, delle, os caitetús. Isto não sabe viver entre gente.

Arnaldo não respondeu. O que Flor dizia era a verdade; elle nascêra para habitar no seio das florestas; era sertanejo da gemma.

Jayme pouco mais demorou-se na fazenda. O capitão-mór aproveitou a partida de um parente seu do Aracaty para envia-lo à Lisbôa, onde o esperava o avô.

De novo espalhou-se o terror pelos campos de Quixeramobim. Anhamun, o feroz chefe dos Jucás, voltára á frente de quinhentos arcos, e desta vez para assaltar a Oiticica e tirar a desforra.

Logo que divulgou-se a noticia, o capitão-mór preparou-se para receber os selvagens, os quaes não se fizeram esperar. Uma noite chegaram elles á margem do Sitiá e annunciaram-se pela sua formidavel pocema de guerra. No dia seguinte as casas da fazenda estavam cercadas.

Por muitos dias não fizeram os selvagens a menor demonstração hostil; sentia-se que elles estavam perto, mas não se mostravam á descoberto. Esperavam occasião azada para investir, ou queriam obrigar os sitiados á uma sortida.

Nisto deu-se por falta de duas pessoas na fazenda. Arnaldo e Aleixo Vargas. A crença geral foi que tinham ambos cahido nas mãos dos Jucás e já todos lamentavam a sua perda. Flor derramou lagrimas sentidas e copiosas por seu collaço e á pedido della o capitão-mór ordenou uma sortida com o fim de livrar os dois prisioneiros, si ainda o fossem, e já não estivessem mortos.

Eis o que havia acontecido.

Arnaldo espiava o acampamento selvagem, á espreita de uma occasião para encontrar-se com Anhamum. O rapaz tinha seu plano. Nisto Moirão levado pela curiosidade, affastou-se da casa mais do que devia, e foi empolgado pelos indios, que o levaram á ocara.

Viu Arnaldo que o Moirão estava perdido e arrastado por um impulso de seu coração generoso, cuidou em salva-lo. Os Jucás entretidos com o prisioneiro, não sentiram que eram seguidos ás occultas. Assim conseguiu chegar o vaqueirinho á ocara, onde logo acodiu Anhamum, avisado pelos brados de seus guerreiros.

Saltou-lhe Arnaldo em face, e apontando para para o peito esquerdo do chefe, repetiu a palavra

que este pronunciára seis mezes antes, na noite de sua evasão.

— Coapara !

Anhamum dirigia ao rapaz um floreio de seu arco, saudação devida á um guerreiro illustre ; e depois uniu-se á elle, costa com costa, para significar-lhe a união em que estavam, o que era o mais estreito abraço da amizade.

Seguiu-se depois o dialogo da hospitalidade.

— Tu vieste ?

— Vim.

— Sê bem vindo ao campo de Anhamum, á quem salvaste.

A' esse tempo já os indios tinham despido o Moirão e distribuido as varias peças do seu vestuario que fôram immediatamente reduzidas á tiras para servirem de fachas e cintas guerreiras.

Arnaldo exigiu de Anhamum duas cousas : primeiro, que elle não levantaria seu arco nunca mais contra os donos da Oiticica ; segundo, a entrega do Aleixo Vargas. Anhamum preferia que o seu camarada lhe pedisse uma orelha, um olho, ou metade de seu sangue ; mas não podia recusar nada ao seu salvador.

Nesse mesmo dia o chefe dos Jucàs levantou a

taba e Arnaldo voltou á Oiticica conduzindo o Vargas. O que elle não levou foi a roupa deste, e o nosso amigo Moirão para fazer uma entrada decente teve de embrulhar-se em folhas de banana,o que deu-lhe ares de uma enorme moquéca.

Depois destes acontecimentos, Arnaldo por mais de uma vez foi á taba dos Jucás, levantada á margem do rio á que elles déram o nome ; e sua amizade com Anhamum estreitàra-se ainda mais, com os mimos de armas que lhe fizéra.

O chefe dos Jucàs déra-lhe uma seta de seu arco, em penhor da alliança :

— Quando careceres do braço de Anhamum envia-lhe esta seta, que elle correrá á deffender-te.

De dia em dia as relações entre os dois collaços foram affrouxando, á medida que Flor tornava-se moça. A juventude que prendia mais a donzella á salla, por outro lado arrojava mais o sertanejo para o deserto.

Flor só o via de longe em longe ; tratava-o porém com um modo affectuoso e muitas vezes, quando a auzencia prolongava-se, ella o recebia com alguma demonstração mais expansiva, como succedeu na sua volta do Recife.

Eram estas as recordações que a donzella ainda repassava na memoria, recostada á janella, no momento em que Arnaldo a avistou. Depois vieram as reminiscencias dos ultimos tempos até aquella tarde, em que o sertanejo excedera-se á ponto de força-la quasi á um acto violento.

Tornando a si desta longa interrogação do passado, a donzella aterrou-se ante uma idéa que surgiu-lhe de chofre. Essa affeição que tinha á Arnaldo seria mais do que a simples amizade de uma irmã de criação por seu companheiro de infancia?

Não. Ella, a filha do capitão-mór Campello, não podia ver em um vaqueiro outra cousa senão um aggregado da fazenda, ao qual dispensava um quinhão da estima protectora, que repartia com seus bons servidores, como a Justa, a Felipa e outros.

Dahi em diante cumpria-lhe manter a distancia que a separava do seu collaço, para que este não a esquecesse outra vez, de um modo tão grosseiro. Sentiu que havia de custar-lhe bastante envolver Arnaldo, á quem sempre distinguira com sua affabilidade, no mesmo trato frio e imperativo

que usava com a gente da fazenda. Mas assim era preciso, e assim havia de ser.

Nunca a sua protecção faltaria à Arnaldo. Todos os sacrificios ella os faria sendo necessario para poupar-lhe um desgosto, e auxilia-lo nos trabalhos da vida. O que vedava-lhe o seu decoro era a confiança e familiaridade, em que até ali havia consentido com tamanha imprudencia.

A resolução da donzella e o esforço que lhe tinha custado, reflectiam-se em sua physionomia severa e altiva, quando ao toque de ave-maria, ella sahiu ao terreiro e foi beijar a mão dos pais.

Arnaldo a seguira com os olhos cheios d'alma. A donzella ao voltar-se o avistara; mas desviou delle a vista, sem a menor perturbação ou sobresalto, com uma indifferença placida e fria, que traspassou o coração do sertanejo.

Advinhou que Flor acabava de separar-se delle para sempre.

Depois de trindades, D. Genoveva chamou a filha, e levou-a à presença do capitão-mór, que esperava sentado no canapé.

— D. Flor, minha filha, a senhora chegou á idade de tomar estado ; e nossa obrigação, era procurar-lhe um marido, digno por suas prendas

de merecer aquella á quem mais prezamos no mundo. Lembramo-nos de seu primo Leandro Barbalho, do Ouricury, filho do fallecido Cosme Barbalho, homem de prol á quem o filho não desmentiu nas obras.

— Acceito, meu pai; basta ser de sua escolha, para que eu o tenha no melhor conceito.

Campello communicou á filha que nesse mesmo dia despachara um portador com carta ao Leandro Barbalho, o qual breve estaria na Oiticica, e agradando á D. Flor, como era de esperar, se trataria logo das bodas.

O que não disse o capitão-mór foi o motivo de tamanha pressa. Não lhe sahia da lembrança o dito de Fragozo; e receioso de que pela intercessão de algum santo, ou por artes occultas, conseguisse o despeitado mancebo abrandar-lhe o animo, pensou que o melhor esconjuro contra esse maleficio era casar quanto antes a filha.

D. Flor, que outrora assustava-se com a idéa do casamento, acceitou-a nessa occasião com um modo pressuroso que não lhe era habitual. Por ventura entrevia ella na alliança conjugal, um apoio para a resolução que tomara, e da qual ainda receiava desviar-se?

A noite, pouco antes do toque de recolher, chegaram á Oiticica dois viajantes; uma dama á cavallo, acompanhada por um velho á pé.

Levados á presença do capitão-mór, a dama que trajava de luto, ajoelhou-se aos pés do potentado.

— Sou uma desventurada, que vem pedir ao sr. capitão-mór Campello, como pai dos pobres e a Providencia destes sertões, agazalho e protecção contra seus perseguidores.

— Agazalho terá, que à ninguem se nega na Oiticica; protecção, a darei si a merecer; mas primeiro digo para o que a pede, mulher!

— E' tarde, e eu não quero pagar com incommodo da familia a hospitalidade que vossa senhoria me concede. Si o sr. capitão-mór dá licença, eu deixarei para amanhã relatar-lhe minhas desgraças.

— Amanhã a ouviremos.

D. Genoveva já tinha dado ordem para preparar-se um aposento, no qual foi ella propria com Flor, installar a dama, que lhes captara as sympathias, não só por sua desventura, como por seu modo, ao mesmo tempo digno e modesto.

Quando a desconhecida ergueu o crepe que a

velava de dó, sua belleza deslumbrante produziu nas duas damas um movimento de ingenua admiração. Não se recordavam de ter visto semblante tão formoso. Flor era aos olhos da mãi o typo da graça e da gentileza ; mas não tinha a fascinação que derramavam os olhos negros e avelludados da desconhecida.

Soube então D. Genoveva que sua hospede chamava-se Agueda, e era viuva. Como porém com a lembrança recente de seu infortunio, desatasse em pranto, a fazendeira depois de a consolar, retirou-se para não perturbar-lhe o repouso de que devia carecer.

No outro dia, logo pela manhã, veio Agueda á presença do capitão-mór, trazida por D. Genoveva, a qual a animava com a esperança de obter a protecção que viera sollicitar do dono da Oiticica.

— Diga o seu aggravo, mulher, e conte que lhe faremos justiça; determinou o capitão-mór com a gravidade de um dezembargador daquelle tempo, que os de hoje são mais gaiteiros.

— Com a justiça infallivel do sr. capitão-mór conto eu, que a sua fama corre todo este sertão, e não ha quem não a conheça e louve e respeite,pois

nunca faltou ao pobre e desvalido; e assim não abandonará esta misera viuva, que vivia afortunada e na abastança, mas agora aqui está á seus pés, desgraçada, sem marido, sem abrigo, na maior penuria, e tudo porque? Só porque na sua casa venerava-se acima de tudo o nome do capitão-mór Gonçalo Pires Campello.

— Que diz, mulher? exclamou o dono da Oiticica com um estremeção que fez estalar a poltrona.

— E' a verdade, sr. capitão-mór. Vossa senhoria talvez não se lembre de meu marido, o Thomaz Nogueira?

— O Thomaz Nogueira? repetiu o capitão-mór interrogando a memoria.

— Da Barbalha; acrescentou a viuva.

O fazendeiro consultou com o olhar á D. Genoveva, ao capellão e ao ajudante, que eram os tres archivos ou canhenhos dos fastos de sua vida; mas nenhum recordava-se do nome pronunciado pela viuva.

— Meu marido conheceu o sr. capitão-mór Campello no Icó, de vista, que de fama já o conhecia desde pequeno; e tal era a veneração que tinha por vossa senhoria que muitas vezes me di-

zia : « Olha, Agueda, si não fosse minha mãi estar já tão velhinha e não querer por cousa alguma sahir da Barbalha, com certeza mudava-me para o Quixeramobim só para ter o gosto de servir ao capitão-mór Campello. Aquillo é que é homem! El-rei escreve a elle todos os annos com muitas partes para agradal-o, porque tem medo que o capitão-mór não tome para si todo o sertão, com esta capitania do Ceará e mais a de Pernambuco. Que isto é só elle querer. El-rei bem sabe.» E era uma vontade tão grande, que estava sempre a repetir.

— Tenho uma lembrança de seu marido, mulher ; disse o capitão-mór. Parece-me que o vi no Icó, n'uma festa.

— E' isso mesmo !

O Campello não se recordava de tal Nogueira ; mas entendeu que não podia ser alheio a um homem, que tinha por sua pessoa aquelle profundo acatamento.

— Que aconteceu então á seu marido ?

— Appareceu na Barbalha este anno um tal Proença que foi toda a nossa desgraça.

— Um conhecido por Vareja ? perguntou Campello.

— O proprio. Esse homem não sei porque tinha raiva do sr. capitão-mór, e então foi meu marido quem pagou; porque um dia apresentou-se em nossa casa com tres cabras, e intimou ao sr. Nogueira, que pozesse a boca em vossa senhoria, e o chamasse já e já de... Não me atrovo a dizer.

— Hade atrever-se, mulher, que lhe ordenamos nós. Chamasse de que?

A viuva fez um esforço:

— De sapo cururú.

O capitão-mór que já a custo soffreava a colera, saltou como uma explosão:

— Agrela, mande já sem demora ensilhar os cavallos, que eu não durmo emquanto não ensinar o cabra! Vá apromptar a minha maca, D. Genoveva. Não ouve, senhora?

Emquanto a mulher e o ajudante sahiam a cumprir suas ordens, o capitão-mór crusava o terreiro a largos passos, soffrego de montar a cavallo. Amainando a refega da ira, caminhou para a viuva que ficara immovel no mesmo ogar:

— E seu marido que fez, mulher?

— Nogueira? Não tinha que saber. Disse e repetiu que o sr. capitão-mór era o primeiro ho-

mem do mundo, e a Providencia desta terra, pelo que o havia de louvar sempre. Foi então que o malvado gritou: — « Pois eu faço tanto caso delle como de um surrão velho, e toma lá a prova. » Matou meu marido, deitou fogo na casa...

Os soluços e lamentações da viuva eram abafados pela voz do capitão-mór que retumbava:

— Meu bacamarte, D. Genoveva! Onde estão estes cavallos? Pegou no somno, Agrela? Anda com estas botas, negro do inferno?

Esse Vareja era um sujeito de Russas. Tendo uma vez dito que o Campello não era capitão-mór as direitas, por isso que o Quixeramobim ainda não subira á villa; e sabendo disso o potentado, mandou-o chamar, com o que tal medo tomou, que desappareceu, e não houve mais novas delle.

Por aqui se avaliará da gana que devia ter o capitão-mór, de agarral-o para pagar-se do novo e do velho.

D. Genoveva, apezar de habituada a estas sortidas, affligira-se com aquella partida tão precipitada. A ausencia do Campello nessa occasião a assustava: nem ella sabia por qual motivo. Entretanto não se animando a oppor-se directa-

mente á resolução do marido, incumbiu a D. Flor dessa difficil missão.

A donzella exercia no animo do pai decidida influencia, e isso provinha do dom que ella tinha de identificar-se com a sua vontade, de modo que cedendo-lhe, pensava o capitão-môr que cedia a si mesmo.

D. Flor não usou de nenhuma das razões em que a mãi insistira; não empregou argumento de familia. Abundou no sentimento do pai; mas confessou-lhe que admirava-se de sua partida.

— Porque?

— E' dar muita importancia a um villão. Basta que mande buscal-o por uma escolta. Que não dirão quando souberem que o capitão-mór Campello abalou-se de sua fazenda para prender um bandoleiro?

— Pois mandarei o Agrela.

— Isto sim.

Nesta conformidade, deu o capitão-mór suas ordens; e o ajudante preparou-se para sahir naquella mesma hora com uma escolta de cincoenta homens.

Arnaldo chegava nesse momento, e a primeira vez que viu Agueda experimentou uma sen-

sação estranha, que se poderia chamar de acerba admiração. A explendida belleza dessa mulher, que o arrebatava a seu pezar, fazia-lhe mal, como si o fulgor que della irradiava lhe queimasse a alma.

Quando o sertanejo soube da proxima partida do Agrela, ficou preoccupado. Podia o ajudante demorar-se na expedição, e nesse tempo voltar o Fragoso de Inhamuns.

Antes de meio dia partiu a escolta. Já ia na varzea, quando sahiu-lhe ao encontro Arnaldo que aproximou do cavallo de Agrela o seu ;

— Preciso fallar-lhe, sr. ajudante.

— Da parte do Sr. capitão-mór? perguntou Agrela seccamente.

— Da minha.

— Que negocio póde haver entre nós? tornou o ajudante sorpreso.

— O serviço dos donos da Oiticica ; respondeu Arnaldo com o tom firme.

Agrela inclinou a cabeça com um signal adhesivo e demorou o cavallo, acenando á escolta que passasse adeante. Quando se acharam sós, voltou-se para o sertanejo.

— O que ha?

— O sr. Agrela não me gósta ; não sei a razão nem a pergunto. Eu por mim não lhe quero mal, e espero que ainda havemos de ser amigos.

O ajudante commoveu-se com essa linguagem singela e nobre :

— Estimarei que assim aconteça.

— Mas não se trata de nós agora. A Oiticica vae ser atacada.

— Por quem ? perguntou o ajudante sorprezo.

— Pelo Marcos Fragoso.

— Como sabe ?

— Sei ; é quanto basta.

— Já avisou ao sr. capitão-mór ?

— Não ; e nem o avisarei.

— Porque ?

— Talvez me engane. Demais esse Fragoso é meu inimigo, e não posso denuncia-lo.

Agrela era homem para comprehender semelhante susceptibilidade.

— Que devo eu fazer então ? perguntou ao sertanejo.

— Voltar quanto antes.

— Conte comigo.

Os dois mancebos despediram-se. Eram duas almas nobres que sentiam-se attrahidas pela es-

tima reciproca ; mas os acontecimentos as tinham separado, lançando entre ellas um germen de desconfiança.

Apartando-se do ajudante, Arnaldo esteve algum tempo à reflectir, e encaminhou-se para a gruta.

— Um de nós deve partir.

— Para onde ? perguntou Job.

— Para a tribu dos Jucàs.

— Dá me a seta.

XIV

A TRAMA

Tres dias tinham decorrido depois da partida de Agrela para a Barbalha.

Agueda insinuàra-se por tal modo na affeição de D. Flor, que esta não a deixava, nem fartava-se de sua conversação agradavel e seductora. Alina tinha ciumes dessa preferencia e affastava-se queixosa e arrufada. Assim passavam as duas a maior parte do dia á sós.

De seu lado tambem Arnaldo observava com inquietação e desgosto essa intimidade de D. Flor com a viuva.

A belleza de Agueda continuava á produzir no mancebo a mesma acre sensação: elle não

podia perdoar á esta mulher o encanto e seducção com que á primeira vista offuscava a lindeza de D. Flor.

Quando as contemplava juntas, elle reconhecia que a formosura da donzella era uma flor do céo, pura e immaculada, respirando a fragancia de sua alma angelica. O brilho dos grandes olhos pardos tinha a limpidez do rutilo das estrellas; o sorriso dos labios de nacar abria se como um doce arreból da manhã; e as faces assetinavam-se como as nuvens brancas ao de leve rosadas pelo crepusculo da tarde.

Mas no semblante, e no talhe da viuva, ressumbrava um fulgor vivo e intenso, que deslumbrava. Essa mulher não tinha a suprema correcção e delicadeza de traços que destinguia o perfil de D. Flor; não possuia a elegancia casta, graciosa e senhoril que vestia a donzella de uma gentileza de rainha; porém sua belleza exercia sobre os sentidos uma poderosa fascinação.

Essa influencia, que elle soffria a seu pezar o irritava contra aquella mulher; e ás vezes admirando-a, vinham-lhe impetos de anniquilar os encantos, que si não a tornavam mais formosa

do que D. Flor, davam-lhe provocações que esta não tinha.

Não era esta porém a preocupação unica de Arnaldo á cerca de Agueda.

O repentino apparecimento dessa mulher no mesmo dia da emboscada ; a historia por ella contada, e que dera em resultado a partida de Agrela com boa parte da bandeira do capitão mór ; a subita retirada de Marcos Fragoso para Inhamuns, levando até a gente do Bargado ; estas circumstancias coincidindo e ligando-se em seu espirito suscitavam desconfianças.

Elle receiava um plano e cogitava qual podia ser para frusta-lo. Todas as manhãs percorria uma grande area em volta da Oiticica para explorar o terreno ; mas não descobria o menor rasto suspeito, ou qualquer vestigio da passagem de pessoas estranhas á fazenda.

Job fazia a mesma investigação mais longe na direcção de Inhamuns para dar aviso da approximação de Marcos Fragoso, quando este voltasse; e assim emquanto o capitão-mór permanecia na habitual tranquilidade, Arnaldo velava na segurança dessa familia, á que havia dedicado toda a sua existencia.

A' convite e instancias de Agueda, D. Flor sahia com ella á passeio pelos arredores da casa, quando quebrava de toda a força do sol. Depois de algumas voltas iam sentar-se à sombra de uma gameleira, que ficava no principio da matta. Havia alli um tronco derrubado, que servia-lhes de banco.

Ahi passavam o tempo em conversa. Agueda tinha sempre uma larga provisão de contos e novidades para attrahir a attenção de D. Flor, que educada no retiro da fazenda, sentia a natural curiosidade de conhecer o mundo.

Arnaldo desde o primeiro dia acompanhou esses passeios, occulto no mato, e attento ás praticas das duas moças. Nada colheu que justificasse seus receios; mas notou que a viuva tambem de seu lado estava alerta, pois á cada instante volvia de subito e desfarçadamente olhos avidos em torno,como para sorprehender alguem que por ventura a estivesse espreitando por entre a folhagem.

E não ficou nisso. Por mais de uma vez, quando D. Flor que ia na frente adiantava-se, a viuva demorando o passo voltava-se e com a voz submissa e velada chamava-o por seu nome.

— Arnaldo !.... Arnaldo !....

Esta circumstancia deixou attonito o sertanejo De onde o conhecia esta mulher ? Que lhe queria para chama-lo ? Como pudera ella descobrir a sua presença, que passaria desapercebida para olhos vaqueanos ?

Si Arnaldo não se perturbasse com a vista dessa mulher e a sorpreza que lhe acabava de causar, de certo que não lhe escaparia uma circumstancia importante. Quando Agueda proferia seu nome, nem sempre volvia o rosto para o lado onde elle effectivamente se achava, signal de que não o via, e apenas pressentia a sua proximidade.

Um dia quiz o sertanejo esclarecer esse mysterio ; e quando Agueda o chamou como de costume, elle sahiu do matto e apresentou-se. Ao rumor de seus passos, D. Flor que ia adiante voltara-se, e avistando-o afastou-se, com a mesma esquiva indiferença, que não deixara de mostrar-lhe desde o dia da vaqueijada.

Ficando só em presença de Agueda,o sertanejo perguntou-lhe :

— Que me quer ?

— Agora não. Esta noite, despois de recolher. Estarei á janella.

Proferidas estas palavras em voz rapida, Agueda lançou ao sertanejo um olhar provocador e correu á reunir-se com D. Flor.

Arnaldo cada vez mais sorprehendido com o procedimento da desconhecida,ficou algum tempo á cogitar sobre o estranho emprasamento que recebera. A idéa de uma entrevista amorosa nem de longe passou pela mente do sertanejo ; sua conjectura foi que a moça carecia de seus serviços, e talvez de seu auxilio para algum fim occulto.

Desde então resolveu acodir ao emprazamento, na esperança de penetrar o mysterio da vinda dessa mulher á Oiticica.

Tudo estava tranquillo na fazenda, não havia o menor indicio de perigo, e não obstante o sertanejo não podia eximir-se á uma vaga inquietação, que o trazia em constante desasocego. A' semelhança de certas plantas que resentem-se logo de qualquer alteração ainda remota da temperatura, da mesma forma elle como que perspirava uma ameaça na athmosphera.

Um pressentimento lhe advertia que o mal,

si elle existia, estava occulto no formoso sembzante daquella moça, que de repente apparecêra na Oiticica e ahi si introduzira de um modo singular.

Não enganava à Arnaldo o seu fiel coração. Nesse momento com effeito a felicidade do capitão-mór Campello e de sua familia, estava dependendo do bom exito de uma cilada, urdida com uma astucia rara.

E' preciso remontar ao dia da emboscada para conhecer os pormenores da trama.

Deixamos o Marcos Fragoso de rota batida para sua fazenda das Araras, em Inhamuns, acompanhado de seus hospedes e parentes, assim como do Onofre com a sua bandeira e mais gente da comitiva. O José Bernardo breve se reunira ao amo com a bagagem que fôra buscar ao Bargado.

Ao escurecer pararam para dar algum repouso à si e aos animaes. Armaram-se as barracas e as rêdes; e o cosinheiro preparou a ceia, que todos acolhêram com a maior satisfação, pois si o almoço fôra abundante, em compensação tinha havido nesse dia uma synalepha completa do jantar.

A' mesa, posta sobre forquilhas, praticaram os quatro mancebos á cerca do estado das cousas, e do modo de as deslindar.

Marcos Fragoso, picado ao vivo em seus brios, era pela desforra prompta :

— Por mim, si não fossem os avisos que eu reconheço prudentes, teria seguido direito para a Oiticica ; e hoje mesmo o Campello conheceria com quem se metteu.

— Tambem eu entendo, que estas cousas apuram-se logo ; observou o João Corrêa ; mas não se deve desprezar a estrategia sobre tudo em um assalto. Convém reconhecer a posição do inimigo.

— A estrategia póde servir de muito lá para guerras de soldados; observou Daniel Ferro. Cá no sertão o que decide é a gente e a valentia. O capitão-mór tem uma escolta de cem homens, além dos aggregados e escravos da fazenda. Para ataca-lo é preciso augmentar a nossa bandeira.

— Os senhores são todos homens de guerra ; acodiu Ourem, e pois não extranharão em mim, que sou homem de lei, um voto de paz. Antes de um rompimento fórmal, que ainda não se deu, penso que muito acertado seria tentarmos uma

acomodação honrosa; e para a ajustar offereço-me eu. Posso partir agora mesmo para a Oiticica, e lá me apresentarei como parlamentario.

— E' tempo perdido; replic ragoso.

O voto que prevaleceu afinal, foi o Jo Daniel Ferro. Decidiu-se que a comitiva ficaria ali nas visinhanças de Quixeramobim, emquanto o alferes ia a Inhamuns recrutar uma bandeira numerosa e destemida, com a qual tomassem de assalto a Oiticica, para quebrar a prôa do capitão-mór e obriga-lo á dar ao Fragoso todas as satisfações, sendo a primeira dellas a mão de D. Flor.

Tomado este accordo, erguêram-se da ceia; e poucas horas depois partiu o Daniel Ferro com pequena escolta e bagagem, promettendo que antes de uma semana estaria de volta.

Quando Marcos Fragoso dirigia-se á sua rêde, sahiu-lhe ao encontro Onofre, que o espreitava:

— Ainda me appareces? perguntou o mancebo, em quem a presença do seu cabo de bandeira veio de novo atear a ira.

— Quem é que se livra de ser logrado uma vez, ainda mais daquella maneira? retorquiu o coriboca submisso. Mas o caso está em saber tirar a desforra.

— Já não creio nas tuas bazofias ; tornou o mancebo desdenhosamente.

— Nestes oito dias, si não fôr antes, asseguro ao senhor capitão que temos o passarinho na gaiola.

— Ou o sendeiro na peia ; retrucou Fragoso alludindo ao recente desastre do Onofre.

— O sr. capitão hade vêr, si desta feita o engano.

Sempre conseguiu Onofre do patrão que o ouvisse ; e então expoz miudamente o ardil que havia tramado, e que já estava aquella hora em via de execução. Para o coriboca era mão de empenho essa, que devia rehabilita-lo no conceito do Fragoso, e desaffrontar a sua fama de cabra fino e manhoso, abalada pelo ultimo revez.

Logo que a comitiva deixára o sitio da emboscada, Onofre tivéra uma conversa com a Rozinha e o resultado foi tornarem furtivamente ao Bargado, com o José irmão da rapariga. Chegados á fazenda, onde tinham deixado as macas, operou-se nos dois ciganos uma transformação completa.

Rosinha tornou-se Agueda, a viuva perseguida, que vinha da Barbalha implorar a protecção do

capitão-mór ; e José disfarçou-se no velho que devia acompanha-la até á Oiticica.

O Onofre sabia do caso acontecido com o Vareja ; e Rosinha já conhecia bastante a gente da Oiticica pelas conversas do Moirão, que estava sempre á fallar do Arnaldo, e à contar as mandingas do sertanejo.

A recommendação que levava a rapariga era insinuar-se na confiança de D. Flor e a pretexto de passeio attrahi-la á uma cilada, em que o Onofre de ante mão prevenido se apoderasse da donzella e a conduzisse ao Marcos Fragoso.

Si falhasse este plano, devia então Rosinha dispor as cousas para um assalto nocturno, avisando ao Onofre da occasião propicia, e abrindo-lhe a porta da casa para que no meio da confusão fôsse raptada a filha do capitão-mór.

Para qualquer dos casos, a fabula do Proença seria de proveito, pois além de explicar o apparecimento da supposta viuva na Oiticica e de grangear-lhe a compaixão das senhoras, contava o Onofre que désse em resultado a partida do capitão-mór com uma forte escolta.

Não partira o fazendeiro, mas enviara o ajudante com cerca de metade de sua gente, de

modo que já não era muito de temer a perseguição que naturalmente o Campello havia de fazer aos roubadores da filha.

Agueda ganhou facilmente as boas graças de D. Flor ; para isso não lhe foi preciso empregar a menor arte, bastou a sua formosura, e o luto que a tornava ainda mais interessante. A donzella tomou-se de affeição sincera pela bella viuva.

Todavia desde logo percebeu a astuta cigana que tinha de lutar com um obstaculo serio, e esse era Arnaldo. Já estava ella prevenida de algum modo a cerca do sertanejo, pelas proezas que delle contava o Moirão, nos serões da fazenda do Bargado. Mas na manhã seguinte observou uma circumstancia que a sobresaltou.

Vira o olhar que Arnaldo fitava em Flor, e conheceu no brilho que accendia aquella pupilla negra os lampejos de uma paixão intensa. O sertanejo amava a filha do capitão-mór ; e esse amor, não partilhado, e portanto inqueto e soffrego, devia envolver a donzella em uma solicitude constante.

Agueda advinhava a vigilancia infatigavel desses affectos, que vivem de uma adoração mis-

tiça, e se enlevam na contemplação do idolo, investigando todos os gestos e prescrutando no minimo accidente o pensamento recondito. Contava pois que perto de D. Flor seria á cada instante o alvo da observação de Arnaldo.

Quando sahia com a donzella á passeio, notou a cigana que por dentro do mato a seguia um leve farfalhar da ramagem. Em outra occassião o attribuiria à brisa, ou á algum passaro, e não faria o menor reparo. Naquella situação porem essa circunstancia viera avivar a sua desconfiança.

Disfarçadamente relanceava os olhos á espessura insinuando a vista pelo crivo das folhas, e embora não descobrisse o menor vulto, ella pressentia a proximidade do sertanejo e fora para certificar-se que usara da astucia de pronunciar o nome de Arnaldo, chamando-o.

O ardil surtira effeito.

Mostrando se, o sertanejo viera confirmar a suspeita de Agueda, e dera aso á uma nova intriga, que ali promptamente armou a arteira cigana, para escapar á sua vigilancia, e illudir-lhe a perspicacia.

XV

TENTAÇÃO

Já tinham soado no sino da capella as ultimas badaladas do toque de recolher.

Por toda a fazenda da Oiticica, sujeita á um certo regimem militar, apagavam-se os fogos e cessava o borborinho da labutação quotidiana. Só nas noites de festa dispensava o capitão-mór essa rigorosa disciplina, e dava licença para os sambas, que então por desforra atravessavam de sol á sol.

Era uma noite de escuro; mas como o são as noites do sertão, recamadas de estrellas rutillantes, cujas centelhas se crusam e urdem como a finissima teia de uma lhama assetinada.

A casa principal acabava de fechar-se ; e das portas e janellas apenas escapavam-se pelos interticios umas resteas de luz, que iam á pouco e pouco extinguindo-se.

Nesse momento um vulto oscillou na sombra, e coseu-se á parede que olhava para o nascente.

Era Arnaldo.

Resvallando ao longo do outão, chegara á janella do camarim de D. Flor, e uma força irressislivel o deteve ali. No gradil das rotulas rescendia um leve perfume, como si por ali tivesse coado a brisa carregada das exhalações da baunilha. Arnaldo advinhou que a donzella antes de recolher-se, viera respirar a frescura da noite, e encostara a gentil cabeça na gelozia, onde ficara a fragancia de seus cabellos e de sua cutis assetinada.

Então o sertanejo, que não se animaria nunca à tocar esses cabellos e essa cutis, beijou as grades para colher aquella emanação de D. Flor, e não trocaria de certo a delicia daquella adoração pelas voluptuosas caricias da mulher mais formosa.

Applicando o ouvido percebeu o sertanejo no interior do aposento um frolido de roupas, acom-

panhado pelo rumor de um passo breve e subtil. D. Flor volvia pelo aposento, naturalmente occupada nos varios aprestos do repouso da noite.

Um doce sussurro, como da abelha no seio do rosal, advertiu á Arnaldo que a donzella resava antes de deitar-se; e involuntariamente tambem ajoelhou-se para rogar à Deos por ella. Mas acabou supplicando á Flor perdão para a sua ternura.

Terminada a prece, a donzella aproximou-se do leito. O amarrotar das cambraias a atulharem-se indicou ao sertanejo que Flor despia as snas vestes e ia troca-las pela roupa de dormir.

Atravez das abas da janella, que lhe escondiam o aposento, enxergou com os olhos d'alma a donzella, naquelle instante em que os castos veos a abandonavam; porem seu puro e santo affecto não viu outra cousa sinão um anjo vestido de resplendor. Foi como si no céo azul ao deslize de uma nuvem branca de jaspe surgisse uma estrella. A trepidação da luz cega; e tece um veo scintilante, porem mais espesso do que a seda e o linho.

Cessaram de todo os rumores do aposento, signal de que D. Flor se havia deitado. Ouvindo

um respiro brando e subtil como o de um passarinho, conheceu Arnaldo que a donzella dormia o somno placido e feliz.

Só então affastou-se para acodir ao emprazamento que recebera.

O aposento de Agueda ficava do mesmo lado da casa, e era o penultimo antes do quintal, logo depois do quarto de Alina. A janella estava cerrada e escura, mas ao olhar de Arnaldo não escapou uma fita imperceptivel que a dividia de alto a baixo, e que elle atinou ser o tenue vislumbre de uma candeia velada.

Agueda espreitava por essa fresta a chegada de Arnaldo, receiosa de que não viesse, e impaciente com a demora. Além do interesse da recompensa promettida pelo Onofre em nome de Fragozo, outro impulso movia nesse instante a cigana.

Era mulher, e tinha nas veias o sangue ardente do bohemio tocado pelo sol americano. O prazer de fascinar um homem e captiva-lo á seus encantos, bastaria para excita-la; acrescia porém que esse homem era um mancebo galhardo, e amava outra mulher, o que dava particular sainete á aventura,

Assim promettia-se a Rosinha uma noite de

emoções, que á satisfação de sua vaidade reuniria a facil execução da trama urdida. Para disfarçar a impaciencia da espera, entrou á devaneiar, e sorria-se pensando que no outro dia, quando se apercebessem do desapparecimento della Agueda e de Flor, Arnaldo as seguiria com certeza, mas talvez não fosse por causa da filha do capitão-mór.

No meio deste devaneio, avistou pela fresta um vulto parado em frente á sua janella. Ergueu-se de chofre e entreabrindo a rotula perguntou em tom submisso :

— E' Arnaldo ?

— Elle proprio que vem saber para que o chamou aqui, á esta hora.

— Entre ! segredou a moça abrindo de todo a rotula e afastando-se para dar passagem.

— Não podemos fallar aqui mesmo ? tornou Arnaldo á quem repugnava penetrar no aposento.

Agueda aproximou-se outra vez da janella e travando vivamente das mãos do mancebo disse-lhe commovida:

— Pelo senhor eu farei tudo ! Mas ando espiada. Esse velho que me acompanhou... Si elle o visse aqui, seria a minha perdição. Podem ou-

vir-nos e o que eu tenho á dizer-lhe ninguem o deve saber, ninguem, sinão Arnaldo.

O sertanejo em extremo admirado daquellas fallas, não oppoz resistencia ao movimento da moça que o attrahia á si, convidando-o á entrar. Apoiou-se no parapeito, e saltou no aposento, onde a mão tepida de Agueda o conduziu até um estrado que havia junto ao leito.

Fechada a janella, a moça tirou a candeia que havia escondido por detraz de um bahù, coberta com uma bacia de rosto, e collocou-a em cima da cantoneira, de onde allumiava todo o aposento.

Foi então que Arnaldo poude bem admirar a belleza dessa mulher, que até aquelle momento só vira de longe, ou de relance, quando ella passeiava com D. Flor, em quem iam prezos seus olhos.

Agueda tirara o véo de luto. Sua cabeça meneiava-se airosamente agitando os bastos e longos cabellos negros, semelhante á palmeira, que embala a sua verde coma ao sopro da brisa. O corpinho de cambraia cerrando-lhe a fina cintura, abria-se como uma taça esvasada para mostrar o collo.

Tinha as mangas curtas, onde os lindos braços

engastavam-se apenas em um molho de rendas; a saia, bordada de crivo descia-lhe até as curvas deixando núa a extremidade de uma perna bem torneada, e o pé largara a chinella para pizar mais subtil.

Notando o olhar do mancebo que devorava os seus encantos, Agueda fez um movimento de espanto, como cahindo em si, e lançou mão de uma mantilha de seda, na qual embuçou-se com gesto vergonhoso. Depois foi sentar se no estrado e disse erguendo timidamente os olhos para Arnaldo, em pé diante della:

— Sente-se, aqui, perto de mim. O que vou contar-lhe é um segredo de que depende a minha sorte. Jura guardal-o, Arnaldo?

— Si desconfia de mim, para que arrisca o seu segredo?

— Não; não desconfio, nem é preciso que jure. Sei que é generoso, Arnaldo; e não hade querer o mal de uma pobre mulher, que só tem uma culpa, a de não vencer o seu coração.

Agueda repetiu então a fabula que inventara para explicar sua vinda á Oiticica; mas desta vez inserindo-lhe particularidades do caso, acompanhadas de exclamações e lamentos, em que a ar-

teira rapariga empregava toda a sua habilidade comica, e jogava com os requebros dos olhos, a volubilidade do semblante e as inflexões lascivas do talhe.

As mulheres têm o talento especial dessa eloquencia ouca, mas sonora, que certos homens neutros conseguem imitar. Os labios resoam como as cordas de um instrumento ; ouve-se a musica das palavras ; mas o que falla é somente o sorriso e o gesto, que não fazem sinão repetir o mesmo e constante desejo de attrahir e fascinar.

Agueda insistia em minuciosidades pueris, repisava as mesmas cousas, contradizia-se muitas vezes ; mas o que ella queria era um protexto para fallar,e bordar com a palavra essa teia de olhados matadores e effusões irresistiveis que a approximava de Arnaldo e estabelecia entre ambos communicação intima.

Por isso memorando a mórte do marido, estremecia de horror, e conchegava-se ao mancebo como para amparar-se com a sua coragem ; querendo enternecel-o, travava-lhe das mãos que apertava nas suas, transmittindo-lhes o seu fluido no toque macio e tepido ; outras vezes fingindo um susto, parecia desmaiar, e como sem tino e

consciencia de que fazia, levava ao seio a dextra do sertanejo ainda enlaçada na sua.

— Que susto, meu Deus! Veja como bate o meu coração! dizia como suffocada.

Arnaldo estava sob a influencia maligna desta seducção, de que o advertia a sua perturbação, mas que elle não tinha a força de repellir; porque nesse momento sua alma nobre e altiva era sopitada pelas erupções do sangue.

Aos vinte e um annos, a besta humana, quando revolta-se contra o espirito que a domina, é uma fera idommavel, sobretudo em uma organisação pujante como a de Arnaldo. A pura e casta adoração que até ali havia preservado o mancebo de pagar o tributo á materia e o alheiara dos prazeres sensuaes, deixara incubar-se o desejo que fazia agora explosão.

O sertanejo já não escutava as palavras da moça, nem entendia o que ella fallava. Mas ouvia-lhe a voz harmoniosa, e bebia-lhe nos olhos a belleza,que o embriagava como o suco da jurema, do qual provara uma vez na taba de Anhamum.

Quando a rapariga apertava-lhe as mãos, ou se conchegava ao seu peito, um sentimento de pro-

funda repulsão o invadia ; mas si turbava-lhe a alma, não tinha elle força para retrahir o corpo. Ficava immovel e passivo.

Terminou Agueda a sua narração, convencida de que tinha em seu poder o mancebo ; mas tambem com o tacto e experiencia que possuia, conheceu que não era elle homem para ousar logo da primeira vez. Que importava ? Ella suppriria esse acanhamento pela sua affoutesa ; comtanto que naquella mesma noute alcançasse as duas victorias porfiadas, a de seu capricho e a de seu interesse.

No desaffogo de sua historia, Agueda abrira aos poucos a mantilha, que afinal resvallara pelas espaduas, deixando nú o collo. Foi assim que estreitou-se com o mancebo para dizer-lhe :

— Eu sou uma desventurada, Arnaldo !

— O matador de seu marido será castigado. O capitão-mór não prometteu ? murmurou o sertanejo.

— Si fosse essa toda a minha desgraça ! Eu já me teria conformado com a vontade de Deus. Mas além de perder meu marido, ficar ainda sem aquillo que a mulher mais présa neste mundo, a honra ?

— Quem é que a quer roubar? perguntou o sertanejo indignado.

— Um sujeito de Inhamuns, chamado Marcos Fragoso.

— Elle?

— Conhece-o?

O sertanejo acenou com a cabeça.

— Pois esse homem jurou que havia de perder-me; e o velho que me trouxe é um espião pago por meu perseguidor. Não tendo quem me acompanhasse, fiei-me nelle, que me ia entregando ao amo. Si não o enganasse fingindo-me doente e pedindo para descançar uma noite na Oiticica, estaria á esta hora perdida, Arnaldo! exclamou a moça atirando-se ao peito do sertanejo.

— Socegue. Aqui está em segurança! respondeu o mancebo.

— O velho já ameaçou-me!

— Atreveu-se? disse o sertanejo com um grito de ameaça.

— Ah! eu lhe supplico, Arnaldo! tornou a moça lançando-lhe os braços aos hombros. Não lhe faça mal, seria perder-me!

E Agueda reclinou a cabeça ao seio do sertanejo. Houve um instante de selencio em que

ella ouviu as pulsações violentas desse coração indomito, que parecia estalar antes do que render-se.

A moça ergueu a fronte e mostrou o formoso rosto banhado de lagrimas e sorrisos.

— Não se lembra de mim, Arnaldo?... Nem siquer me viu, embora tivesse os olhos postos em mim; disse com um suspiro.

— Onde? perguntou o mancebo sorpreso.

— No Icó. Quando esteve lá ha dois annos. Eu o vi, Arnaldo; e desde esse momento senti que não era mais senhora de mim. Infeliz sina a das mulheres! Os homens ainda quando não são queridos, têem o consolo de seguir aquella àquem amam. Nós, porém, si roubam-nos o coração, não podemos ir apoz elle. Casaram-me á força!

A emoção embargou a voz de Agueda, que depois de breve pausa continuou:

— A sorte me trouxe á Oiticica, onde havia de encontra-lo, Arnaldo, para amparar-me contra o meu perseguidor.

— Não receie, que a deffenderei.

— Ao seu lado nada receio, Arnaldo. Desde muito que eu lhe pertenço. Quer uma prova? Exija!

Agueda ficou suspensa, fascinando com o olhar ao mancebo, que a fitava hallucinado.

— Falle!... murmurou ao ouvido de Arnaldo unindo o seu ao rosto delle. Que prova quer? Um beijo?...

E descahiu languidamente a cabeça de modo que a boca apinhada roçando pela face do mancebo veio embeber-se em seus labios.

Ao contacto desse beijo ardente Arnaldo estremecera, como si visse erguer-se diante delle uma serpente, á cuspir-lhe no rosto sua bava impura. Recuou soltando um rugido surdo, e as mãos ambas impellidas por um instinctivo movimento de horror foram cerrar-se no collo da moça.

Por algum tempo o mancebo permaneceu na mesma posição, com o corpo immovel, os braços hirtos como os braços da forca, os olhos fechados, sentindo nas mãos as retracções convulsivas da misera mulher as quaes elle tomava pelo collear da serpente. As vascas da agonia indicavam-lhe que o reptil ainda vivia, e elle esperava.

Esse pesadello o dominou de tal modo que fugiu lhe a lembrança do logar onde se achava e dos factos que se haviam passado momentos antes.

Afinal abriu as palpebras ; e viu espavorido que tinha nas mãos a iufiliz mulher, com os olhos esbugalhados e a lingua sahida pela boca escancara. Rangeram-lhe o dentes de frio e das mãos tremulas escapou o corpo que rolou pelo chão.

De um pulo ganhou o mancebo a janella e desappareceu.

No dia seguinte, ao chegar de sua jornada, Job encontrou o sertanejo espojado no chão da caverna, fallou-lhe, mas elle fitou os olhos e não respondeu. Era a hallucinação que durava ainda. A mesma scena da noite debuxava-se em sua alma com formas estupendas e monstruosas.

O velho conhecia estas procellas d'alma ; e sabia que, à semelhança das outras que conturbam os elementos, ellas só passam quando o céo descarrega os vapores de que estão pejadas as nuvens.

Job deixou portanto Arnaldo ao seu delirio e submergiu-se no passado, onde vivia mais do que no presente, elle que já não tinha futuro.

Decorreram as horas. Era já sobre tarde, quando sentiu-se na caverna uma ligeira vibração. Job e Arnaldo ergueram a cabeça de chofre, e olharam-se. Ambos por um simultaneo

movimento deitaram-se no chão e escutaram.

— Cavallos! disse Job.

— Montados; acrescentou Arnaldo.

— Trinta.

— Eu contei trinta e um.

— Teu ouvido é melhor.

— Uma escolta á galope!...

Proferindo estas palavras, Arnaldo sahiu da caverna seguido pelo velho.

Sua primeira idèa foi que o Marcos Fragoso voltava para atacar a Oiticica; mas o numero dos cavalleiros que se aproximavam o dissuadiu dessa idéa.

XVI

O FOJO

A's sete horas da manhã, D. Flor notando a ausencia de Agueda, que tinha por costume accordar com a primeira claridade do dia, encaminhou-se para o aposento da viuva.

O quarto ainda estava escuro. A donzella suppoz que Agueda tivesse passado mal a noite e não quiz incommoda-la. Mas á hora do almoço não a vendo apparecer, nem abrir-se a porta do aposento, assustou-se e foi ter com a mãi.

D. Genoveva acodiu logo; ao repetido bater, ouviu-se um ligeiro rumor, e pouco depois a voz da viuva, que arrastou-se até á porta e a abriu.

Quando as mãos de Arnaldo affrouxaram deixando rolar pelo chão o corpo da cigana, ainda esta respirava, embora pouco faltasse para exhalar o ultimo alento.

Por algum tempo ficou prostrada e sem accordo, como um cadaver; mas aos poucos o ar penetrou nos pulmões, restabeleceu-se a respiração; e ella cahiu no torpor de que a veio tirar a dona da casa, assustada com um somno tão prolongado.

Desculpou-se a viuva com uma dôr violenta que a desacordara e nem tempo lhe deixara de metter-se na cama. D. Genoveva immediatamente recorreu aos seus remedios caseiros; mas a doente os dispensou, dizendo estar habituada áquelle achaque, o qual lhe passava com um cordial e algumas horas de repouso.

Tomou um chá de lingua de vacca, e deitou-se. Não dormiu porém; os pensamentos tumultuavam-lhe.

Pensou que era o momento de jogar a ultima carta. Arnaldo, naturalmente receioso do que fizera, talvez se ausentasse da casa nesse dia: era preciso aproveitar o ensejo.

Mandou chamar o velho que a acompanhara:

— José, ha tempo de avisar o Onofre para esta tarde?

— Elle está alerta, bastam tres horas e ainda falta muito para meio-dia.

— Pois então vae. Sabes o logar?

— A gameleira.

Agueda confirmou com a cabeça.

— Desta vez não nos escapará.

A rapariga estava anciosa de vingar-se em Flor do insulto de Arnaldo. Nesse instante ella odiava o sertanejo, porém odiava ainda mais a mulher por quem elle a desprezara.

O cigano deixando a irmã foi ao pasto, onde estava o cavallo que trouxera Agueda, deu-lhe dois nós nas clinas e fez-lhe taes gatimanhas e partes, que o animal partiu de carreira pelo taboleiro afora.

Depois de duas horas de repouso, a cigana ergueu-se com esforço e acompanhou Flor á mesa do jantar, para fortalecer-se com algum alimento de que precisava, pois sentia-se como estenuada.

A tarde pretendendo que o exercicio lhe faria bem, convidou a filha do capitão-mór para sahirem á passeio.

Alina achou um pretexto para eximir-se de acompanar á Flor; a sua antipathia pela viuva bem longe de se desvanecer com o trato, ao contrario crescia.

Agueda e Flor desceram ao taboleiro, e foram como de costume sentar se á sombra da gameleira.

No momento em que ali chegaram, o José occulto entre as arvores trocou um signal com a irmã, e desappareceu na matta. Ia ao encontro do Onofre para guia-lo ao sitio.

Foi justamente por esse tempo que Arnaldo e Job sahiram da caverna. Não tinham andado cem passos, quando o mancebo parou assaltado por uma idéa terrivel.

— Segue, Job! Eu vou á casa.

Com effeito encaminhou-se direito á habitação da fazenda, tomado de cruel presentimento. Ao meio do tombador encontrou a Justa:

— Onde está Flor?

— Passou agora mesmo com a viuva.

— Agora? Para lá?.....

— Que modos são estes de assustar a gente!

— Corre, mãi, e diz ao capitão-mór que venha salvar a filha, pois a querem roubar.

— Flor!... Roubar Flor!.... Minha Nossa Senhora da Penha de França, valei-me!

A sertaneja á tremer com o susto não sabia que fazer, si correr à casa para avisar ao capitão-mor, ou seguir o filho em busca da donzella. Afinal tornou para a fazenda, mas a cada instante parava, soltando brados descompassados.

— Flor!... sr. capitão-mór!... Acuda a sua filha!.. Acuda à Flor, que a levam! Ai, meu Jesus!

Entretanto Arnaldo, cuja suspeita se confirmara com a informação que lhe dera a mãi, rompia o mato na direcção da gameleira, onde esperava encontrar a donzella e a viuva que elle sabia agora ser emissaria de Fragozo.

Aos gritos de Justa acudiram a final umas escravas, que alvoraçaram a casa, mas sem explicar a novidade de que davam rebate. Ouvia-se o nome de D. Flor repetido de todos os lados e entre clamores de susto, mas o que succedera á donzella, ninguem sabia, sinão a Justa, que ainda não sahira do seu desatino.

Afinal chegou a nova ao capitão-mór que estava do outro lado nos curraes em companhia de D. Genoveva. O Campello, não podendo conceber que um perigo qualquer ameaçasse a filha, ali na

Oiticica, junto delle dirigiu-se a casa com a costumada solemnidade, contando achar ali Flor.

Quando porém a Justa, ainda atarantada conseguiu dar-lhe o recado de Arnaldo, e elle percebeu o que havia occorrido, abalou de carreira para a mata, gritando á mulher com uma voz de trovão :

— Meu bacamarte, D. Genoveva ! *O Jacaré* !

Atraz do capitão-mór precipitaram-se os homens da escolta e toda a gente da fazenda, que andava perto, e acodira ao clamor.

Quando o fazendeiro tinha já vencido meia distancia, romperam quatro cavalleiros á disparada na direcção da varzea. Um delles levava nos braços uma mulher, envolta em capa listrada, à debater se com movimentos desordenados, e soltando estes gritos suffocados.

— Meu pai !... Acuda !... Acuda a sua filha !... Levam-me !... Ai !... ai... ! ai !...

Esses gritos não deixavam duvida. Era Flor que levavam aquelles homens ; a capa era a sua, que as escravas logo reconheceram.

Ouviu-se o rugido espantoso do capitão-mór. Nesse momento acabava de alcança-lo o pagem

que trazia o bacamarte mandado por D. Genoveva. Recebendo a arma, o Campello sem hesitar apontou-a na direcção do cavalleiro que levava a mulher.

Lembrou-se que podia matar a filha, embora tivesse feito pontaria no cavallo; mas essa filha adorada, elle antes a queria morta por sua mão, do que roubada á sua ternura e profanada por infames.

Dois dos cavalheiros cahiram; mas o que levava a mulher e outro passaram incolumes e desappareceram além na varzea.

A' esse tempo chegava D. Genoveva montada á cavallo, e acompanhada de pagens que traziam o russo, assim como de toda a gente que poude armar ás pressas para correr em socorro da filha. Nesse momento ella não gritava; as lagrimas saltavam-lhe dos olhos, os labios moviam-se resando, mas sua attenção acodia á tudo com animo varonil.

Campello montou no russo, e partiram elle, a mulher e a escolta como um turbilhão.

O raptor de sua filha levava grande avanço; mas o capitão-mór não reflectia nesse momento. Era impossivel que esse homem lhe escapasse;

elle o perseguiria até o inferno, e lá mesmo o deixaria estraçalhado por suas mãos depois de ter-lhe arrancado Flor.

Os possantes cavallos do fazendeiro ganhavam sobre os fugitivos, embora estes montassem excellentes poldros dos sertões de Inhamuns, tão afamados entre todos os do Ceará. Mas estavam estes ainda fatigados da jornada, emquanto que os de Quixeramobim andavam repousados.

Já era noite, quando o capitão-mór avistou afinal o vulto negro do cavalleiro ; e ferrando as esporas no russo, atroou os ares com um grito medonho.

Respondeu-lhe uma voz de mulher cujas palavras se ouviram destinctamente.

— Salve-me, sr. capitão-mór, pelo bem que quer á sua filha ! Salve-me, e á D. Flor tambem, que lá ficou nas mãos do Fragoso !

— Esta voz não é de Flor ; disse o capitão-mór.

— E' da Agueda ! exclamou D. Genoveva. Então nossa filha ?.. Nós a desamparamos, Sr. Campello !..

A voz era effectivamente de Agueda, ou antes da Rosinha, que temendo cahir nas mãos do ca-

pitão-mór, usara daquelle novo ardil para sustar a perseguição.

Campello tinha estacado o cavallo, e não sabia que resolvesse. Foi D. Genoveva que tomou o alvitre de retroceder ; o marido acompanhou-a sem hesitação.

Onde pois estava Flor, àquella hora, quando seu pai, julgando correr em sua deffeza, ao contrario a abandonava ?

E' preciso tomar a narração de mais alto.

D. Flor conversava mui tranquillamente com Agueda á sombra da gameleira, onde as deixamos sentadas, quando ouviram-se os gritos da Justa.

Embora pela distancia não podesse destinguir as palavras, conhecera a voz que pareceu-lhe alterada e afflicta. Ergueu-se inquieta :

— Vamos, D. Agueda !

— Já ? Podiamos esperar ainda um instante. Sinto-me tão fatigada !

— Estou ouvindo a voz de mamãe Justa ! Não sei o que terá acontecido em casa.

— Que póde ser ?... A voz, eu ouço ; mas é de uma pessoa que está cantando.

Flor applicou o ouvido para vêr si enganara-se; e desta vez escutou não só os gritos da ama,

como o alarido que se levantava na fazenda, e as vozes que chamavam pelo capitão-mór. Então realmente assustada, fez um gesto á viuva e lançou-se na direcção da casa.

Agueda porém abraçara-se com ella :

— Daqui não sahe !

— Não me toque, senhora ; disse a moça revoltada.

— Oh ! Póde zangar-se, que eu não faço caso de suas fidalguias. Está em meu poder, e daqui ninguem a tira. Ouve ? São cavalleiros á galopar ; não tardam ahi. A' frente delles hade vir o Fragoso, seu namorado !

— Não sahirei daqui, mulher, juro ; mas não me ponha as mãos e não me insulte.

Fallou Flor com tal imperio e soberania que a cigana calou-se, e recolhendo os braços deixou livre a donzella, mas tomou-lhe o passo, prompta á segura-la si quizesse fugir.

Flor sentou-se resignada, tendo por maior desgosto o de lutar com essa mulher, do que o do perigo que a ameaçava. Nesse momento seu espirito nobre e candido enleiava-se em supposições á cerca dos acontecimentos extraordinarios que a vinham sorprehender.

Rosinha alerta e escutando anciosa o tropel dos cavalleiros, como si os apressasse com seu anhélo, voltou-se inquieta para o lado da casa, onde troou nesse momento a voz possante do capitão-mór Campello, bradando :

— Meu bacamarte, D. Genoveva ! O *Jacare'* !..

Então a cigana temendo que o fazendeiro acodisse á tempo de livrar a filha das garras do Fragoso, correu sobre a donzella, travou-lhe do pulso, e quiz arrasta-la ao encontro do troço de cavalleiros.

A donzella recalcou a indignação que sublevava-lhe a alma nobre, e oppoz á força uma resistencia passiva. Rosinha era mais robusta do que ella, mas nesse dia, prostrada como estava, não podia leva-la por violencia.

Mettendo a mão no corpete, sacou a cigana um punhalzinho de lamina fina, como a aspa de um espartilho, e o brandiu sobre a cabeça da donzella:

— Si não me acompanha, mato-a !

D. Flor respondeu-lhe com um soberbo gesto de desprezo, e ficou á olhar desdenhosamente para a arma que a ameaçava. A cigana hesitou um instante ; depois lembrou-se que ferindo a

donzella, mais facilmente a arrastaria para o mato.

Quando o punhal descia sobre a espadua de Flor, abriu-se a folhagem e surgiu Arnaldo. Tão medonho era seu aspecto que a cigana ao vê-lo crescer para ella, fugiu espavorida, levando enleiada no braço a capa da donzella.

O sertanejo com a faca desembainhanda arrojou-se á ella, mas a voz de D. Flor o deteve :

— Não a mate, Arnaldo ! Agarre-a para que meu pai a castigue.

A cigana porém tinha desapparecido ; e as fallas que já se ouviam dos cavalleiros advertiram á Arnaldo que para salvar D. Flor não havia um instante á perder.

— Venha ! disse elle para a donzella.

— Para onde ?

— Para a casa.

— Quem é esta mulher ? Que me queria ella ?

— Entrega-la ao Marcos Fragoso.

O sertanejo abria a folhagem para que a donzella passasse mais facilmente ; porém ainda assim era demorada a sua marcha. As vozes dos cavalleiros aproximavam-se e já entre ellas destinguira o mancebo a do Fragoso. Entretanto ainda soa-

vam longe os brados do capitão-mór e o tropel da gente da fazenda.

A' poucos passos encontraram Job, que os buscava :

— Estamos cercados ; disse o velho.

Nova difficuldade surgia, e talvez que insuperavel. O sitio onde crescia a gamelleira fôra bem escolhido pela astuta cigana para a cilada que armára. Era uma corôa de mato, que ligava-se á floresta por estreito cordão, como isthmo de ilha.

Distante da casa um quarto de legua, e encoberto por um largo bojo da matta, era facil á escolta do Onofre cercar o capoão, apoderar-se da donzella ainda quando a acompanhassem outras pessoas e executar a empreza, sem darem rebate á fazenda.

Arnaldo, conhecia melhor que ninguem o sitio, e julgou da posição de D. Flor. Não desesperou comtudo. Elle e Job levantariam com seu corpo uma muralha deante de D. Flor e a defenderiam até a chegada do capitão-mór.

Quando já indicava o grosso tronco de um jacarandá para que Flor nelle se abrigasse, resoaram perto dahi os gritos abafados que soltava

uma voz de mulher, simulando-se de D. Flor, e que illudiram o capitão-mór.

Succederam-se por momentos estes clamores, fugindo rapidamente para o lado da varzea, e acompanhados do tropel dos cavallos á galope. Foram porem abafados pelo grito do Campello, ao que seguiu-se um tiro.

Ao estrondo que estremecera a terra, o sertanejo reconheceu o bacamarte do capitão-mór, como lhe tinha reconhecido a voz, e advinhou o que se passara

Agueda escapando á Arnaldo correu direito ao encontro da escolta, guiada pelo tropel. Avistando Fragozo que vinha na frente com o Onofre atirou-se á elles :

— O maldito vaqueiro chegou quando eu ia arrasta-la, e o capitão-mór ahi vem ! disse precipitadamente apontando para a fazenda.

Onofre calculou o lance; era nos transes apertados que mostrava o coriboca seus recursos. Já elle tinha chamado o Corrimboque e dava-lhe suas ordens; depois voltou-se para a rapariga e em poucas palavras a poz ao corrente do novo trama.

Agueda despiu a saia preta,envolvendo o corpo

na capa de D. Flor, e saltou no arção da sella do Corrimboque. Este a tomou nos braços e partiu á galope, seguido de trez bandeiristas que lhe serviam de escolta.

Foi então que a astuta cigana, debatendo-se nos braços do cabra, conseguiu illudir com seus gritos ao capitão-mór levando-o apoz si, e deixando assim o Fragoso livre de estorvos.

Ouvindo esvaecer com a distancia o estrepito das patas dos animaes, Arnaldo que tinha advinhado o ardil, convencera-se de que já não podia esperar o soccrro do fazendeiro e só devia contar comsigo.

Mas que podia elle só com um velho inerme contra tantos inimigos que os cercavam naquelle instante, para colhe-los como nas malhas de uma rede?

O Onofre não se abalou com as impaciencias do Fragoso. Deixando-o andar às tontas, estendeu a sua gente em roda do capão e com os melhores vaqueanos começou á bater o mato em regra, como sabem fazer os sertanejos, á quem não escapa um quaty entre as folhas.

Nestas circumstancias, si Arnaldo tentasse sahir do mato cahiria nas mãos dos que faziam o

cerco, ou mostrar-se-hia no limpo aos inimigos, que immediatamente se lançariam sobre.

Ficando dentro do mato, como livrar-se da batida do Onofre e seus companheiros, cuja marcha convergente sentia-se no atrito das folhas que rumorejavam em todas as direcções?

Estas circumstancias tinham occorrido simultaneamente e com tamanha rapidez, que entre o primeiro grito da Justa e aquelle instante não mediara mais de um quarto de hora.

D. Flor impaciente quizera correr ao encontro do pai, quando lhe ouviu a voz. Job a reteve explicando-lhe a causa do tiro, bem como da partida precipitada do capitão-mór. A donzella teve então um momento de desanimo.

— Estou perdida! murmurou.

— Ainda não! respondeu Arnaldo de manso. Mas suas mãos não pódem romper o mato; é preciso que eu a carregue, Flor.

— Não; prefiro ficar; disse a donzella seccamente.

— Outros braços a levarão, mas para arrancal a á sua casa, e não para restituil-a á seu pai, que lá vai em sua procura. Que responderei ao Sr.

capitão-mór, quando elle pedir-me contas de sua filha?

Flor hesitou um momento : depois velou-se de uma fria impassibilidade, fez-se estatua, e caminhou para o sertanejo.

— Leve-me á meu pai.

Arnaldo suspendeu a donzella em seus braços robustos, recommendando-lhe que envolvesse a cabeça e o busto no gibão de couro para defender-se dos galhos e espinhos. Com esse precioso fardo preparou-se para romper o mato.

Nesse transe não se lembrou o mancebo que estreitava o corpo gentil de uma donzella. O que elle carregava era uma reliquia ou a imagem de uma santa, e as fórmas encantadoras que elle palpava no seio eram de jaspe ou marfim.

Job pedira á Flor que rompesse um folho de seu vestido. Emquanto Arnaldo desapparecia com a donzella na espessura, o velho esgueirou-se na direcção opposta esgarçando a tira de panno pelos crautás e unhas de gato.

O sertanejo chegou depois de algumas voltas á uma brenha atravessada por um trilho de veado. A' meio dessa vereda cahira um grosso tôro que a atravessava.

Arnaldo lembrou-se que nesse lugar havia um fojo. Como a caça já o conhecia, tinha-o elle condemnado por algum tempo, cobrindo com o tronco a boca afim de mais tarde aproveital-o. Mal sabia então que serviço devia prestar-lhe.

Affastando o madeiro e retirando a terra, abriu o alcapão e entrou na cova para examinar si tinha alguma cobra ou outro objecto capaz de assustar a donzella.

— E' preciso esconder-se aqui, Flor.

— Só ? perguntou a donzella.

— Tem medo ?

— Não ; seja meu coveiro, disse a moça com um sorriso. Enterre-me viva.

Arnaldo desceu Flor á cova, fechou o alçapão, cobriu-o novamente de terra, e collocou o toro secco no logar onde estava. Apagando todos os vestigios que podiam denuncia-lo, grimpou ao tope das arvores, onde zombava dos olhos mais perspicazes

O Onofre e seus companheiros bateram o mato em todos os sentidos e não descobriram signal de gente. O Fragoso, irritadissimo com o novo revez, cobria o seu cabo de bandeira das mais pesadas injurias, que este soffria com uma calma

inalteravel, pois entendia que o patrão o pagava não só para servi-lo, como para atura-lo.

Não achavam D. Flor e todavia tinham certeza que a donzellà ali estivera. Rosinha o affirmara e as tiras do vestido rasgado pelos espinhos o provavam. Era impossivel que sahisse do capoão sem a verem os do cerco ; e que ella não tinha conseguido escapar-se, bem indicavá o engano do capitão-mor.

O Onofre pois insistia na esperança de afinal descobrir o escondrijo da moça e do sertanejo.

— No chão não está, disse o bandeirista ; ainda qué ella fosse uma cobrinha cipó não me escapava. Só póde estar nos ares, ahi trepada n'alguma arvore.

Por ordem do bandeirista, subiram alguns à copa das arvores e começaram uma ronda pelos galhos. Diversas vezes passaram junto de Arnaldo,que os illudia imitando o canto da graûna. Onde pousava um passarinho não podia estar occulto um homem. Tambem por diversas vezes passaram pelo fojo, e Flor ouviu o som dos passos pór cima de sua cabeça.

Afinal já fatigados da porfia, escutaram tropel de animaes que aproximavam-se rapidamente.

Era sem duvida o capitão-mor que voltava desenganado; e não tiveram outro remedio sinão abandonar a partida e da-la por perdida.

Quando Arnaldo conduziu Flor á casa, ali acabava de chegar o Leandro Barbalho.

Foi o tropel de seus animaes que asssustara o Onofre. A' primeira noticia, elle arrependeu-se de ter salvado a virgem de sua adoração para ve-la noiva de outro. Não seria melhor morrer com ella vingando-a ?

O sobrinho do capitão-mor, encontrando a casa em desordem, ouvia do Padre Telles a narração dos estranhos successos, quando soube da volta de D. Flor.

Pareceu-lhe inconveniente fallar á prima na ausencia dos pais e porisso limitou se á mandar por Alina recado, do pezar que tivera com o desacato feito á sua pessoa.

XVII

A INTIMAÇÃO

Depois dos acontecimentos que na vespera á tarde haviam perturbado o socego da Oiticica, era natural que seus moradores prolongassem um tanto pela manhã o repouso da noite.

Arnaldo apenas restituira Flor à casa, partiu no Corisco em seguimento do capitão-mór, que só encontrou á tres leguas de distancia, já de volta.

A noticia que levava-lhe o seu vaqueiro o encheu de tamanha alegria, que elle esqueceu-se à ponto de abraçar a mulher deante de toda a gente, e fez o mesmo ao rapaz.

Chegado à casa, depois das effusões do contentamento de vêr a filha, entrou com o sobrinho e o capellão em conferencia acerca das occurren-

cias extraordinarias que se acabavam de passar ; na ausencia do Agrela, foi padre Telles incumbido de escrever duas cartas aos parentes de Russas e Aracaty, chamando-os à toda pressa com a gente que podessem juntar.

Leandro Barbalho partiria no dia seguinte para reunir uma bandeira no Ouricury ; emquanto o Arnaldo seria incumbido de avisar todos os moradores espalhados pelos campos de Quixeramobim até à serra do Baturité.

O Campello tinha jurado por suas barbas que havia de castigar o Fragoso ainda que fôsse preciso arrasar todo o Inhamuns.

— Hei de trazê-lo á Oiticica amarrado como um negro fugido ; e depois de bem surrado, o padre Telles o casarà com a negra mais cambaia da fazenda.

Depois da conferencia recolheu-se o fazendeiro, mas apezar das fadigas e commoção da vespera, ao romper do dia já estava de pé e sahiu fóra ao terreiro. Ainda todos dormiam ; pela primeira vez deixára-se de ouvir na fazenda o toque de alvorada á hora costumada.

Viu o capitão-mór esvoaçar um bando de urubús à beira da matta e pousar no campo. Em-

bora seja esse um accidente muito commum nas fazendas de criar, desperta sempre a attenção do dono e de seus vaqueiros.

Caminhou Campello até o fim do terreiro ; e dahi pôde confusamente avistar os pedaços de carniça, espalhadas pelo chão, e que attrahiam os abutres. Atinou que eram os corpos dos dois sequazes mortos na vespera pelo tiro de seu bacamarte, e despedaçados pelas patas dos cavallos, quando corriam atraz de Corrimboque.

O capitão-mór não era sanguinario ; mas nessa occasião experimentou um exquisito prazer com aquelle espectaculo, e sentiu que não estivessem estendidos no campo todos os sequazes do Fragoso, para que elle os esmagasse sob as patas do seu russo.

Com pouco appareceu Leandro Barbalho, que já vinha em habitos de viagem, e só esperava para pôr-se á caminho que o pagem lhe trouxesse a cavalgadura.

O sobrinho do capitão-mór, filho dos Cariris, onde residiam seus pais antes de mudarem-se para o outro lado da serra do Araripe, era mancebo de trinta annos, de baixa estatura, mas robusto, com hombros largos e a cabeça chata,

typo mais commum do sertanejo cearense e que o distingue de seus visinhos das provincias limitrophes. Tinha o parecer franco e jovial.

— Prompto, sobrinho? disse Campello ao avista-lo.

Barbalho beijou a mão do capitão-mór com respeito filial e respondeu:

— Já podia estar em caminho, si não fôsse a demora do pagem.

— Assim foi bom, porque hontem não tivemos tempo de fallar sobre um particular. Sabe porque o mandamos chamar, sobrinho?

— O senhor dirá, meu tio.

— Nós o escolhemos para marido de nossa filha D. Flor.

— Como fôr de sua vontade, senhor meu tio.

— Vá buscar a gente para ensinarmos ao atrevido do Fragoso e na volta cuidaremos do noivado.

Ouvindo o galope de um cavallo, o capitão-mór voltou-se, e viu Arnaldo que subia o tombador á toda a carreira do Corisco. Chegando ao terreiro, sem dar-se ao trabalho de parar o animal, o rapaz saltou da sella e caminhou para o fazendeiro.

Depois dos ultimos acontecimentos, a subita

vinda do sertanejo áquella hora, sua brusca parada e a inquietação de seu gesto, eram de natureza á dar rebate de novos perigos.

Não obstante o capitão-mór esperou sem nenhuma alteração a noticia, que lhe trazia o rapaz.

— O Fragoso ahi vém, sr. capitão-mór.

— Pois atreveu-se?

— E traz muita gente.

— Melhor ; não é preciso fazer pontaria.

Tocou-se alarma na Oiticica e immediatamente começaram os preparativos para receber o inimigo. A posição da fazenda offerecia todas as condições favoraveis á deffeza ; e a construcção do edificio principal fora de algum modo copiada das casas fortes, em que então muitos fazendeiros ricos eram obrigados por segurança á ter sua moradia.

Uma hora depois do aviso do Arnaldo, avistou-se uma grande nuvem de poeira. Era o Marcos Fragoso com sua bandeira.

O Daniel Ferro chegara de Inhamuns naquella madrugada com sua gente ; e o Fragoso, irritado com o mallogro da vespera, resolveu marchar para a Oiticica sem mais demora. Tinha elle

então ás suas ordens cerca de quatrocentos homens, que dividiu em tres bandeiras, tomando uma para si, e dando as outras ao Daniel Ferro e João Corrêa.

Arnaldo, que seguira durante a noite o rasto da escolta do Onofre, lá pela madrugada encontrou-se com o Aleixo Vargas, que vinha adiante como explorador. Percebendo a presença do sertanejo, o Moirão escondeu-se ; mas conhecendo que já estava descoberto, marchou direito ao rapaz.

— Estimei encontral-o, amigo Arnaldo.

— Tambem eu, Aleixo Vargas. Lembra-se do que lhe disse vae para um mez ? Que si o achasse a uma legoa da Oiticica...

— A que vém isso agora ?

— Pelo geito parece que você está em caminho para lá ; e então pergunto-lhe si já encommendou sua alma á Deus ?

— A cousa não è como pensa, Arnaldo; sou eu quem lhe avisa, como seu amigo, que não torne mais à Oiticica, sinão está perdido. Tome outro rumo rapaz.

— Mas então o que está para acontecer?

O Moirão poz o sertanejo ao corrente de que se

havia passado, e da expedição que marchava naquelle instante para a fazenda do capitão-mór.

— Obrigado pelo aviso, amigo Aleixo Vargas. Eu não carecia delle; tornou Arnaldo mostrando o vulto de Job que apparecera entre a ramagem. Mas sempre lhe digo que veja o que faz; eu só tenho uma palavra.

O vaqueiro dirigiu-se ao velho que lhe disse rapidamente em voz baixa:

— Quatrocentos.

O velho chegava naquelle instante de uma excursão. Havia entre essas duas almas, a do solitario e a do sertanejo, tão intima communicação, que muitas vezes não careciam fallar, para entenderem-se entre si e transmittirem-se os seus pensamentos.

Leve mudança de phisionomia, rapido toque de gesto, ou relance d'olhos, eram signaes imperceptiveis para estranhos; mas para elles caracteres vivos, em que liam tão correntemente como em um livro aberto.

O algarismo *quatrocentos*, que o velho acabava de murmurar não era senão a conclusão do dialogo quasi instantaneo, que o seu olhar trocara com o de Arnaldo. O semblante do velho annun-

ciara a chegada do inimigo, e o vaqueiro o interrogara sobre a força que ameaçava a Oiticica.

Nesse momento recordou-se Arnaldo da viagem de Job, sobre a qual ainda não tivera occasião de trocar uma palavra:

— E Anhamum? perguntou Arnaldo.

— Quando parti, elle convocava seus guerreiros.

Foi então que Arnaldo, depois que deixou o o velho Job em segurança na caverna, correu á Oiticica para levar a noticia ao capitão-mor

As tres bandeiras do Marco Fragoso tomaram posição em volta das casarias da fasenda ; e estabeleceram um cerco em regra, afim de cortar toda a communicação exterior, o evitar que o capitão-mor mandasse aviso á numerosa parentella de Russas. que logo acudiria em seu auxilio.

Quando Campello viu o poder de gente com que vinha o Marcos Fragoso, e reconheceu que não tinha forças para sahir-lhe immediatamente ao encontro. e castigar aquella ousadia; o seu orgulho rugiu-lhe n'alma como um tigre na jaula.

Elle que nunca até esse momento,em uma vida de cincoenta annos, soffrera um insulto em face, nem encontrara resistencia á sua vontade, ser

de repente assim afrontado, e não poder esmagar o insolente que o provocava !

Nas circumstancias em que achava-se, com sua bandeira reduzida pela expedição do Agrela á Barbalha ; uma sortida seria um acto de desespero, que sacrificaria o melhor de sua gente e entregaria a casa e os moradores aos assaltantes.

Não tinha remedio pois sinão recalcar o seu impeto, e aproveitar os recursos que lhe offerecia a Oiticica para uma defesa tenaz, emquanto podia mandar um emissario á seu cunhado Gameiro em Russas.

Concentrou-se porém tão profundamente aquella soberba, que desde a chegada do Fragoso ás terras da Oiticica não proferiu mais uma palavra e em pé no meio do terreiro esperou o ataque iminente.

Tinha á mão, no hombro dos pagens, seus tres famosos bacamartes. O primeiro conhecido por *Jacare* nome tirado da enorme boca ; o segundo chamado *Trovão* por causa de seu formidavel ribombo ; e o terceiro, *Pharol*, porque ao disparar levantava um clarão medonho. Todos eram de grosso calibre, que mais parecia de canhão.

Leandro Barbalho ficava-lhe á direita, Ar-

naldo á esquerda, e toda a gente estava á postos. D. Genoveva com Flor e Alina, apezar de transidas de susto, já tinham voltado da capella, onde foram pedir a protecção divina; e tomaram todas as providencias para soccorrer os combatentes de munições, e de prompto curativo no caso de serem feridos.

Depois de longa espera, em que o capitão-mór não via sinão um ardil para mais tarde cahirem de sorpreza, appareceu uma pequena escolta, que vinha do campo inimigo, e dirigia-se á Oiticica, parando à trechos e agitando uma grande bandeira branca.

— E' um parlamentario que nos enviam; disse Leandro Barbalho.

O capitão-mór sem quebrar o silencio levantou o braço e apontou o bacamarte. Leandro mediu o alcance da acção, mas não se atreveu á oppôr-se. Foi Arnaldo, que sem hesitar, lançou a mão ao cano da arma à tempo de evitar o tiro.

Voltou-se Campello com terrivel expressão. O rapaz encostàra ao peito a boca do bacamarte:

— Atire em mim, sr. capitão-mór, porém não mate sua mulher e sua filha que estão lá dentro

fiadas na prudencia, ainda mais do que na coragem de vossa senhoria.

Sentiu o fazendeiro a justeza daquella observação, que fizéra calar em seu espirito o rasgo do intrepido vaqueiro, expondo o seu peito á carga do bacamarte.

— Carecemos antes de tudo ganhar tempo; continuou o sertanejo. Nossa posição agora é má; porém esta noite, amanhã ou depois, a sorte póde mudar de repente.

O Manoel Abreu foi ao encontro do parlamentario. Este não era outro sinão o licenciado Ourem, que vinha pôr á prova a sua diplomacia em uma negociação cuja difficuldade e risco elle bem previa.

Não havia no campo do Fragoso pessoa mais apta para o delicado mister, e nestas circumstancias entendeu o licenciado que faltaria á seu dever de christão e de parente si não offerecesse os seus serviços de medianeiro para evitar um rompimento funesto á ambas as partes.

Leandro Barbalho adiantou-se para receber no terreiro o parlamentario, e o levou á presença do capitão-mór na sala. Trocada á saudação, affavel e insinuante da parte do Ourem, muda

e arrogante da parte do capitão-mór; quando aquelle dispunha-se á entrar no assumpto, foi atalhado pelo fazendeiro :

— O senhor licenciado veio como parlamentario, e com esta segurança foi recebido. Mas veja como falla porque, si faltar com o respeito que deve ao capitão-mór Gonçalo Pires Campello, não respondemos por nós. Fique prevenido.

Ditas estas palavras com o tom aspero e imperioso, o fazendeiro remetteu-se de novo ao silencio em que se havia refugiado a sua soberba.

Ourem acodiu logo com pressurosa cortezia :

— Como posso eu faltar com o respeito devido ao sr. capitão-mór Gonçalo Pires Campello, quando não trago outro encargo sinão o de assegurar-lhe o grande acatamento em que o tem meu primo o capitão Marcos Fragoso, e do seu vivo desejo de continuar as boas relações de visinhança em que está com o dono da Oiticica ?

— Foi para mostra desse desejo que elle armou toda essa ralé de bandoleiros, e veió pôr cerco á fazenda ? observou Leandro Barbalho em tom de chasco.

— O sequito numeroso que trouxe o capitão Marcos Fragoso não foi para ameaçar, e menos

ainda para atacar o dono da Oiticica ; mas ao contrario com este alardo quiz meu primo dar á conhecer as forças de que dispõe, e com que elle se empregará sempre e da melhor vontade no serviço de sua senhoria, si.

O Ourem rebuçou esta conjunção com um sorriso dos mais assucarados :

— Si o sr. capitão mór, como espera, acceder ao pedido que me incumbiu de fazer em seu nome, e que é ainda uma prova e a mais significativa da veneração, que vota á sua pessoa.

O capitão-mór não pestanejou, e permaneceu impassivel no aspecto, mas interiormente rugia uma cholera que ameaçava á cada instante fazer irrupção.

— Sabe vossa senhoria que outr'ora usavam os cavalheiros, quando iam a algum torneio, apresentar-se na côrte com uma grande comitiva, não por affrontar, mas só para merecer a attenção. A mesma bizarria teve meu primo Marcos Fragoso vindo pedir ao sr. capitão-mór, como agora o faz por meu intermedio, a mão de sua formosa filha D. Flor, que si o é no nome, excede-lhe nas prendas.

Campello ficou mudo. O Ourem, tendo esperado de balde a resposta, insistiu :

— O sr. capitão-mór ouviu o pedido ; que decisão devo eu levar á meu primo Marcos Fragoso, que a espera ancioso ?

— A mesma que lhe dei á primeira vez ; respondeu Campello.

— As circumstancias mudaram depois disso.

— Pode ser ; mas não mudou a nossa vontade.

— Talvez que vossa senhoria deseje algum tempo para melhor reflectir ?

— Já decidimos.

— Então a resposta do sr. capitão-mór é ?...

— Não !

— Attenda vossa senhoria à posição difficil em que vae ficar meu primo Marcos Fragoso, assim desconsiderado, e lembre-se que nem sempre somos senhores de nossas paixões. Este casamento poupará talvez grandes calamidades...

— Não ! Não ! Não !...

O capitão-mór erguera-se, e atirando ao licenciado aquellas tres negativas, cortejou-o com arrogancia, intimando assim que estava terminada a conferencia.

Ourem comprehendeu que naquella occasião

pelo menos nada mais tinha ali á fazer, e que sua missão conciliadora podia tornar-se em provocação, si com sua insistencia exacerbasse a ira do capitão-mór.

Despediu-se, e tornou ao campo do Fragoso.

Já era então ao declinar do dia. O capitão-mór voltou á occupar o seu posto no terreiro, acompanhado de tres pagens que seguravam os bacamartes já carregados e as munições para carregal-os de novo.

Arnaldo e Leandro Barbalho collocaram-se junto delle, á espera do assalto, que não podia demorar-se depois da maneira rude por que o capitão-mór despedira o parlamentario.

Ao cahir da noite annuciou-se novo emissario, portador de uma carta do capitão Marcos Fragoso para o dono da Oiticica.

XVIII

A CARTA

Fechara-se a noite.

D. Genoveva sentada á cabeceira da meza de jantar presidia á trabalhos bem extranhos ás habituaes lidas caseiras. Ajudada de suas escravas enchia de polvora e balla os cartuchos que enrolava a mão mimosa de D. Flor, com o auxilio da Justa.

Alina e a mãi na outra ponta da meza faziam fios e resavam baixinho a *magnifica.*

O capitão-mór deixando a sua gente de guarda no terreiro, foi ao camarim com padre Telles e Leandro Barbalho para tomar conhecimento da carta do Fragoso.

Padre Telles rompeu o fecho e deu a seguinte leitura :

« Illm.sr.capitão-mór Gonçalo Pires Campello.

« Aos 5 de janeiro do anno de 1765.

« Presadissimo senhor.

« Peço venia á vossa senhoria para não tomar por ultima e definitiva a resposta de que foi portador meu primo Ourem.

« Ainda espero que, pesando em sua consummada prudencia os males que podem affligir á duas familias importantes e que sempre viveram em boa visinhança, ha de tornar de seu primeiro alvitre.

« Si vossa senhoria julga-se offendido em seus brios, não posso offerecer-lhe mais cabal reparação do que essa de beijar-lhe a mão como filho. Não espero sinão o seu agrado para ir pessoalmente render-lhe esse preito de minha submissão.

« Resolvi aguardar trez dias para dar tempo à que vossa senhoria delibere com toda calma. Si expirado este prazo, não tiver eu satisfação de meu pedido, só então, e muito á meu pezar, serei levado á ultima extremidade ; porque tambem tenho que dar contas de mim aos parentes e amigos, defendendo-me de tão dura affronta.

« Guarde Deus a vossa senhoria por muitos annos. Deste seu servidor, prompto sempre as suas ordens.

« Marcos Antonio Fragoso.

Era facil de reconhecer no estylo da carta a mão diplomatica de Ourem. O Fragoso não tinha paciencia nem rethorica para arredondar esses periodos em que, sob os rendimentos de uma cortezia respeitosa, fazia-se ao fasendeiro a intimação formal de entregar a filha á titulo de noiva no praso de tres dias, si não queria sujeitar-se á lhe ser arrancada á força.

Esse excesso de deferencia com que o licenciado procurou attenuar a cominação, pungiu mais o orgulho do capitão-mor do que uma linguagem grosseira e desabrida. A impossibilidade em que se achava o fasendeiro de repellir a aggressão, insinuava nas frases mais polidas da carta uma ironia que não estava no pensamento do escriptor, nem nas intenções do signatario.

Assim ao terminar Padre Telles a leitura, Campello tirou-lhe das mãos o papel, e rasgou-o ao meio. Leandro Barbalho porém levantou as duas bandas, e o capellão recordou-se naquella

posição estreita do seu caracter sagrado de ministro da religião.

— Vossa senhoria, senhor capitão-mor, não me levará á mal que eu, ministro do Senhor e capellão desta casa, faça ouvir neste momento a voz da religião.

Empenhou então o reverendo toda a sua loquela em demonstrar ao fasendeiro a necessidade de ceder por essa vez, afim de salvar á sua familia e á si das desgraças que o ameaçavam. Que valia resistir si afinal tinha de soffrer a lei do vencedor, como não era licito duvidar, quando viam-se reduzidos ao minguado numero de cincoenta homens contra quatrocentos?

Depois entrou o padre em copiosa argumentação para convencer ao capitão-mor que, no fim de contas, o Fragoso, bem longe de insulta-lo ao contrario rendia-lhe preito, como elle proprio confessava em sua carta; e si o fervor com que o mancebo procurava esse casamento era uma culpa, attenuava-se com a formosura de D. Flor, que lhe inspirara tão viva paixão.

Leandro Barbalho ouviu em silencio as ponderações do capellão, e de algum modo adheriu á ellas fazendo ao capitão-mar esta declaração:

— O senhor sabe, meu tio, que eu não sirvo de embaraço á sua resolução. Obedeci-lhe acceitando a mão de minha prima; da mesma sorte lhe obedecerei não pensando mais nisso.

O capitão-mor atravessou o aposento e chegando ao corredor chamou a filha em voz alta:

— Flor!

A donzella acodiu logo. Nas condicções em que se achava a fazenda, cada accidente devia sobresaltar, como nuncio de novas complicações. A filha do capitão-mór porém sabia dominar-se, e quando entrou no camarim foi com um olhar sereno que ella interrogou a phisionomia das pessoas ali presentes.

— Lea a carta, padre Telles; disse o capitão-mór, significando á filha com um gesto que attendesse.

O capellão reuniu as duas bandas de papel, e obedeceu á ordem do capitão-mór. Finda a leitura o pai voltou-se para a filha:

— Ouça agora os conselhos do nosso capellão. Falle, padre Telles.

O sacerdote repetiu o que havia dito pouco antes, insistindo porém nas razões mais proprias para mover o animo da donzella.

— Ouviu, Flor? Agora que responde á esta carta?

— Sua filha, meu pai, a filha do capitão-mór Campello nunca seria esposa do homem que uma vez a insultou, ainda quando elle não se atrevesse á ameaçar-nos como o faz.

Campello cerrou a filha ao peito:

— Aqui tem a resposta desta carta insolente. Mas nos queremos dal-a de um modo que fique para memoria.

O capitão-mór reassumira de repente o gesto imperioso que elle tinha habitualmente e era a expressão de sua indole soberba, mas que ficara como attonito, desde o momento em que reconhecera a impossibilidade de desaffrontar-se.

— Elle marcou trez dias; não careço de tanto. Amanhã Flor será mulher de Leandro Barbalho.

Arnaldo assomara á porta, ainda á tempo de ouvir estas palavras; uma pallidez mortal derramou-se pelo semblante, que nenhum perigo turbava. Quando elle sahiu da vertigem] que o assaltara, seus olhos fitaram-se na donzella.

Flor abaixou as palpebras para não ver esse

olhar, e respondeu ao pai com uma voz calma, ainda que tocada de leve aspereza :

— Amanhã ou neste momento, meu pai, quando m'o ordenar receberei por esposo meu primo Leandro Barbalho.

O sertanejo levou a mão ao seio para suster o coração que lhe desfallecia e fugiu d'ali com a morte n'alma.

Entretanto elle vinha cheio de esperança trazer a paz e a alegria áquella casa, onde lhe estava guardada a dor mais pungente que pcdiam inflingir á sua alma.

Quando o capitão-mór se recolhera ao camarim para ler a carta, Arnaldo fora sentar-se embaixo da oiticica onde estavam o Manoel Abreu e alguns dos aggregados.

A' distancia de quinhentos passos, avistava-se uma linha escura que cingia o centro da fazenda, como um arco do qual a serra de Santa Maria figurava a corda. Nessa facha sombria luziam, aqui e ali, pequenos fogos vermelhos, que derramavam pelo espaço um clarão intermittente.

Eram as redes, que movidas ao compassado balanço, occultavam ás vezes o foco da luz e logo o descobriam, fazendo correr pelo campo umas

sombras vagas, tremulas e esguias, que lembravam os fantasmas e espectros das lendas populares.

Manoel Abreu e seus companheiros observavam attentos a linha, que indicava o acampamento das bandeiras do Fragoso e o cerco posto á casa da Oiticica. No prolongamento do arco e ligação dos postos entre si, viam elles o empenho de impedir a communicação com o exterior.

O dono da Oiticica não podia contar sinão com seus proprios recursos, e devia abandonar a esperança de obter soccorro de fora ; pois antes que este chegasse, o inimigo teria levado de assalto a casa.

— Não ouve um tremor ? perguntou Arnaldo de repente ao feitor. Talvez tenham esperado pela noite para atacar-nos.

— Mas si agora mesmo veio uma carta do homem ? disse o Abreu.

— Que tem isso ? acudiu o Nicacio. E' manha do cabra. Então aquelle Onofre que é da pelle do cão.

— Não ha que fiar ! observou João Coité !

Apezar de suas duvidas, Manoel Abreu conhecia bem a perspicacia do sertanejo para despresar o

seu aviso. Adiantou-se até o parapeito do terreiro e os companheiros o seguiram para verificar si com effeito alguma partida se approximava.

Quando tornaram aos bancos, Arnaldo havia desapparecido. Os outros suspeitarão que elle havia-se divertido à custa do Abreu ; e por isso affastara-se d'ali, para outro ponto do terceiro.

Enganavam se. Apenas tinham elles voltado as costas, Arnaldo com uma agilidade, que em outro seria para admirar, mas era nelle comesinha, de um salto suspendera-se á um ramo da oiticica, e sumira-se por entre a espessa folhagem.

Ganhando o tronco, despiu a roupa, que estendeu pelos galhos, e resvallou pela broca da arvore até á cava subterranea, e gatinhando ás vezes como um cão, ou rojando como um reptil, foi sahir na boca do fosso.

Dahi em diante corria uma levada cheia pelo inverno e que atravessava a linha de cerco extendida pelo inimigo. O sertanejo aproveitou-se do corrego, como de um caminho coberto, para transpor o acampamento.

Seguiu por dentro subtilmente, com agua até os olhos. Quando chegou perto das barracas e tendas, os caens latiram, e acodiu logo uma da

rondas ligeiras que os capitães das bandeiras tinham estabelecido para melhor guardar os passos entre os postos. e mais apertar o cerco.

Arnaldo porém mergulhara, e caminhando por baixo d'agua como a lontra ou a capivara foi surdir muito além, já na floresta. Applicou então o ouvido e destinguiu o mesmo tremor que pouco antes percebera confusamente, quando estava sentado em baixo da oiticica, e de que serviu-se para distrahir a attenção do Manoel Abreu e sua gente.

Continuou no rumo dessa repercussão da terra, que lhe indicava a marcha de uma multidão: A' certa distancia elle soltou o berro da giboia que era o grito de guerra de Anhamum. Outro berro lhe respondeu e o tropel dos passos cessou.

Momentos depois os dois amigos encontravam-se na espessura da floresta.

— Anhamun recebeu sua flecha que tu lhe masdaste, chefe dos tapijaras ; e soprou o boré para convocar os seus guerreiros. Elle veio pelo rasto dos inimigos.

— Tu és um amigo fiel, chefe dos Jucás ; teus guerreiros terão muitos inimigos á combater, e muitas armas e roupas para levar á sua taba.

Arnaldo sabia quanto os indios eram avidos daquelles objectos, principalmente dos velludos e sedas de côres vivas, com que se enfeitavam ; por isso, embora tivesse confiança na dedicação do chefe, quiz por esse modo estimular a gana dos selvagens.

Combinou o sertanejo com o chefe um plano de ataque.

Os selvagens ficariam occultos na matta, de espreita ao inimigo. No momento de assalto á casa, e á um signal convencionado, Anhamum cahiria sobre as bandeiras do Fragoso, e as metteria entre dois fogos.

Despachou-se tambem immediatamente um guerreiro para ir ao encontro do Agrela, que Arnaldo suppunha já estar áquella hora de volta da Barbalha ; pois não era muito que avisado como fora, desse conta de expedição em oito dias, tanto mais quando ao chegar á seu destino conheceria a mentira da supposta viuva.

O mensageiro devia prevenir o ajudante do cerco posto á Oiticica ; e recommendar-lhe da parte de Arnaldo que aguardasse a occasião do assalto para dar tambem sobre o inimigo, e cortar-lhe a retirada.

Tomadas estas disposições, tornou o sertanejo pelo mesmo caminho.

Tinha a sorte do Fragoso em sua mão ; e ia offerecer ao capitão-mór a maior satisfação que elle podia experimentar nesse momento ; a de castigar a insolencia do rapazola que se atrevera á affrontar seu poder.

Maior porém era o seu jubilo de arredar para sempre daquelle sitio o homem que tinha ousado erguer os olhos para D. Flor e cubiçar a sua belleza.

Imagine-se pois do golpe que o trespassou quando entrando pressuroso no camarim do capitão-mór ouviu aquellas palavras em que a donzella, conformando-se ao desejo do pai, dava-se por esposa à Leandro Barbalho.

Fugindo, seu primeiro impeto foi correr ao terreiro, apanhar as armas que ali estavam de promptidão, dispara-las umas apoz outras contra a gente do Fragoso, empenhar o combate, e assim provovocar a morte.

Mas terminada a luta, ou o capitão-mór vencia, como era de esperar depois das providencias tomadas, e Flor se casaria do mesmo modo com o primo, ou o Fragoso lograria seu intento e

levaria a esposa que viera tomar á mão armada.

— Não ; eu não posso morrer. O capitão-mór vencerá ; mas Leandro Barbalho não hade ser marido de Flor.

XIX

A RESPOSTA

Ia alta noite.

Na casa da Oiticica reinava o silencio. A familia recolhera-se à tomar algum repouso e o capitão-mór acompanhou a mulher para mais socega-la, contando voltar depois para seu posto.

No terreiro tambem os homens da escolta e mais gente acomodaram-se por baixo da oiticica, ao longo da calçada; e dormiam ao relento, com a cabeça encostada ao braço, e a espingarda segura entre os joelhos.

Os vigias collocados ao correr do muro, investigavam os corredores, para dar rebate ao menor movimento suspeito do inimigo ; e Leandro Barbalho embalançava-se na rede que mandara armar nos ramos da oiticica.

A capella estava aberta ; e pelo vão da porta via-se á luz mortiça de uma candeia, padre Telles que ali andava dispondo os paramentos e cuidando de outros arranjos para a proxima ceremonia, no que era ajudado por um rapazinho filho do Abreu, e que lhe servia de sacristão.

Arnaldo, que observava aquelles movimentos com uma ancia cruel, decidiu-se afinal ; e atravessando o terreiro aproximou-se da rede do Leandro Barbalho,

— Tenho um particular com o senhor ; disse-lhe o sertanejo.

— Pode fallar, Arnaldo.

— Ha de ser em lugar onde ninguem possa ouvir-nos.

— Onde quizer.

O sobrinho do capitão-mór seguiu o sertanejo até á extremidade do terreiro, onde já começavam as encostas da serra. Passava ali o muro do quintal, que vinha do canto da casa e galgava pelos alcantis. Por baixo ficava uma quebrada onde passava um corrego.

Arnaldo escolhera de proposito aquelle sitio escuro, onde dois homens podiam bater-se á gosto, sem temer vistas indiscretas. O que sucum-

bisse rolaria pelo baranco ; e não deixaria vestigios que denunciasse a luta.

O sertanejo não demorou a explicação.

— O capitão-mór não tem força para resistir á um assalto ; só ha um meio de salva-lo.

— Qual é ? perguntou Barbalho.

— Ficar D. Flor solteira.

Arnaldo era sincero. Naquelle instante de angustia qne passara, elle tinha jurado não salvar a Oiticica e seus moradores, sinão por aquelle preço.

— Esse meio, Arnaldo, meu tio não o aceita.

— O sr. capitão-mór tem seu orgulho ; mas o senhor é que não deve consentir em um casamento que será a destruição de toda a familia.

— Não tenho que ver nisso ; respondeu o mancebo placidamente.

— Assim não lhe importa a desgraça de seus parentes ?

— Meu tio Campello ordenou-me e eu obedeço. Si elle me dissesse « Barbalho, vae agora mesmo áquelle canalha do Fragoso, e mete-lhe o relho», eu ia direito ao cabra, e a primeira lambada ninguem lhe a tirava do pello. O que succedia era coserem-me ali ás facadas ; mas o homem nasceu

para morrer. Ora meu tio quer que me case com Flor; é o mesmo, devo fazer-lhe a vondade.

Arnaldo olhou admirado e commovido para o homem que lhe fallava com aquella simplicidade heroica.

— Pelo meu gosto ficaria solteiro. Não tenho geito para aturar mulheres; demais não é nada agradavel andar um homem com a morte atraz de si, porque esse Fragoso, quando mesmo escapassemos desta, não descançaria em quanto não me despachasse. Mas devo desafrontar as barbas de meu tio Campello, e si fosse preciso eu me casaria até com o diabo em pessoa.

Como o sertanejo não respondesse ainda, o mancebo concluiu:

— Portanto, amigo Arnaldo, si não ha outro meio de salvar-nos, vamos dormir, que este não serve.

Quando o sobrinho do capitão-mór affastava-se, Arnaldo preso de uma commoção profunda, murmurou:

— Eu não posso matar este homem. Mas Flor?...

O sertanejo saltou o barranco; e rodeando o tombador até à levada por onde passara no prin-

cipio da noite, de novo atravessou o cerco, mas desta vez para dirigir-se á caverna de Job.

O velho dormia; despertando ao rumor dos passos de Arnaldo. viu ao tenue vislumbre que entrava pelas fendas, o vulto do mancebo.

— Arnaldo!

— Preciso de ti, Job.

— E por quem ainda ando eu, alma penada, por este mundo, filho?

Arnaldo contou ao velho o que succedera aquella noite na Oiticica.

— Anhamum chegou.

— Ouvi os seus passos.

— Elle possue um veneno que mata, e outro que faz dormir apenas.

— Conheço.

— Tu lhe pedirás uma seta ervada que faça dormir um homem.

— E um arco.

— Sabes atirar com elle?

— Outr'ora eu frechava as andorinhas no ar.

— Posso contar comtigo?

— Conta com Deus, filho, si elle quizer abençoar-te.

— Não te demores.

— O teu pé não tem a aza de teu desejo; como a terá o meu que é velho e cançado.

Arnaldo tornou á casa. Começava a empallidecer o horisonte. Na habitação e em torno della reinava o mesmo silencio. No acampamento do Fragoso, os bandeiristas fatigados talvez da vigilia nocturna entregaram-se ao repouso da madrugada.

Appareceu no patamal o capitão-mór Campello que desceu ao terreiro passou revista á sua gente, visitou os postos que se tinham estabelecido em varios pontos mais proprios para a resistencia e mandou fazer nova distribuição dos cartuchos fabricados naquella noite.

Depois de ter provido á deffesa, o senhor da Oiticica chamou o capellão com quem teve uma breve pratica. Azoado com as ordens que recebia o capellão redargiu.

— Elle não soffrerá, sr. capitão-mór.

— Que remedio tem sinão soffrer?

— E as consequencias?

— Tem medo, reverendo?

— Si me dessem um bacamarte, mostraria que um padre é um homem; porem assim de braços cruzados, como um criminoso que vai á fuzilar...

— Temos dito, padre Telles; trate de cumprir as nossas ordens.

O capellão chamou alguns aggregados à capella, d'onde esses homens conduzirão para a frente do terreiro. adeante da oiticica, varios objectos cuja natureza não se podia bem destinguir por causa do escuro que ainda fazia.

A' claridade da alvorada que raiava, pode-se então divisar um altar já vestido de rica toalha de lavarintho e renda, desfraldada sobre o frontal de brocado carmezim. Na peanha erguia-se a cruz de pau santo, com a imagem de Christo lavrada em prata; dos lados estavam as serpentinas igualmente de prata.

Foi grande a sorpresa no campo do Fragoso. quando ali deram com a novidade que ia pelo terreiro da Oiticica.

Uma alvorada de cornetas chamou a attenção de todos, cujas vistas voltaram-se para aquelle ponto, e fitáram-se cheias de curiosidade no espectaculo, que se lhes apresentava.

A escolta do capitão-mór formava em duas alas de um e outro lado do terreiro, à partir dos cantos da casa, figurando as naves do altar, que ficava no centro. O menino, que servia de sacris-

tão, accendia com o gancho as vélas da serpentina, cuja flamma ainda luzia na fosca pallidez do crepusculo.

Ourem, que fôra um dos primeiros á acudir ao toque da alvorada, estava conjecturando sobre a significação daquella scena extranha, e ouvia as observações de João Corrêa e Daniel Ferro :

— E' alguma ladainha que vão resar para pedir a intercessão divina ; opinára o ultimo.

— Ou talvez queiram ouvir missa, para que o Espirito Santo inspire ao Campello uma boa resolução. E não passa de lembrança da mulher, a D. Genoveva.

— E da filha. Que pensa ? Ella já estava rendida à ternura do nosso Fragoso, e por seu gosto as cousas tomariam outro geito.

— Mas, senhores meus, acodiu Ourem, ladainha ou missa, não tinham elles a capella da fazenda, que lá está aberta ?

— E' que não cabêriam dentro.

— Não é gente da fazenda que lá vem descendo ? atalhou o licenciado apontando para o Nicacio que nesse momento deixava o terreiro em busca do acampamento do Fragoso.

— Espere! . E traz carta; accrescentou Daniel Ferro affirmando á vista.

Fragoso appareceu então. Embora tivesse accordado antes, e ouvisse o toque das cornetas, não quiz mostrar-se em desalinho, e primeiro cuidou de compôr-se com o apuro do costume, que não dispensava em nenhuma circumstancia, quanto mais nesta em que achava-se á vista de D. Flor e podia á cada momento ser chamado á sua gentil presença.

— Então que novidades temos, primo Ourem? perguntou o capitão.

O licenciado respondeu apontando para o portador que approximava-se, e declamando com emphase os versos que abrem um dos cantos das Luziadas:

> Depois de procellosa tempestade
> Nocturna sombra e sibilante vento,
> Traz a manhã serena claridade,
> Esperança de *amor e casamento.*

— Digo *amor e casamento* que para o nosso caso vale tanto como *porto* e *salvamento*; pois que melhor porto para o coração batido pelo mar procelloso das paixões do que o affecto sereno da esposa; e que melhor salvamento para as cala-

midades de uma guerra de familia, do que transformal-a em festa de bodas, e fazer dos inimigos parentes ?

Fragoso, alvoroçado com as palavras do Ourem, e com a vista do emissario que parecia confirma-las, recebia satisfeito essas alviçaras ; mas como acontece quando se alcança a realisação de um desejo muitas vezes frustrado, o mancebo ainda vacillava em acreditar na sua felicidade.

— Quem lhe diz, primo Ourem, que essa carta do capitão-mór nos trará tão boa nova ?

— Diz-me aquelle altar que lá está armado, primo Fragoso. O capitão-mór é soberbo e tambem desconfiado, céde á intimação porque não tem outro remedio ; mas quer fazer as cousas de modo que pareça que é elle quem ordena, guardando-se ao mesmo tempo de alguma futura logração.

— Cuida então que elle vae exigir de mim a condicção de casar-me sem mais demora com a filha ? tornou Fragoso á rir.

— Tenho-o como certo. Aquella carta é uma ordem, ou como diriamos em linguagem forense, um mandado cominatorio para o capitão Marcos Antonio Fragoso comparecer incontinente na

Oiticica afim de receber-se em matrimonio com a Sra. D. Flor Pires Campello, sob pena de, não o fazendo, ser tido e havido por desleal, indigno etc.

— Boa maneira de sahir-se da entalação ! observou João Correia.

— Assim fica parecendo que é elle quem obriga o primo Marços Fragoso á casar, e não ao contrario ; mas, como chegamos ao mesmo fim por este ou aquelle modo, que mal nos faz o velho rabugento ?

— Eu é que não o admittia, si fosse commigo ; exclamou Daniel Ferro.

— Em verdade esse desfecho não me parece muito conforme, primo Ourem ; disse Fragoso abalado pela opinião de seu parente de Inhamuns.

— Não nos venha cá embrulhar o caso, com as suas arrancadas de touro brabo, Daniel Ferro : isto não é vaqueijada ; trata-se de caça mais fina. E você, primo Fragoso, lembre-se que no fim de contas o capitão-mór Campello é seu futuro sogro.

Nesse momento o Nicacio que ainda vinha á uns cincoenta passos de distancia, fincou no chão

uma vara que trazia e tornou atraz, deixando a carta pegada na ponta da estaca.

Marcos Fragoso e Daniel Ferro trocaram entre si um olhar significativo ; e voltaram-se à uma para o licenceado de quem esperavam a explicação de tão singular procedimento.

O Ourem, um tanto enfiado com aquelle excesso de prudencia, que por certo não indicava mensagem pacifica e amistosa, adiantou-se ao encontro do João Correia, que tinha ido em busca da carta.

— Então, primo Ourem, é assim que se usa intimar os mandados lá no seu fôro ? disse Fragoso em tom de mofa.

— Vamos à ver ! respondeu o licenciado abrindo a carta que lhe entregara o João Correia.

Os quatro amigos leram à um tempo estas poucas palavras escriptas em bastardo no meio da folha de papel :

« O CAPITÃO-MÓR DE QUIXERAMOBIM, GONÇALO PIRES CAMPELLO, VAE MOSTRAR, AO NASCER DO SOL, CASO QUE FAZ DAS AMEAÇAS DE UM BANDOLEIRO ATREVIDO.

Não se tinha dissipado ainda o pasmo produzido

por este repto insolente, quando o sino da capella começou á tanger uns repiques festivos.

Todos os olhares voltaram-se para a casa; e fitaram-se attonitos na scena que ali se desdobrava naquelle instante.

XX

O CASAMENTO

O primeiro golpe de luz, jorrando do oriente, foi bater de chapa na frente da casa.

Tinha nascido o sol.

No patamal, acabàva de assomar o vulto magestoso do capitão-mór Campello, que trajava a sua farda de velludo escarlate com recamos e galões dourados.

Os calções eram, como a vestia, de gorgorão branco entretecido de prata ; e os cothurnos do mais fino cordovão, tinham no salto vermelho a espora de ouro, e na pala do rosto uma fivela de pedrarias.

Ao lado prendia-lhe do talim bordado a espada com bainha tambem de ouro e copos cravejados

de diamantes, como o argolão que prendia-lhe ao pescoço a volta de fina cambraia, cujas pontas cahiam sobre os folhos estufados da camisa.

O chapéo de feltro, armado como então usava-se, com a aba da frente apresilhada e um respeitavel rabicho com laçada de fita amarella completavam o trajo de ceremonia do capitão-mór.

Com elle sahira D. Genoveva, tambem vestida de gala, com uma roupa mui rica de velludo azul, alcachofrada de ouro, e coberta de gemmas preciosas deste o pente do toucado atê os sapatos de setim.

Collocaram-se ambas, marido e mulher, de um e outro lado da porta, um tanto voltados para dentro como esperando alguem que devia passar.

Appareceu então D. Flor.

A donzella vinha radiante de formosura e graça. Debuxava-lhe o talhe airoso um vestido de lhama de ouro, justo e de estreita roda como usam-se agora á moda daquelle tempo.

Uma petrina de setim azul recamada de rubis, como uma faixa de céo estrellado, cerrava-lhe a mimosa cintura, e recortando-se em coração, debuxava um collo de mais perfeito cinzel. Eram

dessa mesma teia celeste os chapins em que se engastavam as joias de dois pés de sylphide.

A tunica de velludo carmezim, atufando-se em dois elegantes falbalás, formava a cauda que a gentil donzella arrastava com o altivo garbo de uma rainha.

O toucado alto, composto de crespos que borbulhavam uns sobre outros como as ondas de uma cascata, era coroado por um diadema de brilhantes, que centillavam aos raios do sol nascente, sobre aquella fronte senhoril, como si a aurora brilhasse da terra para o céo.

Preso por um airão de ouro, o longo véo de alva e finissima renda de escossia, todo semeado de raminhos de alecrim e flôr de laranja, com lizes de ouro, descia-lhe até os pés, e arfando ás auras matutinas formava-lhe uma nuvem diaphana.

Pousava a mão calçada com luva de seda branca no braço de Leandro Barbalho, tambem trajado com apuro e riqueza e pelo mesmo teor do capitão-mór com a differença de trazer a casaca de setim verde de Macáo.

A' esse tempo, padre Telles vestido com os paramentos sacerdotaes, sahia da capella acom-

panhado pelo sacristão, e ia ao encontro do capitão-mór recebe-lo e á sua familia de hysope e thuribulo, como era então de rigor fazer aos principes e governadores.

D. Flor conduzida pelo cavalheiro desceu os degráos da escada, e dirigiu-se ao altar, precedida pelo capellão e acompanhada pelo capitão-mór e D. Genoveva. Alina, Justa, e outras mulheres do serviço da casa tiveram licença para assistir á ceremonia.

Faziam parte do sequito e seguiam logo apoz do capitão-mór, tres pagens negros como azeviche vestidos á moda antiga de pellotes de setim amarello os quaes levavam ao hombro os bacamartes do dono da Oiticica.

Os aggregados da fazenda estavam sorprehendidos com aquelle espectaculo, cuja significação muitos ainda não atinavam. Nesse enleio, olhando a formosa donzella que passava radiante parecia-lhe vêr a imagem de Nossa Senhora da Conceição no resplendor de sua festa.

D. Flor tinha com effeito em seu puro e niveo samblante a maviosa serenidade que se admira nos mais bellos modelos da Santissima Virgem; e que é como um ressumbro do céo.

Para a casta e altiva donzella, o acto em que tomava parte não era um casamento, nem nesse instante a dominavam os enleios que a ceremonia nupcial produz naturalmente em uma virgem, e os sentimentos que desperta esse transe solemne da vida.

D. Flor não se recordava nessa hora sinão que ia vingar a sua dignidade ultrajada, e desafrontar o orgulho de seu pai escarnecido pela insolencia do Fragoso.

Os mais antigos lembraram-se de D. Genoveva, quando vinte annos antes, e moça gentil como a filha, o capitão-mor Campello a conduzira ao altar, vestida com aquellas mesmas roupas e adereços de gala, que serviam agora á D. Flor

Naquelle tempo era assim, os estofos e fasendas tinham tal dura que passavam de pais á filhos e transmittiam-se por muitas gerações. Hoje em dia tecidos merecem a mesma fé que palavras e acções do homem ; são uns ouropeis, de um brilho ephemero, que desapparecem com as modas.

Porisso quando na vespera Campello communicou sua resolução á D. Genoveva, esta não careceu para preparar o trajo de noiva da filha se-

rão de abrir o bahú de cedro forrado de primavera, onde guardava as ricas louçanias de suas bodas.

Arnaldo, arredio contemplava esta scena com o desespero n'alma. Quando D. Flor surgiu no fulgor de sua belleza, elle fechou os olhos deslumbrado, como si os tivessem ferido os raios do sol.

Vendo a mulher de sua adoração presa das chammas, e estorcendo-se em horriveis convulções, sem poder salva-la, não passaria pelos tratos crueis que soffreu naquelle instante.

D. Flor atravessou o terreiro com o seu sequito e foi ajoelhar em frente ao altar sobre a almofada de velludo que ali a esperava. Leandro Barbalho ajoelhou á seu lado, o capitão-mor e D. Genoveva logo apoz.

O sacerdote começou á celebrar, e toda a gente da fasenda ouviu devotamente a missa, incluindo a escolta que rezava de mãos postas e com a espingarda abraçada ao peito.

Soou de repente um brado seguido muito de perto de grande alarido, e de uma descarga de de fusilaria.

Marcos Fragoso, como seus amigos, tomados da primeira sorpresa, não comprehenderam logo a significação da scena que tinham diante dos

olhos. A distancia, produzindo alguma confusão no aspecto dos grupos, não lhes deixou ver claramente a posição de D. Flor ao lado do Leandro Barbalho, e as flores de laranja e ramos de alecrim, emblemas do matrimonio.

Conheceram bem que tratava-se de uma ceremonia religiosa ; mas estavam tão longe do desfecho ordenado pelo capitão-mor, que não lhes acudiu a idéa de um casamento áquella hora, e nas circumstancias em que se achavam o dono e moradores da Oiticica.

O respeito ao symbolo da redempção e aos sacramentos da igreja, dominou-os á todos; e os teve por algum tempo, calados, immoveis, perplexos e curiosos de uma explicação daquella singular occurrencia.

Foi quando o sacerdote, depois de ter levantado á Deus, voltou-se com a hostia consagrada e administrou a Santa Communhão á D. Flor primeiro, e á Leandro Barbalho depois, que Fragoso teve subita revelação do que era até ali um enigma para elle e seus companheiros.

— Inferno ! bradou em furia. Vão casar-se.

— O geito é disso ; observou Daniel Ferro.

— Fogo! ordenou o moço capitão aos seus bandeiristas.

—E a missa? perguntou o Onofre por desencargo de consciencia.

— Leve tudo o diabo! gritou Fragoso armando o bacamarte.

— Então, minha gente, começa o fandango. Quero ver esta pontaria! Na cabeça do padre, que é a causa de tudo. Sem padre não se faz casamento.

A bandeira do Onofre com o Marcos Fragoso á frente deu a primeira descarga, e carregou para avançar. João Correia e Daniel Ferro correram ao sitio onde tinham acampado a sua gente, para atacar de seu lado.

Quanto ao Ourem, não tendo conseguido com a sua diplomacia resolver o *casus belli*, reservou-se para mais tarde ajustar a paz; e dando tregoa á rethorica, passou á mostrar que sendo preciso tambem exercitava-se nas lides de Marte, embora preferisse as de Calliope e Mercurio.

Ao estrondo da fuzilaria, houve no terreiro da Oiticica uma percussão geral, como era de prever; mas o capitão-mór, erguendo-se de um im-

peto, e perfilando a corpulenta estatura bradou com uma voz formidavel:

— Ao fogo, os da escolta. Ninguem mais se mova. Padre, acabe a ceremonia.

Padre Telles comprehendeu que sendo elle, não o agente. mas o instrumento da provocação imaginada pelo capitão-mór, devia tornar-se o alvo principal dos tiros do Fragoso empenhado sobretudo em impedir o casamento.

O nosso capellão fazendo este raciocinio sentiu um ligeiro arrepio, e encolheu-se um tanto dentro da casula como um jaboty no seu casco, lançando de esguelha um olhar para o campo inimigo. Mas continuou à officiar como si estivesse na capella entre grossas paredes.

D. Flor, absorta em seus pensamentos, ergueu a fronte ao estampido da fuzilaria, e fitando com sublime expressão a imagem do Christo suspensa ao crucifixo, seu rosto illuminou-se de um sorriso angelico.

Talvez nesse instante ella entreviesse o martyrio com um sentimento de bemaventurança e pedisse à Jesus a sorte da Mãi Santissima, esposa e virgem, esposa para desaffrontar o orgulho paterno e

a sua dignidade, virgem para voar ao céo immaculada como de lá descera sua alma.

Leandro Barbalho teve um impeto de impaciencia. Queria-se já unido á D. Flor, e desembaraçado da ceremonia religiosa para correr ao combate, e desfechar sobre o inimigo os assomos bellicosos, que o estremeciam de raiva.

— De pressa, padre !

— Cuida elle que estou aqui n'um regabofe ?

D. Genoveva ajoelhada junto de Flor, estremeceu com a descarga ; seu primeiro movimento foi adeantar-se para cobri-la com seu corpo, sentindo não ser-lhe dado repartir-se em duas, uma que ali ficasse, e outra que seguisse o marido.

Do resto das mulheres, todas tiveram medo ; mas quem ousaria fugir, quando o capitão-mór expunha sua propria mulher e filha ao maior perigo ? Alina, quasi desmaiada, cahiu sobre os joelhos ; e Justa tremula de susto foi collocar-se perto de D. Genoveva, para morrer ao lado de sua filha de criação.

Intimando a sua ordem, o capitão-mór com a gente da escolta acodiu á postos ; e travou o combate com os assaltantes. As descargas succe-

diam-se com rapidez de um e outro lado, cruzando um fogo rolante, que tornava-se cada vez mais mortifero á proporção que diminuia a distancia entre os dois bandos.

O capitão-mór Campello, em pé em cima do muro, disparava um apoz outro os tres famosos bacamartes que os seus pagens carregavam logo depois do tiro, e ainda assim não bastavam ao seu braço infatigavel. A violenta repercursão das armas de tão grosso calibre, não abalava o porte desse homem possante, que formava elle só uma bateria de trez bocas de fogo.

Por isso em frente do logar, onde se postava, abria-se um rombo na linha inimiga. Si o Fragoso, ou algum de seus capitaens de bandeiras, juntava sua gente em columna, e investia contra a casa, o capitão-mór corria-lhe ao encontro ; os tres bacamartes vomitavam uma chuva de balas e metralhas, deante da qual o inimigo destroçado rebolcava-se para traz.

Quando os cabras do Onofre viam a boca medonha do *Jacaré*, ou o clarão vermelho do *Pharol*, e ouviam o estampido do *Trovão*, diziam baixinho — *Ave-Maria* ! e apalpavam-se para conhecer si tinham algum estilhaço na pelle.

Mais rude e terrivel combate era o que nesse instante dava-se n'alma de Arnaldo.

Crivado ao solo como um poste, no meio das ballas que zuniam-lhe aos ouvidos, os olhos saltando de D. Flor á Leandro Barbalho, e remontando anciosos á copa da oiticica ; elle estava ali como um homem atado ao potro, e dilacerado pelo barbaro supplicio. Uma parte de sua alma D. Flor a levava apoz e debalde elle a chamava á si ; outra o horror do que via a arrancava d'ali e a arrojava para longe.

Entretanto no meio do fogo rolante, o Campello ao abaixar o bacamarte fumegante, lançava um olhar rapido para o altar e bradava em tom imperioso.

— Prosiga, padre !

O capellão não carecia de ser instigado ; elle comprehendia a grande vantagem que havia para todos começando por si em terminar brevemente a ceremonia, jà que não a podera evitar como aconselhara e era mais prudente.

Rolos espessos de fumo da polvora, tangidos pela viração da manhã, se foram condensar no ponto do terreiro onde erguia-se o altar, e envolviam de uma bruma sinistra o grupo formado

pelo sacerdote e pelas pessoas joelhadas á seus pés.

Essa nevoa pardacenta era ás vezes illuminada pelos clarões purpureos dos tiros mais proximos, e iam ou pelas ballas vermelhas que passavam sibillando perder-se alem, ou cravar-se no tronco da oiticica.

Apezar da resistencia desesperada do capitão-mór e de sua escolta valente como as armas, não podia esse punhado de homens repellir por mais tempo o assalto bem dirigido das tres bandeiras do Fragoso, cada uma dellas mais numerosa do que a pequena força dos sitiados.

Assim Campello já não cuidava sinão de dar tempo à que se acabasse de celebrar o casamento para morrer defendendo sua familia, e lavando no sangue o insulto que soffrera. A' cada tiro que dava, ouvia-se sua voz retumbante gritar ;

— Acabe, padre !

Nesse momento o sacerdote estendeu a ponta da estola, sobre a qual é do rito catholico unir as mãos dos noivos, no momento de proferirem as palavras sacramentaes.

Ouviu-se então um fremito de terror, e a voz de Arnaldo que bradou em um grito de angustia :

— Job ! .

XXI

DEOS NÃO QUER.

Uma descarga mais proxima tinha alcançado a escolta da Oiticica, e á um e outro lado do capitão-mór tombaram as pilhas de combattentes.

Foi o Xavier um dos que mordeu o pó. Ferido mortalmente, o infeliz estrebuchou no chão; mas soerguendo-se logo sobre o cotovello, gritou em uma golphada de sangue:

— A absolvição, senhor padre! Pela graça de Deus!

Com supremo arranco rojou-se por terra como uma serpente, fazendo inaudictos esforços para aproximar-se do sacerdote á quem estendia as mãos.

Justa e outras mulheres tranzidas de horror, mas tocadas de commiseração, tomaram o

moribundo nos braços e o levaram ao sacerdote, que ficou perplexo.

— Elle não póde esperar; disse D. Flor erguendo-se.

O capellão suspendeu a celebração do casamento; e tomando os santos oleos administrou a extrema-unção ao moribundo.

— Está acabado, padre Telles? bradou o capitão-mór voltando-se para o altar.

O sacerdote levantou de novo a ponta da estola, e travou da mão de Leandro Barbalho primeiro; depois recebeu a de Flor; mas não chegou á uni-las ambas, porque nesse momento a do noivo fugiu-lhe.

Soára rapido sibillo; uma seta fina e breve, cortando os ares picára a arteria cervical do sobrinho do capitão-mór. O mancebo ainda ergueu a mão esquerda, suppondo-se mordido por uma abelha; mas não a levou ao pescoço. Cahiu como fulminado.

No meio do estupôr causado por esta morte, ninguem tinha notado o salto de Arnaldo, que em um arremesso feroz sacára a faca da bainha, e correu sobre o altar. Ao baque do corpo, elle estacára; mas ainda com o golpe alçado.

Foi D. Flor quem primeiro o avistou, quando as mulheres que a cercavam cedendo afinal ao terror, fugiam espavoridas, e D. Genoveva abraçada com ella a puxava para a casa.

— Arnaldo ! disse a donzella resistindo á soffreguidão materna, e acenando ao sertanejo que se approximasse.

— Recolha-se, Flor ; exclamou Arnaldo, recobrando afinal o seu animo prompto e resoluto.

— Meu lugar è aqui, perto de meu pai, disse ella mostrando o capitão-mór que não poupava os tiros de seus bacamartes. Morreremos juntos.

— Não, Flor, não morrerá.

— Fique aqui perto de mim, Arnaldo. Si meu pai cahir antes que uma bala me leve, quero que me trespasse o coração com sua faca. Jure-me, Arnaldo ! Jure-me, que não cahirei viva nas mãos dessa ralé.

— Nem viva, nem morta, eu o juro, Flor.

Emquanto Justa á um aceno delle, agarrava D. Flor e a levava á casa seguida de D. Genoveva, Arnaldo galgando o muro, soltou o grito de guerra do chefe Anhamun, e arrojou-se ao combate, montado no Corisco, occulto ali perto á sua espera.

Levantou-se além, em torno da linha inimiga a pocema dos Jucás ; e uma longa fila de selvagens ornados de pennas de canindés e araras, colleou pelo campo semelhante a uma serpente monstruosa que enroscasse em seus élos os bandeiristas do Fragoso.

Pouco depois Agrela à frente de sua escolta avançou pela varzea e foi cortando a bandeira do João Correia, como a cunha de um machado que penetra no cerne do madeiro e o fende.

Os assaltantes, que já estavam á tomar de escalada o terreiro da Oiticica, atacados pela retaguarda, e mettidos entre dois fogos, recuaram em desordem atropellando-se.

Quando o capitão-mór e Arnaldo investindo cahiram sobre elles, a derrota foi completa. O sertanejo descobrava-se do tempo que perdera, immovel no terreiro e pelejava por déz. Seu bacamarte esquentou á ponto de inflamar a polvora com o calor ; então arrancando o arcabuz de um inimigo que sucumbiu, meneou-o como um clava.

Fragoso batia-se tambem com uma sanha de leão. Já os outros fugiam à redea solta, que elle e o Daniel Ferro ainda sustentavam o choque do inimigo ; mas quando as forças con-

trarias refluiram todas sobre elles, não poderam mais suster o impeto, e por sua vez abandonaram o campo.

Emquanto o Campello com Arnaldo e Agrela acossava os fugitivos, e o chefe Anhamum com seus indios despojava os cadaveres de que estavam os campos juncados, D. Genoveva tornando do assombro causado pelas ultimas scenas, deu ordem ás escravas que fossem buscar o corpo de seu sobrinho Leondro Barbalha.

Ellas obedeceram; mas o corpo não foi encontrado e ninguem sabia explicar o facto. A velha Filippa que espiava por uma seteira, dizia ter visto um diabo carregande um morto e persignava-se. Mas a descripção que ella dava do tal diabo que tinha chifres amarellos, e chamas á sahirem-lhe do corpo, era de um indio brabo com cocar e trofa de pennas.

Foi só por tarde que o capitão-mór voltou de perseguir o inimigo e não voltou sinão obrigado pela fadiga de sua gente que pelejava desde o romper do dia, e tambem pela estafa dos cavallos. Mas o orgulhoso fazendeiro deixou rastejadores para descobrirem a pista do Fragoso ; e jurou que em poucos dias se poria à caminho para arrazar

a fazenda das Aráras nos Inhamuns, e agarrar o atrevido onde quer que elle se escondesse.

A' poucos passos da fazenda, Arnaldo viu Job ao longe, sentado em um tôco de pau negro do fogo e com os olhos submergidos no azul do céo.

— Porque tardaste, Job?

— Aquelle homem não te pertencia emquanto a sorte podesse mudar seu destino. Esperei para ver si Deus mandava uma bala que o levasse.

— Sua vida não corre perigo.

— Sua vida, não; foi sua felicidade que mataste.

— Elle não ama D. Flor.

— Ama sua liberdade, filho.

Arnaldo ficou pensativo; elle sabia que amor é esse da independencia, a melhor aura do coração brioso.

— Não te desconsoles, filho; é preciso que os homens se devorem entre si, para que a terra caiba a raça de Caim.

O velho absorveu-se de novo em sua cogitação; e Arnaldo dirigiu-se á Oiticica, onde o capitão-mór ja tinha chegado, e achava-se no meio de sua familia, depois de haver trocado as effusões do mutuo contentamento.

A recordação da morte de Leandro Barbalho anuviara a alegria que em todos excitava o triumpho inesperado em tão arduas circumstancias como aquellas em que se achara a fazenda. Mas essa magoa esqueceu naquelle instante de ventura para voltar depois.

O capitão-mór já sabia pela Agrela de tudo quanto Arnaldo fizera para prevenir o assalto, e rechaçal-o com vantagem. Assim vendo approximar-se o sertanejo, elle foi ao seu encontro, e travando-lhe da mão veio apresental-o á mulher e á filha.

— D. Geneveva, aqui está quem salvou-nos. A elle devemos todos a vida, Flor.

— Mais que isso, meu pai: a felicidade de estarmos agora aqui reunidos, e a satisfação de ver castigados aquelles que nos insultaram.

— E' assim. Arnaldo nós queremos dar-lhe uma prova da nossa gratidão pelo serviço que nos prestou. Peça o que quizer?

— O sr. capitão-mór promette dar-me o que desejo? perguntou o sertanejo singelamente.

— Não promettemos, e nem juramos. Está feito! O capitão-mór Gonçalo Pires Campello não é,

quem manda aqui neste momento; falle, Arnaldo para ser obedecido.

O sertanejo estremeceu. Uma vertigem passou-lhe pelos olhos, que elle cravou no chão. Afinal recalcando a emoção que lhe tinham causado as palavras do capitão-mór, respondeu já calmo e com voz segura:

— Peço a mão de Alina.

— Essa lhe pertence, Arnaldo, criei-a para ser sua mulher; disse o capitão-mór.

Um leve desmaio perpassara o formoso semblante de D. Flor. Quanto à Alina, sentira-se como envolta por uma chamma; a onda, que refluira do coração, abrazando-lhe as faces, turbou-lhe os sentidos.

— Não peço a mão de Alina para mim; replicara entretanto Arnaldo; mas para um coração nobre que a merece; para o ajudante Agrela.

— Oh!...fez o fazendeiro sorpreso. Que diz a isso o nosso ajudante?

— Que seria a minha ventura, sr. capitão-mór, si ella consentisse.

— E para si Arnaldo que deseja? insistiu Campello.

— Que o sr. capitão-mór me deixe beijar sua mão ; basta-me isso.

— Tú és um homem, e de hoje em diante quero que te chames Arnaldo Louredo Campello.

Proferindo estas palavras em uma expansão de enthusiasmo, o capitão-mór abraçou o sertanejo. Depois tomando a mão da Alina, deu-a ao Agrela.

— As bodas se farão, logo que se acabe o luto por nosso infeliz sobrinho Leandro Barbalho.

Foi cruel o desencanto de Alina quando ao tornar á si da commoção produzida pelo pedido de Arnaldo, sentiu sua mão na mão do Agrela. A linda moça fitou no sertanejo um olhar de martyr e suas palpebras cerrando-se com uma expressão dorida, pareciam desdobrar um sudario para velar a formosa estatua.

Agrela presentira o que se passara n'alma de Alina, e soltando-lhe a mão, murmurou :

— Não se assuste, Alina. Juro que não acceitarei sua mão, emquanto não m'a der de sua livre vontade.

O capitão-mór e D. Genoveva recolheram-se á casa, onde os seguiu Alina ; Agrela apertou a mão de Arnaldo e retirou-se tambem.

Era então ao por do sol.

Flor, que poucos antes apartara-se do grupo da familia, fôra sentar-se no banco da oiticica, e engolphou-se nas cismas, que despertava a lembrança ainda tão recente dos acontecimentos que haviam agitado sua existencia feliz e serena.

Arnaldo approximou-se, e vio o mavioso semblante da donzella tocado de uma doce melancolia, como si o crepusculo do céo que ella fitava se reflectisse em suas feições gentis. Os grandes olhos limpidos e brilhantes empanaram-se; e duas lagrimas rolaram pelas faces rubescentes.

— Está triste, Flor? disse Arnaldo.

A donzella sobresaltou-se:

— Estou com pena de Leandro.

— Queria-lhe muito? perguntou Arnaldo tremulo.

— Era meu primo; e morreu por minha causa.

— Só?..

O sertanejo interrogou o semblante de Flor, que pousando nelle seus olhos avelludados, respodeu:

— Deus não quer que eu me case, Arnaldo!

No transporte do jubilo que inundou-lhe a alma, o sertanejo alçou as mãos cruzadas para

render graças ao Deus, que lhe conservava pura e immaculada a mulher de sua adoração.

Flor corou ; e afastou-se lentamente. Quando seu vulto gracioso passou o limiar da porta, Arnaldo ajoelhando, beijou o ar ainda impregnado da suave fragancia que a donzella derramava em sua passagem.

CONCLUSÃO

Aqui termina a historia à que dei o titulo de *Sertanejo.*

O mysterio que envolve o passado de Job só depois veio a revelar-se ; e como esses acontecimentos prendem-se intimamente á vida de Arnaldo, guardo-me para referil-os mais tarde, quando escrever o fim do destemido sertanejo cujas proezas foram por muitos annos naquelles geraes o entretenimento dos vaqueiros nos longos serões passados ao relento, durante as noites do inverno.

FIM

NOTAS

1º VOLUME

Que atravessei. (pag. 4) Refere-se a viagem que fez o author do Ceará a Bahia por terra nos annos de 1838 a 1839.

A essa jornada cheia de accidentes e feita aos nove annos, deve o author as mais vigorosas impressões da natureza americana, e das quaes se acham os traços em muitos de seus livros, especialmente no Guarany e Iracema, e agora no Sertanejo.

Montes e Feitozas. (pag. 46) Não fallaria o author dessas lutas, si ellas não pertencessem á historia. Nessa referencia não vae porém a menor allusão á importante familia de Inhamuns. Não é ella responsavel por excessos de que outróra accusaram seus parentes; além de que taes excessos eram proprios do tempo, e peiores praticaram na Europa os ascendentes de muitas das principaes familias.

O author não podia referir-se sinão com sympathia a uma familia de que é chefe seu amigo o coronel Joaquim Leopoldino de Araujo Chaves, cujos serviços no tempo da guerra não foram remunerados nem pelos liberaes, seus correligionarios, nem pelos conservadores. Como elle foram esquecidos muitos outros commandantes superiores de ambos os partidos, por terem o peccado original de serem *Cearenses*.

Thesoureiro. (pag. 70) E' o nome que dá o povo a uma gaivota que annuncia o temporal, porque apparece pairando quando a chuva se aproxima.

Comadre. (pag. 133) Usava-se muito na provincia ajudar a criação dos filhos com uma cabra.

Bolandeira. (pag. 214) Dão este nome na provincia unicamente a roda que move o ralador de mandioca; a que move as moendas chamam almanjarra ou engenho.

2º VOLUME

Sorubim. (pag. 55) Gado cuja côr imita a do peixe desse nome.

Tinguy (pag. 137) E' um arbusto muito conhecido pela virtude narcotica, que embriaga o peixe, o gado, e chega a matar.

Banguê (pag. 164) E' um cestão feito de couro crú, que usam na provincia para passar os rios cheios. O author passou assim o Riacho da Brigida. No sul chamam pelota.

Cabrinha. (pag. 160) Cabra, applicado ao homem designa o mestiço de côr escura. No Ceará porém applica-se geralmente para desigar o homem do campo, de genio aventureiro, e animo destemido.

Temero. (pag.) Abreviação sertaneja de temerario.

Tombador. (pag. 274) Declive das collinas que accidentam os campos do sertão.

Magnifica (pag. 287) A oração latina que principia pela palavra *magnificat*.

Tapyjara. (pag. 296) E' uma palavra tupy de origem moderna, e significa vaqueiro. Os indios chamavam ao boi, anta grande.

ERRATA

Alem dos erros de impressão, escaparam muitos lapsos de revisão que deixamos aqui notados, e outros que por insignificantes não apontamos.

Quanto as irrigularidades orthographicas são constantes e inivitaveis emquanto não houverem bons rivisores.

Pag.	Linh.	Erro	Emendas
5	1	Santa Rita	Santa Maria
10	1	uma mortalha	mortalha
«	16	do mato	de mato
11	13	encontra	percebe
14	13	e breve desapareceu	—
18	11	riflar	rifar
«	15	vinte annos	vinte e um annos
21	4	que assomava	a assomar
«	«	e precipitava-se	e precipitar-se
23	7	a suspendeu	o suspendeu
25	21	que foi	mas que foi
32	23	ordeno!	ordenamos!
36	5	que perde	que perdera
40	2	parecia-me	pareciam-me
45	5	do começo	do fim
«	9	como	a semelhança do que
«	20	prodigiosio	prodigioso
46	13	Feitosa	Feitosas
48	16	todos	—
49	10	aturdiu	o aturdiu
53	5	amarrando-lhe	amarrando
54	14	vargeta	varzea
89	16	não disse	não; disse
93	17	colossas	colosso

Pag.	Linh.	Erro	Emenda
94	6	tinhoso	Tinhoso
98	3	cavalheiro	cavalleiro
110	22	as outras	os outros,
120	23	elleza	belleza
126	9	distribuiaão	distribuição
135	24	inenuo	ingenuo
137	5	ouviu-lhe	ouvia
142	22	Abreu ?	Abreu,
146	5	a cerca da opinião	na opinião
149	4	consumira	consumia
154	14	seo companheira	seu companheiros
156	7	ouv	ouvi
160	13	nomato	no mato
«	23	homb	hombro
162	12	eu disse	nos dissemos
«	13	considerei	consideramos
163	«	carreira	caseira
173	2	inimigo	Inimigo
«	23	Manda	Mande
177	7	que	e que
178	16	mas	—
182	8	causou sorpresa	admirou
191	7	a casa	da casa
214	21	trouxe-lhe	trouxe
220	4	Mourão	Moirão
233	20	Ella tinha	Tinha
234	3	em se	em que se
«	13	ella	—
235	18	e a desconfianca do	e o
237	14	seio	amago
244	26	a bolandeira	á bolandeira
248	11	não se animava á	não pensava em
«	18	obrigaram	obrigavam
252	6	tao tem	não tem
253	6	animales e o captiva	animaes e os captiva
255	24	ficara	estava

SEGUNDO VOLUME

Pag.	Linh.	Erro	Emenda
9	14	as castellões	os castellões
21	12	divididas	divididos
24	25	industrio	industriosa
26	6	comboeiros	comboieiros
«	23	acha-lhe	acho-lhe
47	24	cavalheiros	cavalleiros
56	1	campeador	campeadores
71	12	assim	—
«	24	defferencia	deferencia
57	16	outros: e	outros e
58	14	donsella	donzella
65	22	poderia	poderiam
67	9	cavalheiro	cavalleiro
72	24	a parar	parar
75	1	Fragoso	Fragoso ?
«	19	cavalheiro.	cavalleiro
«	21	prolongada	prolongados
77	4	historias	historia
«	10	empos remotos	eras remotas
80	6	cavalheiros	cavalleiros
84	13	vaqueir	vaqueiro
87	13	idolatava	idolatrava
«	17	jujo	jugo
88	8	camarada	camarada
98	3	depois	—
99	10	ganhar	ganharem
109	2	varsea	varzea
«	13	donsella	donzella
101	19	carnauba	carnaubas
102	6	o seu traje	o traje
1(3	3	original, de	original de

Pag.	Linh.	Erro	Emenda
«	11	em um vacuo	um vacuo
«	12	pasar	passar
103	22	aquelle	aquelle seu
105	14	lhe excedem	os excedem
107	14	olhos e	olhos
110	20	tardava	tardara
114	1	sua ponta	á ponta
117	24	logo	—
121	2	areda	aseda
124	2	o movimento	os movimentos
126	9	recrusamento	crusamento
127	2	de cerrado	do cerraho
131	8	olha, o diabo	olha o diabo
132	18	cavalheiros	cavalleiros
134	6	esbarrar-se	esbarrarem
150	14	ouvir a	ouvira
152	5	Borgado	Bargado
159	6	acarocoava	acaroçoava
«	16	Arnão	Arnao
160	21	trambulhões	trambolhões
164	10	sorprehende	sorprehender
173	23	agrada-lo	agradar-lhe
176	7	oude	onde
206	4	dirigia	dirigiu
211	11	n ga	nega
«	13	digo	diga
215	22	ogar	logar
220	9	tribu	taba
229	4	rsplic ragoso	replicou Fragoso
233	23	vigilanoia	vigilancia
236	21	daquella	dessa
242	14	protexto	pretexto
248	2	infilis	infeliz
256	1	junto delle	junto delle,
265	20	çapão	capoão
391	1	alta noite	alta a noite
313	22	Caso	o caso

INDICE